

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUISTA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

JULIO CESAR CAETANO COSTA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA POESIA ERÓTICA ROMANA: POLÍTICA E
SEXUALIDADE EM CATULO (I A.C.)**

FRANCA

2023

JULIO CESAR CAETANO COSTA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA POESIA ERÓTICA ROMANA: POLÍTICA E
SEXUALIDADE EM CATULO (I A.C.)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História e Cultura. Sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (Departamento de História e Pós-graduação em História da UNESP/Franca).

FRANCA

2023

C837r Costa, Julio Cesar Caetano
Representações de gênero na poesia erótica romana:
política e sexualidade em Catulo (I a.C.) / Julio Cesar Caetano
Costa. -- Franca, 2023
132 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Margarida Maria de Carvalho

1. História do Império Romano. 2. Catulo. 3. política. 4.
sexualidade. 5. gênero. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JULIO CESAR CAETANO COSTA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA POESIA ERÓTICA ROMANA: POLÍTICA E
SEXUALIDADE EM CATULO (I A.C.)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito
para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História
e Cultura.**

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (UNESP/Franca)

1^a Examinadora: _____

**Prof.^a Dr.^a Nathalia Monseff Junqueira (UFMS/Pantanal – Pós-doutoranda
UNESP/Franca)**

2^a Examinadora: _____

Prof.^a Dr.^a Semíramis Corsi Silva (UFMS/Santa Maria)

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa se mostrou um grande desafio intelectual e a sua finalização só foi possível graças ao apoio que recebi no decorrer de toda essa jornada. Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho, por todos os ensinamentos e principalmente pela paciência ao me instruir quanto a temas de pesquisa tão delicados. Sou grato à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Franca) pelo suporte oferecido nos anos que se passaram.

Agradeço também aos membros da minha Banca de Qualificação, constituída pela Prof.^a Dr.^a Luciane Munhoz de Omena (UFG/Goiânia) e pela Prof.^a Dr.^a Semíramis Corsi Silva (UFSM/Santa Maria). Sou grato à Prof.^a Dr.^a Nathalia Monseff Junqueira (UFMS/Pantanal – Pós-doutoranda UNESP/Franca), à Prof.^a Dr.^a Natália Frazão José (UNESP/Franca) e à Prof.^a Dr.^a Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP/Assis) por seu ingresso à nossa Banca de Defesa como titular e suplentes respectivamente. As suas recomendações e comentários foram fundamentais para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer à querida Larissa que, mais do que uma colega historiadora, tornou-se uma grande amiga que muito me apoiou nessa trajetória. Sem o seu respaldo, a escrita desta Dissertação não seria possível. Aos meus amigos, Rick, Vanessa e Igor, por todo o tempo desprendido ao me ouvirem falar exaustivamente acerca da minha pesquisa e pelas suas contribuições nas nossas longas conversas. Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha mãe pela base familiar de que dispus nos últimos anos para efetuar um bom trabalho. A todos vocês, minha gratidão imensurável.

RESUMO

Esta Dissertação tem por intuito analisar as representações e os discursos sexuais e de gênero presentes nas poesias invectivas de Catulo, poeta que viveu nos anos finais da República Romana no século I a.C. A princípio, voltamo-nos para o contexto socioliterário do poeta e do grupo em que esteve inserido, os *poetae neoterói*, a fim de elucidarmos o caráter social e coletivo da experiência poética na Antiguidade Romana. Em seguida, elaboramos um levantamento bibliográfico dos mais recentes estudos sobre as representações sexuais e de gênero na Antiguidade. Dessa forma, demonstramos a variedade de discursos e problematizamos a binariedade e oposição presumida entre masculino e feminino. Desejamos elucidar que as narrativas poéticas encenam e retratam múltiplos discursos sexuais e de gênero. Em seguida, traçamos possibilidades e aproximações entre os discursos e as práticas cotidianas, levando em conta as limitações concernentes a um texto literário. Por fim, miramos os poemas selecionados e discutimos as perspectivas e questões decorrentes da visão catuliana tangentes às práticas por ele encenadas. Nosso repertório teórico engloba os estudos mais recentes ligados à sexualidade, às práticas sexuais e ao gênero. Discutimos as argumentações acadêmicas que presumem uma hegemonia dos comportamentos e discursos sexuais na Antiguidade Clássica. Em conclusão, expomos a utilização do vocabulário erótico como ferramenta legítima de crítica social e política.

Palavras-chave: História do Império Romano; Catulo; política; sexualidade; gênero.

ABSTRACTY

This Dissertation aims to analyze the sexual and gender representations and discourses present in the invective poetry of Catullus, a poet who lived in the final years of the Roman Republic in the 1st century BC. At first, we turn to the socioliterary context of the poet and the group in which he was inserted, the *poetae neoterici*, in order to elucidate the social and collective character of the poetic experience in Roman Antiquity. Then, we elaborate a bibliographic survey of the most recent studies on sexual and gender representations in Antiquity. In this way, we demonstrate the variety of discourses and problematize the presumed binary opposition between male and female. We wish to elucidate that poetic narratives stage and portray multiple sexual and gender discourses. Then, we outline possibilities and approximations between discourses and everyday practices, taking into account the limitations concerning a literary text. Finally, we look at the selected poems and discuss the perspectives and issues arising from Catullus' vision related to the practices he enacted. Our theoretical repertoire encompasses the most recent studies related to sexuality, sexual practices and gender. We discuss the academic arguments that presume a hegemony of sexual behaviors and discourses in Classical Antiquity. In conclusion, we expose the use of erotic vocabulary as a legitimate tool for social and political criticism.

Keywords: History of the Roman Empire; Catullus; Politics; Sexuality; Genre.

RESUMEN

Esta Disertación tiene como objetivo analizar las representaciones y discursos sexuales y de género presentes en la poesía invectiva de Catulo, poeta que vivió en los años finales de la República romana en el siglo I a.C. En un primer momento, recurrimos al contexto socioliterario del poeta y del grupo en el que se inserta, los *poetae neoterói*, para dilucidar el carácter social y colectivo de la experiencia poética en la Antigüedad romana. Luego, elaboramos un levantamiento bibliográfico de los estudios más recientes sobre las representaciones sexuales y de género en la Antigüedad. De esta manera, evidenciamos la variedad de discursos y problematizamos el supuesto binarismo y oposición entre masculino y femenino. Queremos dilucidar que las narrativas poéticas escenifican y retratan múltiples discursos sexuales y de género. Luego, esbozamos posibilidades y aproximaciones entre discursos y prácticas cotidianas, teniendo en cuenta las limitaciones propias de un texto literario. Finalmente, observamos los poemas seleccionados y discutimos las perspectivas y los problemas que surgen de la visión catuliana en relación con las prácticas que promulgó. Nuestro repertorio teórico abarca los estudios más recientes relacionados con la sexualidad, las prácticas sexuales y el género. Discutimos los argumentos académicos que suponen una hegemonía de los comportamientos y discursos sexuales en la Antigüedad Clásica. En conclusión, exponemos el uso del vocabulario erótico como herramienta legítima de crítica social y política.

Palabras clave: Historia del Imperio Romano; Catulo; Política; Sexualidad; Género.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – CATULO E OS POETAS NOVOS: CRISE LITERÁRIA E CRISE POLÍTICA NA REPÚBLICA ROMANA TARDIA	13
1. 1. Crise na República: narrativas e impactos literários	15
1. 2. <i>Poetae Noui</i> : Catulo e as tradições literárias.....	33
1. 3. Estrutura do texto estilo e linguagem poética	42
1. 4. Pesquisas e temas em Catulo	44
CAPÍTULO II – SEXO E PODER NA ANTIGUIDADE ROMANA: DISCURSOS SOBRE PRAZER, CORPO E GÊNERO NO SÉCULO I	49
2. 1. Corpo e gênero em Roma.....	49
2. 2. Representações do feminino na Antiguidade Clássica	55
2. 3. Representações masculinas na Antiguidade: poder, sexo e gênero entre homens.....	68
CAPÍTULO III – AS INVECTIVAS ERÓTICAS DE CATULO.....	76
CAPÍTULO IV – SEXO E OBSCENIDADE EM CATULO: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NA REPÚBLICA ROMANA	97
4. 1. Imagem do homem ideal: o <i>vir</i> na República Romana.....	100
4. 2. Obscenidade e espelho reverso da masculinidade.....	108
4. 3. O <i>vir</i> e as mulheres: imagens femininas nas invectivas catulianas.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
BIBLIOGRAFIA	124
Documentações textuais.....	124
Obras de referência	125
Obras gerais.....	125

INTRODUÇÃO

Notamos nas documentações referentes à Antiguidade Clássica uma grande variedade de representações sexuais, heterogêneas quanto ao estilo artístico e gosto do autor. Tais retratos vêm sendo discutidos desde o Medievo cristão e passaram por múltiplas abordagens a depender do período histórico e da sociedade que os interpretaram. Parte dessas discussões se preocupou em evidenciar o caráter positivo da sexualidade cristã em detrimento de um passado denominado “pagão”. Em meio a essas obras antigas, chamou-nos a atenção a produção de Catulo, um jovem poeta da região de Verona que viveu em Roma durante os anos finais da República do século I a.C.¹ Em seus poemas, encontramos muitos cenários sexuais. Boa parte deles é dedicada aos possíveis amores catulianos e aos prazeres que ele desfrutava com os seus amigos e amantes. No *Poema 5*, vemos o seu canto direcionado à sua amada Lésbia:

Vamos viver, minha Lésbia, e amar, / e aos rumores dos velhos mais severos, / a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis / podem morrer ou renascer, mas nós / quando breve morrer nossa luz, / perpétua noite dormiremos, só. / Dá mil beijos, depois outros cem, dá / Mais mil ainda e enfim mais cem – então / Quando beijos beijarmos (aos milhares!) / Vamos perder a conta, confundir / P’ra que infeliz nenhum possa invejar, / Se de tantos souber, tão longos beijos (CATULO, *Poema 5*).

Como este, há uma série de poemas catulianos que exaltam não somente uma amada – há também amantes masculinos, como Juvêncio, mencionado em alguns textos – mas os atos de amor em si. Deparamo-nos com os beijos infindáveis prometidos ao final do excerto acima mencionado e as “nove contínuas trepadas” que Catulo promete a Hipsitila no *Poema 32*.

Peço minha, boa, doce Hipsitila. / Minhas delícias, meus encantos, pede / Que eu vá dormir a sesta junto de ti. / E se pedires cuida disto: que outro / Não introduza entraves na portinha / Nem queiras tu sair por aí fora. / Mas fica em casa e vai te preparando / Para umas nove contínuas trepadas. / E se é que vais chamar-me, chama logo, / Que almoçado, deitado, e satisfeito, / Tanto a túnica eu furo quanto o manto. (CATULO, *Poema 32*).

Mas essas não são as únicas abordagens do autor antigo. De fato, abundam nas suas produções outros contextos e utilidades para o vocabulário sexual. Muitos

¹ Ressaltamos que todas as datas mencionadas nesta Dissertação pertencem ao período anterior ao nascimento de Cristo, exceto quando devidamente assinalado.

dos seus poemas remetem a invectivas contra os seus adversários. Temos por hipótese que Catulo usa o sexo como um símbolo da sociabilidade política romana, servindo de ferramenta para a crítica política e social direcionada aos seus oponentes. As acusações são variadas. Vibênio rouba nos balneários e o seu filho tem “o cu devorador” no *Poema* 33. Aurélio e Fúrio são ameaçados em mais de um poema devido às suas críticas ao conteúdo sexual poético catuliano. Para atingir tais homens, ele não poupa palavras que poderiam soar obscenas ou sexualizadas demais. Em inúmeros dos seus textos são atacadas personalidades importantes e conhecidas da História Romana. Relembramos Júlio César, acusado simultaneamente de passividade sexual e corrupção, e o próprio Cícero (106 – 43). Ambos viveram na mesma época que Catulo.

Esta Dissertação pretende analisar tais poemas invectivos imbuídos de conteúdo sexual. Com isso, intentamos evidenciar as formas dos discursos sexuais e de gênero presentes nessas obras, bem como a sua possível aplicabilidade social. Noutras palavras, temos por objetivo problematizar as práticas e os discursos sexuais de forma a elencar a sua proximidade quanto às experiências pragmáticas e cotidianas do período elencado. Assim, demonstraremos que o discurso catuliano não estabelece regras sociais indiscutíveis e é plausível que encontremos situações conflitantes.

Para tanto, será necessário problematizarmos as imagens que as pesquisas acadêmicas construíram ao redor dele. Devido ao seu conteúdo sexual, o caráter político das suas poesias foi muitas vezes relegado a segundo plano. Os investigadores tentaram reaver nas poesias eróticas, não apenas nas de Catulo, evidências do comportamento sexual dos romanos antigos. Dessarte, criou-se a imagem dos poetas amantes, que passavam mais tempo em suas camas do que discutindo os assuntos tradicionais da República Romana. Além disso, esse estilo poético passou a ser considerado como uma fonte para as possíveis relações mantidas pelos seus autores e como prova de uma teia de vínculos sociais e políticos baseada no sexo. Nesse sentido, sabemos que Catulo adquiriu a sua toga romana aos dezesseis anos e que, desde então, envolveu-se com o ambiente sexual e poético da comunidade romana (DUNN, 2016, p. 37-42).

Conforme pesquisadores como Daisy Dunn, as frequentes associações ao ambiente social e político romano oferecem uma imagem, ainda que orquestrada pelo poeta, dos vínculos estabelecidos entre as elites romanas e os estrangeiros. A ligação

de Catulo com os seus amantes e as repetidas críticas por ele apresentadas contra importantes figuras republicanas são consideradas testemunhos dos seus posicionamentos políticos. Portanto, são capazes de revelar a sociabilidade em torno das poesias antigas. Independentemente dos seus conteúdos, tal literatura nos apresenta valores comuns à sociedade e é capaz de ressaltar certas atitudes coletivas no que tange aos mais variados temas (DUNN, 2016, p. 47-71).

Os argumentos de Dunn se aproximaram daqueles de João Angelo Oliva Neto. O tradutor salientou que a persona poética catuliana é criada para se posicionar sobre assuntos diversos e de interesse da sociedade. O poeta busca cativar os seus leitores com uma leitura estruturada, ordenada para criar o efeito de realidade com a finalidade de produzir reflexão. Por causa dessa organização artística, presente em qualquer obra de arte, seja ela literária ou não, Oliva Neto destacou a necessidade de uma problematização do discurso, que não deve ser visto como um relato fiel da realidade (OLIVA NETO, 1996a, p. 36-38).

Isso posto, as observações de Oliva Neto se estenderam para além das simples menções diretas efetuadas por Catulo. Citamos as acusações dirigidas por ele aos seus rivais ou as suas declarações amorosas. Quando o autor antigo escreve, ele imprime a sua visão sobre o amor, um ideal que representa uma parte da sociedade na qual ele se inseria, e não todo o conjunto. Nesse caso, reportamo-nos aos jovens aristocratas, homens em sua maioria. Aqui, reavemos um novo problema que é fundamental para a problematização do discurso sexual. Aquilo que denominamos como discursos de gênero. Optamos pelo uso do plural, pois entrevemos numa mesma documentação – em nosso caso os poemas catulianos – diferentes representações sobre o gênero, pautadas em questões sexuais.

O discurso sexual assinala formas plurais de manejo dos corpos e dos comportamentos. Por isso, a análise de tais questões feitas pelo pesquisador acadêmico pode ser definida como uma História da Sexualidade experiencial. Ao nos atentarmos às interações sociais baseadas no sexo como uma experiência, somos capazes de questionar as imposições dos discursos e investigar se outras possibilidades discursivas ou práticas são possíveis. Não se trata de negarmos totalmente o discurso, mas de não o compreendermos enquanto realidade indiscutível. Logo, revelam-se profusas configurações de desejo nas documentações antigas cujos alicerces são regras sociais que se alteram a partir da severidade e da atenção coletiva (FOUCAULT, 1998, p. 5-6).

Michel Foucault defendeu que os pilares sobre os quais se fincavam os discursos sexuais na Antiguidade Clássica foram muitos. Consequentemente, ele reforçou que tais obras apresentavam um fragmento da realidade, recortado e formulado mediante os ditames literários e os valores do escritor em questão. Os autores antigos discutiam o sexo sob uma perspectiva de desenvolvimento pessoal. Depois, os cristãos passaram a falar do sexo a partir de uma ótica coletiva. Isso significa que o comportamento sexual se tornou um problema de todos com o crescimento do cristianismo. Embora tivessem alguns pontos em comum, como a dominação masculina, a moral sexual cristã se projetava para todos e as diretrizes eram renunciadas com o objetivo único da procriação e da obediência às leis divinas. Segundo Foucault, certos aspectos compuseram a construção de um discurso sexual, tal qual o medo da perda da virilidade. Desde então, foram criadas as imagens sexuais impróprias, como a do afeminado e da mulher masculinizada. Construiu-se um esquema de atividades em que os corpos eram direcionados de acordo com o seu gênero a determinados comportamentos sexuais e sociais. Em vista disso, edificaram-se as imagens do homem e da mulher romana ideais (FOUCAULT, 1998 p. 11-19).

Outrossim, o discurso sexual esteve intimamente ligado à construção de uma imagem generificada do indivíduo. Para explorar essa ligação mais a fundo, embasamo-nos nas reflexões providas por Joan Wallach Scott. A autora utilizou recortes documentais voltados para as suas perquirições quanto às posições masculinas e femininas ocupadas na Antiguidade Romana e à distância entre os discursos e as práticas sexuais diante de outras áreas sociais tais quais a política e o cotidiano. O trabalho de Scott foi fundamental para compreendermos as interações sexuais romanas como fluidas e não engessadas por um suposto sistema binário de posicionamento sexual e de gênero. Recortes como classe e etnia oferecem ferramentas ao pesquisador a fim de depurar o discurso literário e encontrar indícios ou lampejos da realidade retratada. Assim, veremos que as mulheres e os afeminados ocuparam posições sociais e discursivas heterogêneas na Antiguidade Romana (SCOTT, 1988).

Por fim, elencamos a organização desta Dissertação. O primeiro capítulo se trata de uma contextualização histórica de Catulo. Dedicamo-nos a expor algumas características dos últimos anos da República Romana do século I. Também buscamos entender como ele e o grupo de poetas ao qual pertencia se integravam na sociedade romana e enumeramos o caráter político das relações públicas. No

segundo capítulo, apresentamos uma breve discussão bibliográfica e teórica acerca dos temas que permeiam esta Dissertação, isto é, o sexo e o gênero na Antiguidade. Dispomos de vários trabalhos recentes de pesquisadores engajados em problematizar antigos pressupostos concernentes às práticas sexuais antigas. Eles questionaram o viés moderno que vilanizou o sexo e as suas possibilidades discursivas ultrapassando a binaridade presumida. Visamos ainda apresentar os avanços acadêmicos que se distanciaram dos discursos promovidos pelas documentações antigas e apresentaram outras abordagens sobre o sexo e o gênero na Antiguidade Clássica, com destaque para o período por nós selecionado.

O terceiro capítulo consiste no catálogo de poesias a ser comentado e destrinchado posteriormente. Inserimos uma curta introdução que expôs as motivações das nossas escolhas e dos critérios e métodos usados para a elaboração da nossa análise. Nesse capítulo, problematizamos alguns termos sexuais e a concepção de obscenidade. Por fim, o Capítulo IV foi composto pelo nosso estudo documental sustentado pelo catálogo do Capítulo III. Nele, demonstramos a nossa hipótese com as múltiplas formas com as quais Catulo se apropria do sexo em prol de criticar politicamente os seus adversários e produzir uma reflexão sobre as situações sociais em torno do amor, do sexo e da política. Com isso em mente, damos início aos nossos estudos.

CAPÍTULO I – CATULO E OS POETAS NOVOS: CRISE LITERÁRIA E CRISE POLÍTICA NA REPÚBLICA ROMANA TARDIA

Antes de prosseguirmos para a análise dos poemas selecionados, é importante contextualizarmos o autor em questão e a sua obra, além de definirmos as referências bibliográficas que dialogam com os nossos objetivos, o nosso tema e a nossa hipótese de pesquisa. Em outras palavras, este capítulo consiste no tratamento documental do texto catuliano. Nesse momento, buscaremos estabelecer os limites temáticos e teórico-metodológicos da nossa abordagem e discorreremos quanto às relações entre a literatura, a política e as práticas sociais do cotidiano romano no período que conhecemos como República Tardia (entre meados do século II e I).

Em prol de compreendermos como Catulo se apropria dos valores e das práticas sociais romanas na escrita das suas invectivas, faz-se necessário observarmos como a literatura e a sociedade interagiam entre si no período referido.

Tal arco temporal foi dotado de certa excepcionalidade na memória coletiva e acadêmica e configurou os anos de instabilidade da República, protagonizados por Sula (138 – 78), Pompeu (106 – 48), Júlio César (100 – 44), Marco Antônio (83 – 30), Cleópatra (69 – 30) e, por fim, Otávio (63 a.C. – 14 d.C.), o futuro Augusto. Essas tensões políticas foram representadas sob inúmeras facetas, tanto pela produção textual da própria República quanto por aquelas do Principado. O intelectual e o político em Roma estavam intrinsecamente conectados e produziram uma variedade de relações entre os políticos romanos e a produção escrita, haja vista a abundância de políticos que foram escritores. Catulo e os poetas novos pertenceram a esse contexto histórico. Eles se investiram das suas inspirações helênicas e propuseram um rompimento com o status quo literário romano da época em que viveram. A primeira seção deste capítulo discutirá com maior afinco essas questões.

Num segundo momento, propomos a discussão de alguns aspectos literários e estilísticos do texto catuliano. Longe de nos estendermos sobre questões filológicas e literárias, pretendemos depurar os recursos literários utilizados pelo poeta. Levaremos em conta o estilo de escrita do autor, a sua linguagem e o vocabulário empregados nas invectivas e os recursos artísticos narrativos que compõem as suas obras. Destacamos o uso do humor e de um vocabulário escatológico e sexual como recursos poéticos de Catulo. Esse item tem a finalidade de expor os problemas e possíveis caminhos para a interpretação dos símbolos apresentados em nossas documentações, sejam eles explícitos ou implícitos, apresentados sob recursos retóricos tais como a ironia, a sátira e a invectiva.

Por fim, elaboraremos um levantamento das principais obras que trataram de Catulo e da literatura do século I e destacaremos aquelas que se aproximam do nosso tema de pesquisa. As análises acadêmicas internacionais demonstram um interesse contínuo pelo poeta por nós selecionado e as perspectivas que trabalham com as práticas sexuais e as representações de gênero têm ganhado espaço. Por outro lado, um esforço multidisciplinar proporciona diferentes interpretações e possibilidades teórico-metodológicas dos textos catulianos. Isso posto, este capítulo tem o objetivo de ambientar a nossa análise documental e de mensurar os limites do discurso poético catuliano enquanto representação das relações sociais romanas da República Tardia. A partir dessas reflexões, poderemos situar os limites da exegese de um texto poético como propagador e representante dos valores culturais identificáveis dentro de uma determinada sociedade num arco temporal preestabelecido.

1. 1. Crise na República: narrativas e impactos literários

Os últimos anos da República Romana foram palco de diversos conflitos políticos internos. Tais eventos originaram discursos sobre a crise política, com acuações e temores diversos. Em geral, os problemas perpassavam medidas consideradas ameaçadoras para a estabilidade do poderio romano e a unidade das instituições republicanas. Andrew Lintott considerou essa crise como uma consequência do estabelecimento e da expansão da influência romana no Mediterrâneo e nos seus arredores. As relações pactuadas por meio da República conectavam política e intelectualmente diversas cidades e regiões. Na maioria dos casos, a diplomacia era preferida e as elites regionais propunham acordos benéficos para ambas as partes. A crescente chegada de estrangeiros em Roma modificou muitas das suas estruturas cívicas e militares. Ademais desses indivíduos, a plebe e os escravos protagonizaram eventos turbulentos devido à insatisfação com a sua posição social. Conforme Lintott, o cenário desses eventos abarcou as experiências dos irmãos Graco (século II) e teve o seu desfecho com a ascensão de Otávio. O acadêmico elencou alguns eventos importantes que se sucederam às tentativas de reforma dos Graco e demonstrou como as relações internas romanas impactavam nos seus conflitos políticos externos. No que tange à crise republicana e a esses acontecimentos, é preciso problematizarmos os discursos da antiguidade. As documentações nos oferecem visões particulares desses eventos e diferentes autores podem apontar causas distintas para tais adversidades (LINTOTT, 2008b, p. 1-4).

Gostaríamos de comentar certas situações presentes nos principais discursos dessa época e que sobreviveram até os nossos dias. Ainda que a diplomacia fosse preferida, inúmeros conflitos militares ocorreram sob o intuito de se estabelecer a influência romana. Ao longo do arco temporal mencionado, Roma levou a cabo os seus negócios em diversas regiões: na Ibéria², na Gália³, na Sicília, no norte da África, na Grécia, na Macedônia e na Ásia⁴. Após a derrota de Cartago, os romanos focaram na expansão das suas atuações em cidades antes controladas pelos cartaginenses.

² Atual Península Ibérica.

³ Hoje, corresponde à região central da Europa que compreende a França, os Alpes e parte do território sul e oeste da Alemanha.

⁴ Hodiernamente conhecida como Oriente Médio.

A força militar era usada pontualmente e Roma preferia se estabelecer de forma pacífica. Por conseguinte, muitas das famílias ricas dessa região viram oportunidades para ingressar nos negócios romanos. Os cargos republicanos e a possibilidade de lucro por meio da comercialização com as aristocracias romanas aumentavam o apreço por essa cidadania, status que passou a ser desejado por muitas das cidades conquistadas. Entretanto, tornar-se um cidadão romano não era uma posição regular ou fácil de se conseguir. Havia resistência entre os setores mais conservadores de Roma e algumas cidades recorreram à guerra civil (LINTOTT, 2008c, p. 16-20).

As tribulações envolvendo as cidades aliadas de Roma na Península Itálica tiveram origem nas reformas dos irmãos Graco. As tentativas de redistribuição do *ager publicus* entre os membros da plebe e as novas leis concernentes à posse de terra prejudicaram vários aristocratas estrangeiros e romanos. Durante a década de 120, a cidadania foi oferecida a muitos aliados de Roma fora da Península Itálica, porém, as cidades italianas não gozavam unanimemente desse status. Sabemos que, ao adquirir a cidadania, os habitantes de um estipulado local tinham a sua carga de impostos aliviada e conquistavam a possibilidade de usufruir e participar das instituições romanas. A oferta dessa posição serviria para amenizar os prejuízos da redistribuição de terras. Por sua vez, as elites regionais pretendiam inserir a si mesmas e as suas cidades na extensa e lucrativa teia de relações políticas, econômicas e sociais estabelecidas através das instituições de Roma. Dessa forma, elas se beneficiariam legalmente e seriam elevadas ao mesmo status social dos cidadãos romanos. Por outro lado, como dissemos anteriormente, esse benefício não era facilmente compartilhado pelas plebes regionais. Em sua maioria, as relações políticas e econômicas envolviam apenas as elites aristocráticas. Por isso, as demais elites aliadas de Roma perceberam que era melhor lidar com os romanos de igual para igual, e não como subordinados aos seus interesses (GABBA, 2008, p. 104-105).

Evidenciou-se uma polarização política que se tornou central nos discursos relativos à crise republicana: populares contra aristocratas. Cada grupo se apropriou de maneira particular dos valores e das tradições romanas ao direcionar as suas acusações e pleitear as suas exigências. Apesar da crescente receptividade aos estrangeiros, havia resistências e temores. Tanto os plebeus quanto os aristocratas romanos receavam que a chegada massiva das elites regionais resultasse no colapso do sistema republicano. De mais a mais, a plebe urbana de Roma se ressentia das conquistas aliadas e desejava ampliar a sua influência política. A partir de então,

surgiram homens e intelectuais na cidade de Roma que se apoderaram dessa contenda para estabelecer as suas carreiras políticas. Dentre as apreensões vividas, encontrava-se uma série de mudanças sociais e institucionais promovidas pelos populares. Por causa da presença dessas novas dinâmicas nas relações romanas, diferentes influências culturais se instalaram em Roma (GABBA, 2008, p. 106-109).

Em grande parte, o medo em torno de uma possível subversão da República estava relacionado às experiências militares, econômicas e políticas dos magistrados e generais romanos. Destacamos as circunstâncias à volta de Júlio César, partícipe em múltiplos fatos impactantes da República Romana Tardia, desde a sua aliança com Pompeu e Crasso (114 – 53) – o primeiro triunvirato – até a sua morte nos idos de março de 44. O poeta com o qual trabalhamos fez parte de uma série de membros da sociedade romana envolvidos nas polêmicas e temores gerados pelas ações de César. As atitudes deste personagem promoviam e se beneficiavam das novas dinâmicas no Mediterrâneo. Salientamos que boa parte das mudanças estruturais romanas ocorreram por meio das mãos de generais como Mário (157 – 86), Sula, Pompeu e César (GABBA, 2008, p. 104-128). Portanto, se desejamos captar a forma como se estabeleceram os discursos políticos do período sobre o qual nos debruçamos, precisamos articular as transformações e os debates levantados em torno desses nomes.

A aliança entre Pompeu, Crasso e César aconteceu após a supressão da Revolta de Espártaco (73 – 71). Pompeu já havia se destacado no conflito contra Lépido (90 – 13) desde a morte de Sula. As conquistas militares configuravam a principal forma de se obter poder e influência em Roma. Lépido tinha inspirações semelhantes àsquelas do ex-ditador Sula, quadro preocupante para o senado, visto que ele se recusou a desmobilizar o seu exército após obter a vitória. No entanto, Lépido não exigiu o cargo de ditador e optou por seguir com as suas tropas para a Península Ibérica. Lá, ele alcançou uma série de vitórias em nome de Roma. Nesse contexto, César ainda era jovem e começava a ganhar notoriedade. Em 75, ele foi capturado por piratas, resgatado e se vingou dos seus raptos. No mesmo período, Pompeu lutava contra Sertório (76/75) e Crasso combatia Espártaco. Considerando-se os êxitos atingidos, os dois últimos desejavam celebrar os seus triunfos em Roma, mas somente Pompeu pôde fazê-lo. Uma vitória contra escravos merecia, no máximo, uma ovação para Crasso (SEAGER, 2008, p. 209-223).

Daí em diante, Pompeu e Crasso conquistaram o cargo de cônsul, e compartilharam uma crescente rivalidade. O primeiro era jovem e gozava do prestígio das suas vitórias, todavia, o segundo era um candidato mais velho e apropriado para tal ofício. Não obstante, esses homens não chegaram a se enfrentar por intermédio da violência direta. No esforço de se aproximarem da plebe e de angariar a opinião pública a seu favor, Pompeu e Crasso dedicaram atenção especial às vagas de tribuno desse estrato social. Foi nessa condição que surgiu a alcunha de populares, atribuída a tais magistrados. Ocupar um cargo no tribunato era uma conquista significativa para os menos abastados e impossibilitados de exercer um cargo público. Ordinariamente, era nessa instituição que se ambientavam as contendas entre os interesses aristocráticos e aqueles dos plebeus (SEAGER, 2008, p. 223-228).

Os reveses em torno dos populares – também chamados de homens novos – resultaram em revoltas camponesas. Os envolvidos eram sujeitos desprovidos de terra ou que tinham pequenas propriedades, incapazes de competir com as extensas áreas de cultivo dos ricos. Diante desse panorama, o ressentimento contra as aristocracias induziu numerosas contendas cujo objetivo era aliviar os encargos dos pequenos proprietários e garantir benefícios por meio da República. Generais como Pompeu e César se aproveitaram dessas condições para construir a sua reputação entre os plebeus e os mais pobres, afora a conquista de um apoio popular massivo favorável às suas proposições. Em oposição, temos conhecimento de que no ano de 63, quando ocorreu a Conspiração de Catilina, Cícero era cônsul e conseguiu repreender os populares (WISEMAN, 2008, p. 347- 350).

Em 59, César forçou a retirada do seu companheiro, Bíbulo (102 – 48), do consulado e ocupou esse cargo na pretensão de efetuar as reformas que os tribunos da plebe anteriores não conseguiram aprovar. Ao lado de Crasso, Pompeu articulou as suas ações para homologar leis do seu interesse, normas estas que envolviam os direitos da plebe e o uso da terra. Esses três personagens firmaram um acordo, o primeiro triunvirato, com a finalidade de unir as suas práticas governamentais na busca de um desígnio em comum. Sem embargo, a aliança não durou muito tempo. Os envolvidos, a despeito da sua popularidade e dos interesses compartilhados, priorizaram as suas carreiras políticas pessoais. Com o tempo, as suas metas se desencontraram e os membros do primeiro triunvirato entraram em conflito. Desde então, César intensificou as suas investidas militares contra os gauleses e as vitórias que se sucederam nesse local elevaram a reputação desse personagem e acirraram

as suas disputas com Pompeu. Ao mesmo tempo, as atitudes de ambos desagradaram o senado, porquanto essa instituição não era consultada por eles em relação às diretrizes das campanhas bélicas executadas (GOLDSWORTHY, 2016, p. 264-270).

Posteriormente a uma sequência de conquistas, o senado requisitou a presença de César num processo contra a sua conduta. Ele se negou a comparecer e decidiu voltar à Roma acompanhado do seu exército. Esse evento ficou conhecido como a travessia de Rubicão e foi o responsável por marcar César como um alvo dessa instituição naquele momento. Pompeu, que já não se encontrava em bons termos com César, deveria ser o responsável por derrotá-lo. Porém, César aniquilou as forças de Pompeu e este fugiu para o Egito. Ao chegar lá, os ptolomeus decidiram matá-lo e entregar a sua cabeça para César, conduta que aborreceu bastante este general. Com a morte de Pompeu, César se proclamou ditador e submeteu o senado à sua vontade mais uma vez. Todavia, as polêmicas que circundavam o general não acabaram, em especial quando temos em mente o seu encontro no Egito com Cleópatra (GOLDSWORTHY, 2016, p. 290-300).

Normalmente, os romanos reagiam de forma exacerbada no que tange aos territórios orientais. Eles viam essas regiões e os seus habitantes com certo desdém e desconfiança. A aliança entre César e Cleópatra provocou um encadeamento de acusações em Roma. Grande parte dos romanos relacionava o comportamento sexual e as relações de gênero características do oriente como propulsores da depravação e corrupção do ditador. Nesse ambiente, condutas consideradas femininas foram associadas à sexualidade exacerbada e a valores sociais escusos. Cleópatra foi apontada diversas vezes como uma corruptora dos valores romanos e a sua presença em Roma era desconcertante para tradicionalistas como Cícero. As acusações desse tipo não se restringiram à vinculação entre a figura de César e a de Cleópatra. As aventuras sexuais do ditador, fossem elas verdadeiras ou não, protagonizaram a construção de um discurso político contra o magistrado (GOLDSWORTHY, 2016).

Adrian Goldsworthy (2018) e Victor da Silva Menezes (2018) deram bons exemplos acerca das tensões em torno da imagem de Cleópatra e do oriente. De acordo com o primeiro, existia em Roma uma péssima opinião pública no que concerne a esses territórios, particularmente sobre o Egito ptolemaico. Desde o envolvimento de Júlio César com a rainha egípcia, uma série de supostos escândalos

fundamentados na luxúria e em hipotéticas aspirações monárquicas foram denunciados. A questão bélica também se sobressaía, pois César havia ganhado prestígio militar e político com as vitórias por nós mencionadas. Roma já via com maus olhos os reis e uma rainha era considerada pelos conservadores uma séria ameaça à República (GOLDSWORTHY, 2018, p. 27-39).

Por outro lado, Menezes utilizou Catulo para comentar a reputação de afeminado de Júlio César. Em adição aos laços mantidos com Cleópatra, o poeta antigo menciona as empreitadas desse personagem na Gália – território próximo do local de nascimento de Catulo – e na Bitínia. Essas campanhas são consideradas por ele como corruptas e é sugerido que, nesse intervalo de tempo, houve um envolvimento sexual entre Mamurra (general de César)⁵, César e as lideranças locais. Malgrado a alegoria sexual servir como um parâmetro para a corrupção do ditador, alguns boatos ganharam força. Um deles foi a ligação do general romano com o rei da Bitínia, outro líder oriental, o que lhe valeu a alcunha de rainha da Bitínia. Ora, reputamos que o oriente consistia num problema para os romanos desde a Média República, como foi o caso de Jugurta (160 – 104) e Mário (MENEZES, 2018, p. 22).

Dessarte, o que era de fato essa crise republicana? Inúmeros foram os conflitos que compuseram esse cenário, mas podemos traçar alguns eventos fundamentais na demarcação de um período de crise republicana que precedeu o Império. Inteiramos-nos de que não havia entre os romanos uma ideia de ruptura com a *Res Publica*, e sim uma ressignificação desse ideal. Contudo, os escritores da Antiguidade expuseram visões e medos dos mais variados ao se debruçarem sobre um fato, ainda que tivessem um algoz em comum. Rastrear os interesses desses intelectuais inseridos num jogo de poder se mostra mais ou menos efetivo de acordo com a disponibilidade de documentações auxiliares, isto é, da análise das redes de sociabilidades. A título de exemplo, a obra de Cícero é bastante extensa. Porém, proporcionalmente, temos acesso a poucos textos que dialogam com os seus, estejam eles alinhados aos mesmos ideais que os dele ou não. Não obstante, o binômio composto por Catulo e Cícero é a escolha mais frequente dos pesquisadores que se especializam no final da República Romana. Essa associação se mostra frutífera por vários motivos. Cícero foi um importante político e orador tradicionalista republicano e é a única referência que temos quando tratamos das alcunhas imputadas ao grupo de

⁵ Os personagens históricos sem o seu arco temporal explicitado não possuem data de nascimento e morte conhecidas.

poetas ao qual Catulo pertencia. Por sua vez, Catulo é o único poeta da sua geração conservado pelo tempo. Esses personagens ocuparam polos opostos nas discussões acerca dos conflitos políticos da República Tardia.

Perante o contexto exposto, mencionemos alguns dados biográficos do nosso poeta. Caio Valério Catulo nasceu em Verona, na Gália Cisalpina⁶. Estima-se que o ano do seu nascimento tenha sido 84/82 e que ele tenha falecido em 54/52, aos 30 anos de idade⁷. Infelizmente, as informações quanto à vida desse personagem histórico são escassas. Oliva Neto (1996a, p. 16) nos inteirou que o poeta era filho de uma família abastada, o que teria proporcionado a ele oportunidades únicas na obtenção de riquezas na República Romana. O nosso personagem testemunhou grande parte dos importantes eventos descritos acima, incluindo a Conspiração de Catilina. Ele pertenceu a um grupo denominado *poetae neoteri* (poetas neotéricos), responsáveis por inserir a cultura latina numa tradição poética helênica, cujo representante fundamental era Calímaco de Cirene (300 – 240). Catulo escreveu em métricas poéticas distintas, como a elegia, a sátira, o hino e o iambo.

Conforme Paulo Sérgio Vasconcellos (1991, p. 12-20), o poeta se mudou para Roma sob o intuito de estudar e viver os prazeres da sua juventude. Ao contrário da maioria ambiciosa que pretendia competir pelas altas magistraturas, ele desejava se dedicar à poesia e à literatura. Em 57, viajou para a Bitínia na comitiva de Mêmio. A estadia de Catulo nessa região não foi muito agradável. No *Poema 28*, dirigindo-se a dois amigos, Verânio e Fábulo, ele comenta a sua má sorte nos negócios. O poeta faz referências ao egoísmo do *praetor*: “Mêmio, tu, lento e sempre, este teu pau / meteste-me na boca, e eu deitado” (CATULO, *Poema 28*). Como podemos ver, até mesmo para comentar os próprios infortúnios o poeta se vale do vocabulário obsceno e das representações sexuais. Após esse período, ao regressar à Roma, ele passou por Tróia e visitou o túmulo de um irmão, a quem dedicou o *Poema 51*.

As poesias de Catulo mencionam personagens reais, fossem eles seus amigos e colegas ou seus inimigos. O tom usado na sua obra oscila entre a crítica feroz, o deboche entre colegas e o deleite dos prazeres sexuais. A título de exemplo, temos a

⁶ Região situada entre os Alpes e o atual norte da Itália. A partir de meados do século II, os romanos demonstraram maior interesse nessa área. Logo, surgiram novas colônias e a presença dos romanos nas cidades desse território se intensificou (GABBA, 2008, p. 108).

⁷ Vasconcellos ponderou que o poeta tenha vivido entre os anos de 82 – 52. O autor argumentou que os poemas direcionados a César podem remeter a eventos que aconteceram por volta de 53 e 52 (VASCONCELLOS, 1991, p. 12-20). Em contrapartida, Oliva Neto (1996a, p. 15) defendeu a datação de 84 – 54.

sua amada Lésbia ou os seus amantes masculinos, tal qual Verânio. Entre esses poemas de cunho sexual, encontramos também as invectivas, que oferecem amplo material para a discussão de práticas sexuais e relações de gênero na Antiguidade Romana. Notamos na leitura das nossas documentações que a obra de Catulo estava atenta às condições políticas de Roma. Por outro ângulo, quando ele nomeia os integrantes da aristocracia romana, demonstra parte da dinâmica social entre esta camada de cidadãos e a literatura.

Por encontrarmos diversos personagens reais nos seus textos, supõe-se que Lésbia, a amada cantada em algumas das suas poesias eróticas, refere-se à Clódia. Ela era irmã de Públio Clódio Pulcro (93 – 52), um político romano de valores populares. No entanto, Clódia também foi esposa de Quinto Metelo Celer (103 – 59), que ocupou o cargo de pretor em 63 e era um apoiador e amigo de Cícero. Metelo esteve presente na defesa de Cícero no caso de Caio Rabirio, julgado por envolvimento no ataque que causou a morte de Lúcio Apuleio Saturnino⁸, no ano 100. Em fevereiro de 62, Metelo ainda liderou o segundo exército contra a Catilina e permaneceu o restante do ano como propretor na Gália Cisalpina. Nesse ínterim, a sua esposa, Clódia, permaneceu em Roma. Possivelmente, foi nesse período que ela e Catulo teriam se encontrado na cidade de Verona. O relacionamento entre eles perdurou até 59 (COLLINS, 1952, p. 12-13).

Depois da morte de Metelo no ano de 59 e do afastamento de Catulo da cidade de Roma, Célio Rufo (82 – 48)⁹ se envolveu com Clódia. Ela o acusou de envenenar Metelo e a vitória de Rufo foi conquistada pela defesa de Cícero. Enquanto isso, Catulo partiu para a Bitínia em busca de fortuna. O seu *Poema 83* faz referências a uma Lésbia habilidosa em enganar o seu marido ao fingir que não gostava do nosso personagem quando, na verdade, eles eram amantes:

Lésbia, na frente do marido, fala mal / de mim, prazer enorme ao imbecil. / Sua besta, nada vês! Se, esquecida de mim, / calasse, ela estaria sã, mas berra, / xinga, pois não só lembra, mas – o que mais forte – / tem ódio, isto é, já arde; logo, fala (CATULO, *Poema 83*).

⁸ Questor em 104 e três vezes tribuno da plebe (103, 100 e 99 – a última nomeação não foi exercida devido ao seu assassinato). Esse político se alinhava aos considerados populares dentro do espectro político desenvolvido nos anos finais da República, que consistia, em termos gerais, na oposição entre populares e conservadores.

⁹ Um dos associados de Catilina durante a conspiração. Quando o conluio foi derrubado, ele sobreviveu por pouco. Construiu uma amizade com Cícero e retomou a sua carreira política (COLLINS, 1952, p. 13).

Mostra-se problemático tomarmos as referências da poesia de Catulo como fatos, entretanto, algumas aproximações são inevitáveis. É preciso lembrarmos que, no geral, temos meras conjecturas no que tange à relação entre Catulo e Clódia. Poucos são os dados da vida do poeta que sobreviveram aos nossos dias, além daqueles contidos nos seus próprios textos. Apuleio é quem nos dá a pista de que a amante do poeta se chamava Clódia. Todavia, existem pelo menos três personagens históricas com esse nome e que viveram na época de Catulo (VASCONCELLOS, 1991, p. 19). Embora seja difícil de se estabelecer um consenso entre os pesquisadores, há quem defenda que Clódia, esposa de Metelo, e Lésbia são a mesma pessoa, mesmo que essas representações sejam programadas e estilizadas.

Ademais da problemática ao redor de Lésbia e Clódia, deparamo-nos com a presença de outros personagens reais nas poesias de Catulo. Vejamos dois exemplos. O primeiro diz respeito a Júlio César e o seu general, Mamurra:

Quem pode ver, quem pode suportar / (só um veado, um viciado em jogo!) / Mamurra ter o que a Gália Cornada / tinha antes e a última Britânia? / Rômulo chupador, tu vês e aguentas? / E ele agora, superior, super-rico, / vai perambular pelas camas todas / qual os branquinhos pombos, qual Adônis? / Rômulo chupador, tu vês e aguentas? / És bem veado, viciado em jogo! / Em nome disto foi, comandante único, / que no ocidente andaste à ilha última / p'ra que este teu Pinto todo fodido / comesse ali duzentos ou trezentos? / É outra a liberdade dos ladrões? / Não fodeu tudo? Não consumiu tudo? / Dilapidou primeiro os bens do pai, / depois despojos Pônticos, e após, / Ibéricos, bem sabe o Tejo aurífero. / Temem-no as Gálias, temem-no as Britânias. / Esse infeliz por que ajudais? Que sabe mais que devorar grandes patrimônios? / Em nome disto, em Roma ó mais potentes, / ó sogro, ó genro, destruístes tudo? (CATULO, *Poema 29*).

Nesse poema, constatamos um pouco da agressividade presente na crítica política de Catulo e do uso que ele faz do sexo como analogia para a devassidão moral dos indivíduos implicados. O texto foi escrito depois das campanhas de César na Gália Transalpina e das suas campanhas no sul da ilha Britânica. Esses empreendimentos promoveram uma série de conflitos nas regiões mencionadas. Em vista disso, há uma profusão de obras desse gênero nas quais o nosso personagem critica as atitudes de César e dos seus aliados, como as de número 41, 43, 54, 57, 93, 94, 105, 114 e 115, em adição àquela mencionada anteriormente. A impetuosidade romana e as constantes alianças de caráter duvidoso estabelecidas por César e pelos seus subordinados são comparadas a atos sexuais de forma explícita. Essa

abordagem, que parece um grande manifesto político da parte de Catulo, configura um padrão nos seus poemas críticos e de conteúdo sexual explícito.

Ele também dedica algumas das suas produções a Calvo (14, 50, 53 e 96), pessoa por quem demonstra grande proximidade e amizade. Em outros momentos, o tom de Catulo é mais pessoal e bem-humorado, conforme o *Poema 16*:

Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos, / Aurélio bicha e Fúrio chupador, / que por meus versos breves, delicados, / me julgastes não ter nenhum pudor. / A um poeta pio convém ser casto / ele mesmo, aos seus versos não há lei. / Estes só têm sabor e graça quando / são delicados, sem nenhum pudor, / e quando incitam o que excite não / digo os meninos, mas esses peludos / que jogo de cintura já não têm. / E vós, que muitos beijos (aos milhares!) / já lestes, me julgais não ser viril? / Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos (CATULO, *Poema 16*).

Na passagem supracitada, o poeta rebate as críticas de dois colegas que denunciavam aquilo considerado por eles como vulgaridade nos versos catulianos num tom que aparenta ser bastante debochado. Para tanto, além de se desculpar dizendo que não cabe ao poeta ser casto nos versos, e sim nos costumes, ele denuncia a hipocrisia dos colegas. Catulo menciona que, não obstante o ato de o criticarem, os sujeitos em questão eram leitores assíduos da sua obra e a menção de certos termos latinos como *cinade* e *pathice* – traduzidos como veado e bicha – designam que eles possivelmente se deliciavam com atividades sexuais não muito convencionais. Os vocábulos mencionados designam um papel de passividade sexual, o que equivalia a um sentimento de vergonha para os homens romanos, tópico a ser problematizado no Capítulo II desta Dissertação.

Sarah Culpepper Stroup explorou as relações entre o desenvolvimento literário e a vida pública romana. No seu livro, ela pontuou que o ambiente político de Roma produzia numerosas alianças e rivalidades complexas. No nosso caso, tanto Cícero como Catulo se opunham a César, porém, eles não tinham a mesma perspectiva moral relativa à literatura. Enquanto Catulo se recusava a dedicar uma vida aos assuntos públicos, Cícero se orgulhava de ser um político e orador notável e os seus textos apresentam um tom moralizador e vinculado aos valores aristocráticos romanos. Vale notar que os dois não eram nativos de Roma, mas provinham de famílias abastadas pertencentes a cidades sob a influência romana. Stroup apresentou um estudo sobre o vocábulo *ottium* que, na República Romana Tardia, referia-se a um período de afastamento das atividades públicas com a intenção de se

dedicar à escrita. No entanto, não se tratava de qualquer produção, e sim de uma reflexão concernente a assuntos elevados. Do ponto de vista de Cícero, essa prática deveria excluir os temas ligados aos amores e às trivialidades cotidianas. A autora demonstrou que a palavra tem origem grega e passou a deter um sentido distinto na época republicana. Em oposição à definição romana, a ociosidade para os gregos não correspondia fundamentalmente a uma obrigação intelectual. Ela ainda poderia designar o descanso físico e o afastamento temporário dos ofícios públicos em geral (STROUP, 2010, p. 37-40).

Sob a ótica da República Romana, o *ottium* passou a designar o tempo pessoal investido no aprimoramento intelectual em contraposição ao *negotium*, período no qual o indivíduo desempenhava um cargo público. Havia a possibilidade de que o *ottium* fosse qualificado como *inhonestum*, isto é, que o sujeito tivesse se ausentado de maneira imprópria do serviço público. Catulo representa aqueles que se recusavam a escrever acerca de assuntos elevados – característicos do *ottium* – e que, ao mesmo tempo, não desejavam percorrer o *cursus honorum*. No que tange à vida pública e literária, Stroup buscou demonstrar como essas relações e concepções ordenavam toda uma sociedade, denominada por ela como sociedade de patronos ou de aristocratas romanos. A autora alegou que, a princípio, a literatura era produzida e consumida por um círculo social muito específico e que é necessário nos atentarmos para as especificidades desse contexto (STROUP, 2010, p. 41-42).

A abordagem de Stroup (2010) se alinha àquela de Stephen Harrison (2005b). Ao comentar os discursos tangentes à crise republicana, este pontuou que cerca de setenta e cinco por cento dos textos desse arco temporal pertencem a Cícero. Outra parte significativa de tais produções foi redigida por Catulo. Por esse motivo, tanto Stroup quanto Harrison apontaram que é muito fácil nos prendermos aos ideais ciceronianos relativos à República Romana Tardia. Sem embargo, é possível depurarmos as intenções do orador ao confrontá-lo com outros escritores tal qual Catulo. Stroup e Harrison demonstraram como Cícero e Catulo se inseriram nos ambientes político e literário romanos e como essas duas esferas interagiram ininterruptamente. O mundo dos patronos definido por Stroup se desenrolou no caos da crise republicana e as alianças organizadas produziram algumas das múltiplas visões do período que chegaram aos nossos dias. Isso posto, consideramos que Cícero é uma figura indispensável na construção de um panorama dessa crise, mas não devemos nos ater apenas à sua perspectiva. Daí optarmos pela sua associação

com Catulo. Este estudo pretende localizar as interconexões entre os discursos desses personagens e as possibilidades de validá-los em contraste com as práticas cotidianas da época em que viveram.

Harrison (2005b, p. 38) enfatizou que, no decorrer desse período, a literatura romana se diversificou e a influência helênica recebida por ela se intensificou. No ano de 70, a chegada de Partênio de Niceia foi interpretada como uma porta de entrada para os impactos calimaquianos em Catulo. Outrossim, tal qual Stroup (2010), Harrison constatou como as dinâmicas sociais daquele instante estipularam os parâmetros de uma literatura tradicional e bem-vista e daquelas linhas que foram rejeitadas. Cícero e Catulo beberam de fontes helênicas, todavia, as estruturas e as finalidades das suas obras foram díspares. Em meio a esse turbilhão, encontramos uma pluralidade de discursos quanto à temática da crise republicana, cada qual tipificado segundo o seu redator. Apesar de Stroup ter exposto a possibilidade de que Cícero e Catulo tivessem mantido contato um com o outro e até trocado palavras, é difícil acreditarmos na existência de qualquer simpatia entre ambos. A imagem que temos do orador é a de um cidadão muito engajado nas questões públicas em oposição a um poeta que se dedicou a cantar sobre os amores e os seus prazeres.

Não obstante, realçamos que Catulo não se exime do seu compromisso político, ele apenas o faz sob parâmetros e perspectivas diferentes daquelas de Cícero. No *Poema 10* vemos uma situação interessante. Catulo se encontra no fórum, ocioso, quando é levado por Varo a comentar um dos amores do seu amigo: “Varo, para que eu visse seus amores, / de meu ócio no Fórum me levou. / Puta!, assim pareceu-me de repente / mas não sem elegância ou sem encanto” (CATULO, *Poema 10*).

Stroup viu no poema citado acima uma representação da posição de Catulo quanto ao ócio. O poeta é removido de um espaço onde não tem voz ou grande importância – a política, representada pelo fórum – e é conduzido a tecer comentários sobre os amores de Varo. O *Poema 10* segue com um repertório de ofensas explícitas. A autora julgou que esse texto mostra a posição de Catulo, quer dizer, alguém que rejeita o fórum e, em simultâneo, abraça espaços mais íntimos e pessoais. No caso de Cícero, a palavra *otium* aparece cento e oito vezes nos seus discursos. Na maioria das ocasiões em que isso ocorre, o orador se refere a um momento de paz entre as instituições políticas e a comunidade romana. O vocábulo é correlacionado a termos como *pax*, *concordia*, *silentium* e *tranquillitas*. Cícero também designa os seus

momentos pessoais de *ottium* como *honestum* pela sua dedicação pretensamente exclusiva aos interesses da República. Sob esse prisma, lograríamos aferir o forte compromisso moral e cívico para com a República que o orador desejava transparecer. As referências a um *ottium* estritamente literário se manifestam a partir dos discursos de Cícero lavrados após o seu consulado. Stroup destacou dois deles, a saber: *Pro Anchio* e *Pro Plancio*. Neles, o republicano define que o *ottium* é um meio formal de se dedicar à escrita, mas, como já pontuamos, a uma escrita específica, alinhada aos seus valores na defesa das tradições e instituições romanas (STROUP, 2010, p. 45).

Logo, atinamos que a oposição entre Catulo e Cícero deve ser alinhada aos conceitos de público e privado, coletivo e individual. O *Poema 68b* contém referências ao *ottium* quando o poeta se queixa de que essa prática é ruim para a sua saúde, uma vez que ela o atormenta com as recordações dos seus amores: “O ócio, Catulo, te faz tanto mal. / No ócio tu exultas, tu vibras demais. / O ócio já reis e já ricas cidades / antes perdeu” (CATULO, *Poema 51*, 13-16). Sem embargo, existem alguns problemas nessa afirmação do poeta. Catulo manifesta igualmente a sua insatisfação com os políticos e as suas respectivas atitudes dentro das instituições políticas. Portanto, não nos parece apropriado defini-lo como um opositor de uma escrita que se interessa pela política e um defensor de uma produção inteiramente pessoal. Por outro lado, concordamos com Stroup (2010) ao considerar que a poesia de Catulo se ambientava em situações da vida privada e cotidiana, e não das relações políticas. Catulo manifesta as suas queixas pessoais, alinhadas aos interesses políticos por ele defendidos. Mesmo que não tenha pretendido seguir uma carreira exclusivamente dedicada à exegese política, esses aspectos não estão ausentes na sua poesia. Eles aparecem através dos comentários triviais do poeta no que concerne às práticas do cotidiano.

Dessa forma, depreendemos que as dinâmicas sociais complexas existentes entre os romanos se pautavam não só nas agendas políticas que eles favoreciam, mas também nos status literário e civil aos quais se alinhavam. As invectivas de Cícero são diferentes das de Catulo, posto que o orador se interessa pela defesa das instituições políticas e da literatura tradicionais. Em compensação, o tom moralista catuliano se manifesta através do cotidiano e das suas práticas. Se Cícero não se detém em questões de cunho sexual, Catulo transforma o sexo numa ferramenta de

ataque pessoal e político. Discutiremos a relação entre a moral política e o sexo no Capítulo II desta Dissertação.

Retornemos à questão do *ottium*. Durante essa prática, os escritores eram patrocinados por amigos, geralmente outros políticos simpáticos à sua escrita. No caso de Catulo, temos Cornélio Nepos (100 – 25). Além de patrono da arte catuliana, é provável que ele também tenha sido um poeta. Para mais, um mesmo patrono poderia custear vários escritores de diferentes vertentes. Assim, vislumbramos que o julgamento de Cícero acerca da escrita é pautado em valores republicanos que exacerbavam a importância das instituições políticas e da moral promovida pelas camadas dirigentes da sociedade romana (STROUP, 2010).

A seguir, discutiremos a natureza dos discursos sobre a crise republicana. Rodrigo Santos Monteiro Oliveira fez interessantes considerações relativas à produção de discursos que tratam desse momento turbulento da República. Utilizando-se de bases filosóficas, o foco do historiador foi analisar a reprodução de textos acerca da crise política através de Lucrécio (99 – 55) e Manílio. O autor ressaltou que, nessa época, a literatura considerada tradicional se voltava para fins políticos, educativos ou históricos. Servindo-se dos estudiosos e eruditos helênicos, a produção literária ideal deveria promover os valores romanos. Mais do que isso, as variáveis associações do período, fossem elas intelectuais ou políticas, mostram-nos uma sociedade complexa e que tinha uma narrativa própria no que corresponde à sua história e aos seus processos cívicos. Consequentemente, é importante frisarmos que o fim da *Res Publica* não era algo comentado pelas documentações romanas (OLIVEIRA, 2021, p. 38).

Na fase posterior à República, o Principado de Augusto se ocupou de criar uma narrativa que não obliterasse a *Res Publica*, e sim que a ressignificasse. Dessarte, escritores como Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.) foram responsáveis por atribuir ao Augusto a responsabilidade de restituir a ordem republicana, conciliando todos os membros da comunidade cidadã. A intenção dessa propaganda era se apegar às tradições romanas, a fim de validar o poder e as novas formas institucionais do Principado. As obras literárias operaram no sentido de construir diferentes argumentos a favor dos patronos que a elas estivessem associados (OLIVEIRA, 2021, p. 39-42). Porém, como demonstrado por Stroup, na República Romana Tardia ocorreu uma maior fluabilidade entre as posições de *patronus* e *cliens*. O privilégio do *ottium* provido por um patrono poderia ser conquistado com maior facilidade no período

catuliano do que na época do Império (STROUP, 2010). Assim sendo, entrevemos que é possível pensarmos numa comunidade na qual os compromissos oficiais e as práticas privadas eram alternadas de acordo com a política romana. Caso o sujeito estivesse desempenhando um cargo público (*negotium*), não poderia se dedicar à produção literária. Para tanto, era necessário ou ter muito dinheiro – o que permitiria até mesmo o ato de se tornar o *patronus* de outros *cliens* – ou recorrer a um amigo que o patrocinasse (OLIVEIRA, 2021, p. 39-42).

Não nos concentraremos demasiadamente em Cícero. Embora reconheçamos a sua importância, o nosso objetivo é pontuarmos a sua colocação dentro de um contexto literário que nos ajudará a entender Catulo e as suas invectivas eróticas, dirigidas a políticos e possíveis cidadãos notáveis da República. Não faz parte das nossas intenções discutir os pilares do pensamento conservador romano, e sim reconhecê-lo como uma contraparte dos valores literários advogados por Catulo. Essa identificação nos permitirá inferir as possibilidades quanto à verossimilhança dos discursos literários com a realidade da República Romana Tardia e os fatos que eles descrevem. Paul Veyne (2013) validou esse aspecto na sua definição de um *demi monde* presente nas narrativas elegíacas de Catulo – e dos elegíacos posteriores – que ambienta, de forma artística e representativa, o cotidiano. Contudo, Veyne configurou esse *demi monde* como algo restrito, ou melhor, uma vida trivial da qual os romanos não se orgulhavam. Então, parece-nos que ele concorda com a posição postulada por autores conservadores como Cícero.

Isso posto, salientamos que o caráter social dos textos romanos foi levado em consideração em todas as referências bibliográficas que tivemos acesso. Ao refletirmos acerca da relação entre as esferas literária, social e política dos fins da República, reportamo-nos aos questionamentos sobre o sexo e o gênero. Entrevemos nos discursos referentes à crise republicana uma preocupação recorrente com a depravação moral e a invasão de valores orientais em Roma. Essas ojerizas são manifestadas com destaque quando os autores da Antiguidade citam as relações políticas entre César e Marco Antônio, em especial quando associados à Cleópatra. Pompeu e Sula também aparecem nas narrativas. Todos esses personagens protagonizaram conflitos bélicos, alianças e reformas estruturais nas instituições romanas e as suas ações foram julgadas conforme o temperamento de cada escritor. Cícero se apegou às tradições romanas para denunciar a ganância e devassidão de César. O tom moralista do orador relaciona o comportamento sexual e a afeminação

promovida pelo Oriente como ameaças à ordem republicana. De fato, o que transparece nas nossas referências bibliográficas é a descrição de instituições inseridas numa cultura masculinizada, que rejeitava a subversão dos valores tradicionais romanos. Pior do que isso, tal qual constatamos nas atitudes de César e Marco Antônio ao lado de Cleópatra mencionadas por tradicionalistas como Cícero, é a presença de uma mulher governante que perturba os alicerces políticos e morais de Roma.

As tensões por nós relatadas evidenciavam valores de gênero que operavam na estruturação e legitimação do poder e das instituições romanas. A tradição postulava comportamentos específicos tanto para homens quanto para mulheres e criava categorias excludentes para aqueles que não se adequassem a esse sistema. Exemplo disso era o uso dos termos *impudicus*, *cinadeus* e *pathice*, apresentados previamente. Entretanto, acentuamos que Catulo dedica certos poemas a mulheres em termos semelhantes àqueles direcionados a homens. Tendo isso em vista, consideramos apropriado inserirmos a participação feminina na construção desse ambiente literário. Além de se revelarem como alvo das invectivas catulianas, as mulheres surgem como possíveis escritoras. Portanto, elas estariam presentes num ambiente que, segundo Stroup (2010), deveria ser predominantemente masculino. Logo, é palpável a distância entre o discurso e a realidade cotidiana, *práxis* que não foi uma exclusividade dos romanos. Ainda hoje, deparamo-nos com falas conservadoras no que tange ao sexo, mesmo após a revolução sexual dos anos de 1970.

A plausibilidade das mulheres romanas terem exercido papéis como escritoras não significa que os homens as conjecturavam para encargos políticos, no sentido de um *negotium* ou uma magistratura. Afinal, a simbologia dos espaços que elas ocupavam era construída a partir da interação entre o masculino e o feminino. Como pesquisadores de gênero, interessamo-nos por desconstruir essas manifestações e procurarmos estabelecer os seus limites efetivos dentro das práticas sociais republicanas. Noutras palavras, o discurso moralista não era hegemônico, por mais que o pretendesse ser. Ele atravessava os cidadãos da República Romana Tardia de formas distintas e influía nas suas posições políticas e literárias em proporções divergentes. Como vimos, Catulo se opôs a César, mas não era adepto das tradições como Cícero. Ambos acusam César de perversão, ganância e de ser afeminado. Contudo, se Catulo se relacionava com homens e mulheres casualmente, então, qual

era o parâmetro da imoralidade para o nosso poeta? Cícero considera os modos de Catulo e do grupo ao qual ele pertencia como impróprios para Roma, como vetores de uma degeneração própria da juventude. Sob esse prisma, quais eram as bases do conservadorismo moral que permitiram essa ambivalência entre o orador e Catulo?

Essas são as aproximações possíveis e os distanciamentos necessários quando pensamos em Catulo e Cícero como representantes da literatura referente à crise republicana. Em síntese, podemos dizer que Catulo tem intensões artísticas e políticas e que Cícero se dedica puramente às segundas. Daniele Sberna defendeu que o poeta antigo tem uma atitude libertária no que concerne à literatura. A influência de Calímaco o teria levado a ambicionar uma liberdade estética. Portanto, o nosso personagem intenta debater temas considerados por ele oportunos, utilizando-se dos estilos e das métricas desenvolvidos na cultura helênica. A nossa pesquisa compreende que esses discursos, qualificados como conservadores e vanguardistas, são apropriados dentro de esferas heterogêneas, tanto pelos autores antigos quanto pelas suas vivências cotidianas. Esses discursos não representam a realidade, mas a transformam de acordo com os valores de cada escritor. Se entendemos que esses sujeitos compartilhavam uma mesma cultura e modos, embora não concordassem em tudo, podemos descortinar elementos gerais integrantes dessa sociedade (SBERNA, 2017, p. 7-15).

As exposições de Lintott (2008b) e Oliveira (2021) sustentam o nosso posicionamento quanto ao período denominado como crise republicana. Esses autores definiram o início de um arco temporal de transformações e instabilidades nas instituições romanas, localizado em meados do século II, devido às reformas dos Graco e da guerra contra Jugurta. Lintott e Oliveira conceituaram que, após a ascensão de Mário, o exército e o senado sofreram modificações com a chegada dos novos homens. Estes eram aristocratas e novos ricos em processo de ascensão no *cursus honorum*, agora aberto à plebe por meio de cargos tal qual o de tribuno da plebe. De origem humilde, Mário foi o primeiro plebeu a chegar ao consulado. Essa situação abriu precedentes, como já dissemos anteriormente, para as empreitadas de César, Pompeu e Crasso sob a finalidade de conquistar benefícios políticos através do apelo popular, sobretudo quando o senado se opunha a eles. As alterações promovidas por Mário no exército e no *cursus honorum* marcaram transformações profundas no corpus social e militar da República, como o aumento do poder dos generais com as suas conquistas militares e o apelo ao público. Essa situação

perturbou as ordens tradicionais romanas e implantou incertezas. No fim do primeiro triunvirato, Crasso já estava morto e César rompeu com Pompeu. Então, em 49, iniciou-se uma guerra civil (OLIVEIRA, 2021, p. 70-72).

Com a sua vitória, posto que Pompeu se refugiou no Egito, mas foi morto por Ptolomeu, César se tornou ditador perpétuo e continuou a fazer prevalecer a sua vontade sobre àquela do senado. Ele usou as instituições republicanas e o *cursus honorum* como uma ferramenta de estruturação do seu poder político, possibilitando-lhe a conquista de riquezas e de um exército com força expressiva. As suas ações foram duramente criticadas por Cícero, mesmo que indiretamente, afinal, o orador nunca ofendeu o ditador direta ou explicitamente em vida. Enquanto isso, Otávio e Marco Antônio cresceram apadrinhados por César. Temendo a exponencial carreira militar do ditador, uma conspiração de senadores e aristocratas planejou a sua morte. Enquanto ele se preparava para outra investida militar, foi convocado pelo senado na data de 15 de março de 44 e só saiu de lá morto (UNGERN-STERMBERG, 2014, p. 91-95).

Com os idos de março de 44, Otávio e Marco Antônio herdaram a responsabilidade de vingar a morte de Júlio César. O segundo mandou executar Cícero e outros responsáveis pelo ataque fatídico. O discurso dele e de Otávio se voltou para a memória de César e a restauração da ordem, perturbada pelos assassinos do ditador. Nesse momento, formou-se o segundo triunvirato entre Otávio, Marco Antônio e Lépido. Cleópatra decidiu se aproximar de Marco Antônio, pois não desejava renunciar ao controle do Egito. Esses dois personagens protagonizam uma das mais contadas e referenciadas histórias de amor e política do mundo ocidental. A associação feita por eles do amor com o poder é bastante evidenciada pelas documentações romanas, em especial naquelas do Principado. Essas obras destacam que Antônio se perdeu nos encantos de Cleópatra e se afeminara (OLIVEIRA, 2021, p. 38).

As conexões com o Egito são muito interessantes para a nossa análise de Catulo. Como veremos adiante, ele se inspirava num poeta alexandrino. Enxergamos nisso uma possibilidade de justificativa da rejeição poética catuliana por conservadores como Cícero. Ainda é possível constatar que, na República Romana Tardia, houve a construção de um discurso antialexandrino ou antioriente. Dentro desse cenário, as vinculações de Catulo a essa cultura eram desaprovadas. O contato com tais referências poderia promover o mesmo efeito que teve em César e

Antônio: a afeminação, a ganância, as pretensões monárquicas, em suma, toda uma ordem contrária às representações republicanas romanas.

A seguir, comentaremos certos aspectos que levaram à rejeição dos poetas neotéricos por outros literatos romanos. Um dos motivos seria a relação entre o *ottium* e a literatura política da República. Em vista disso, Cícero será a nossa contraparte de Catulo. Devido ao seu apego tradicionalista, o orador foi estabelecido pela tradição acadêmica como um dos grandes intelectuais da política romana. A sua preocupação com as instituições é demonstrada em vários dos seus escritos como, por exemplo, em *A República*. Descortinaremos que, apesar da oposição literária entre Cícero e Catulo, o ambiente político romano permitia nuances que talvez seriam confusas para as concepções contemporâneas. Os dois se opuseram a César num dado momento das suas vidas, mas eles não compartilhavam de um mesmo interesse literário intimamente ligado à vida política romana. Não temos o interesse de nos debruçarmos de maneira detalhada sobre as concepções políticas de Cícero a esse respeito, e sim pontuarmos que aquelas concernentes ao *ottium* eram distintas a depender do autor ao qual nos referenciamos.

1. 2. *Poetae Noui*: Catulo e as tradições literárias

Os poetas novos escreviam num estilo helenístico e foram inspirados por outros autores do mesmo gênero que viveram quase três séculos antes deles. Entre os mais referenciados estão Euforíão e Calímaco, ambos alexandrinos. Devido a isso, algumas alcunhas foram imputadas ao grupo de forma pejorativa, sendo elas: cantores de Euforíão (*cantoris euforionis*), poetas novos (*poetae noui*) e poetas neotéricos (*poetae neoteroi*). Conforme afirmou Oliva Neto, a principal referência a esses termos se encontra em Cícero, mais especificamente em três textos dele: *As Tusculanas*, *O Orador* e em uma das suas cartas dirigidas a Ático. Nos seus escritos, Cícero demonstra desprezo por esses poetas e pelas suas ambições literárias e evidencia o caráter temerário diante dessa juventude e da novidade das suas referências literárias (OLIVA NETO, 1996a, p. 15).

Entretanto, as alcunhas supracitadas acarretam alguns problemas. Elas eram pejorativas e implicavam em questões complexas na identificação dos poetas que pertenciam e esse grupo, visto que eles não intitulavam a si mesmos com tais termos. Ainda assim, somos capazes de investigar aspectos peculiares que os conectavam.

Oliva Neto nos transmitiu uma lista de nomes de poetas neotéricos contemporâneos a Catulo¹⁰ e relatou que todos eram originários da região da Gália Cisalpina. Alguns deles aparecem nos textos catulianos e protagonizam diferentes situações. Há aqueles poemas em que o autor saúda os seus amigos e demonstra a sua afetividade. Noutros, nos quais a invectiva se faz presente, ele abusa de um vocabulário escatológico e cheio de referências sexuais (OLIVA NETO, 1996a, p. 16).

Outras vítimas das suas invectivas foram Júlio César, Mamurra, Pompeu, Cina (? – 84), o próprio Cícero e até mesmo o mítico fundador de Roma, Rômulo (771 – 717). Portanto, é notável o esforço de Catulo em conferir uma verossimilhança à sua narrativa poética, na qual ele cria a ilusão de uma arte sincera e espontânea, em diálogo com as questões políticas e culturais cotidianas da República Romana Tardia. Boa parte das suas invectivas se direcionam a homens. Não obstante, encontramos outras dedicadas a mulheres, apresentadas como amantes ou rivais do poeta. Entre elas, temos Lésbia, Aufilena, Ameana e algumas que não são nomeadas, definidas como amantes ou prostitutas que se envolvem com os personagens presentes nos textos. Mais adiante, voltaremos a discutir os recursos literários empregados por Catulo.

Definir o grupo dos poetas neotéricos tem se mostrado um desafio para os pesquisadores. Em proveito de encontrarem os elementos que tornariam possível categorizá-los sob uma vertente literária, vários aspectos são levados em conta. O texto de Richard Oliver Allen Marcus Lyne (2007) nos forneceu um panorama dessas principais considerações. Segundo ele, os textos de Cícero são um ponto de partida para os questionamentos acerca de uma escola neotérica. Em sua análise, Lyne defendeu que as referências do orador agem como paródias do estilo literário dos poetas novos. Além disso, as alcunhas por ele usadas revelam o desprezo de Cícero por esses personagens. John H. Collins (1952) comentou que por muito tempo se pensou na possibilidade de Cícero e Catulo terem sido amigos, ou simpáticos um ao outro, principalmente devido à oposição em comum a César. Cícero não menciona o poeta diretamente, ao menos não nas obras que sobreviveram até os nossos dias, porém, Catulo dedica um poema a ele, no qual comenta uma possível invectiva do orador direcionada ao poeta:

¹⁰ Licínio Calvo (82 – 46), Héliúo Cina (85 – 44), Varrão Atacino, Quinto Cornifício (? – 42) e sua irmã, Cornifícia, Valério Catão, Cornélio Nepos, Fúrio Bibáculo (103 – ?) e Tícidias.

Ó tu mais loquaz dos filhos de Rômulo, / de quantos são e quantos foram, Cícero, / e de quantos hão de ser no futuro: / um muito obrigado te diz Catulo / o pior dentre todos os poetas / tanto pior de todos os poetas / quanto tu o melhor dos oradores (CATULO, *Poema* 49).

A oposição entre Cícero e Catulo é o artifício humorístico desse poema usado para zombar da reputação do primeiro. Estabelece-se uma relação de proporcionalidade inversa entre os termos *poetae* e *patronus* – traduzidos como poeta e patrono – e a qualidade de cada um no papel assumido. A relação entre o *advocatus*, defensor das tradições, e o poeta vanguardista se mostra incompatível. O que possuímos, principalmente nas cartas de Cícero, são críticas gerais ao grupo dos poetas ao qual Catulo pertencia. Collins (1952, p. 4) transmitiu que Licínio Calvo, orador rival de Cícero e aliado de César, conseguiu aproximar Catulo do ditador. Nosso poeta dedica alguns dos seus textos a Calvo (14, 50, 53 e 96) onde demonstra grande proximidade e amizade. A relação com Cícero, todavia, não revela muitos aspectos do grupo dos poetas neotéricos, embora seja viável elencarmos alguns traços da sua escrita, já que a sua obra configura uma paródia. Discutiremos isso mais adiante, quando listarmos os aspectos estruturais do texto do orador.

O teor negativo dos termos empregados pelo tradicionalista estava vinculado à juventude dos integrantes do grupo, à vulgaridade dos seus versos – que se valiam de vocábulos nunca escritos ou proferidos por tradicionalistas como Cícero – e ao desprezo dos poetas neotéricos pelas tradições literárias. Cícero e Catulo defendiam status quo diferentes em relação à literatura. O primeiro intercedia por uma tradição vinculada a escritores como Ênio (239 – 169). O segundo rompia com esses valores e propagava um movimento literário originário de Alexandria. Os neotéricos advogavam um discurso de estilo ático, coloquial, flexível e simples. Cícero favoreceu o estilo asiático, artificial, retórico e ornado, com sentenças cuidadosamente metradas. Atinamos que a crise literária acompanhou a crise política romana e a oposição de Cícero não impediu que os neotéricos se estabelecessem ou que César interrompesse as suas empreitadas (VASCONCELLOS, 1991, p. 17-18).

Nesse ambiente crítico e de alianças inconstantes, a obra catuliana e dos poetas novos tinha ambições vanguardistas que se opunham às tradições literárias republicanas. Outrossim, é difícil precisarmos exatamente o que se concebia por um poeta neotérico nos tempos de Catulo. Os comentários de Cícero nos dão apenas pistas quanto a essa concepção, pois são paródias que imitam a estrutura dos seus textos. Além disso, da geração do nosso poeta, temos acesso meramente ao trabalho

de Catulo. Já os seus sucessores produziram obras bem mais documentadas, como aquelas de Tibulo (54 – 19), Propércio (43 – 17) e Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.). Nos tempos de Catulo, uma nova realidade intelectual se expandia pelo Mediterrâneo. A cultura helênica, difundida por meio da *paideía*, tornava-se uma espécie de cosmopolitismo antigo. A ascensão da escrita e do livro aliados à expansão da influência romana sobre o globo helenizado inseriram Roma e o latim nesse mundo (OLIVA NETO, 1996a, p. 18-22).

Retornemos ao texto de Lyne na busca pela associação desses fenômenos ao desenvolvimento da literatura neotérica. O autor alegou que, malgrado Cícero não fornecer material suficiente para compreendermos com clareza a escola poética em questão, é exequível reavermos informações no próprio texto catuliano. Lyne também se preocupou em rastrear as origens do termo *neoterói*. De acordo com ele, o vocábulo aparece em comentadores gregos e latinos e era usado para definir poéticas distintas da épica homérica. Essa palavra denotava uma novidade em estilos e temas poéticos até então não contemplados pela cultura helênica. De mais a mais, o termo é escrito em grego por Cícero, o que reforça a referência helênica. Mas, como dissemos previamente, os poetas gregos e romanos que compunham esse grupo nunca se referiram a si mesmos como *neoterói*. Em seguida, Lyne arguiu que a carta a Ático supracitada foi escrita no ano de 50, data na qual Catulo provavelmente já estava morto. Para esse autor, identificar similaridades entre o texto ciceroniano e o catuliano – no caso, o *Poema 64* – valida um estilo compartilhado por outros poetas, posto que Cícero se referia a um coletivo, e não apenas a Catulo (LYNE, 2007, p. 111). A tradição estabeleceu que *neoterói*, em geral, refere-se a poetas novos, jovens e opositores dos estilos literários longos e muito ornamentados como a épica e os anais. No *Poema 36* encontramos um exemplo disso. O nosso poeta chama os *Anais* de Volúcio de papéis cagados.

Catulo destina determinados textos ao comentário das obras de outros poetas, rivais e amigos. A partir disso, é possível destacarmos certos integrantes do grupo dos poetas novos. Enquanto poemas como o 35, 50, 53 e 95 elogiam os seus colegas, outros são hostis e reforçam as suas posições frente às concepções literárias da República Romana Tardia. Os poemas das pessoas referenciadas por Catulo não sobreviveram ao tempo. Por conseguinte, torna-se difícil elaborarmos um quadro específico de regras e orientações literárias que conectavam os poetas novos. O que sabemos é que esse grupo pretendia executar uma arte simplificada, erudita e

vinculada a poetas do passado. A temática amorosa e sexual e o vocabulário escatológico parecem configurar alguns aspectos em comum. O humor erótico também é apontado como uma dessas características. O uso de estilos métricos mais curtos e diretos, como os iambos polímeros e a elegia, pode ser identificado como um atributo em comum (LYNE, 2007, p. 116-120).

Por fim, Lyne comentou um elemento chave na poesia catuliana e que foi preservado pelos poetas eróticos posteriores: a poesia de Lésbia. Até então, não havia na literatura romana um estilo poético dedicado a narrativas relativas a amantes. De fato, o amor e o erotismo estavam presentes em passagens precisas, no entanto, não existia uma poesia estritamente voltada para esses amores ou que desse forma e personalidade às amantes. Outrossim, o autor não aludiu aos poemas homoeróticos e glosou acerca da variedade de temas em Catulo, condição que torna difícil categorizar o poeta como um elegíaco amoroso. O nosso personagem escreveu em variadas métricas, exemplificadas pelos seus hexâmetros iâmbicos, além de ter redigido sobre outros relacionamentos que não aquele com Lésbia (LYNE, 2007, p. 130-135). Nesse ponto, trazemos os argumentos de David Wray (2011) para solucionarmos tal problema. O acadêmico considerou que a heterogeneidade presente em Catulo foi uma fonte de inspiração para poetas elegíacos posteriores, como Tibulo, Propércio e Ovídio. Entretanto, Wray pontuou que esses três poetas não consideravam o nosso personagem um elegíaco, ainda que o referenciassem. Em suas palavras:

As suas práticas poéticas [...] apontam para um aprendizado que inclui um estudo diligente não apenas das longas elegias, mas tudo o que Catulo escreveu. Os gêneros da poesia latina, inter-relacionados, eram sempre abertos a influências de fora de seus limites genéricos permeáveis, e todas as coleções de elegias sobreviventes contêm momentos, por exemplo, onde eles se apegam às tradições do epigrama romano (WRAY, 2011, p. 26).

Ou seja, os poetas elegíacos ulteriores a Catulo viam nele não uma, e sim múltiplas referências literárias a serem estudadas e reproduzidas. A partir disso, desenvolveu-se a poesia amorosa romana, cujo espelho foram as narrativas referentes à Lésbia. Mas, para Wray, Lésbia tem ares de um personagem mais próximo do real, mesmo que escondida por seu pseudônimo. No caso das amadas de Propércio e Tibulo, o artifício literário que as constrói é mais focado numa narrativa

fictícia e não há uma unidade pretendida. Constatamos que os poemas catulianos passam por efusões líricas baseadas nas emoções do poeta (WRAY, 2011, p. 66).

Então, se Catulo não é o pai da elegia amorosa, a quem se reportariam os poetas elegíacos? Roy K. Gibson (2012) pretendeu responder a essa pergunta nomeando para tal função um poeta do qual não dispomos de nada mais que nove linhas incompletas, isto é, Cornélio Galo. Igualmente, Gibson reconheceu que Cornélio se inspirou em Catulo para começar a produzir as suas elegias sobre Lícoris, a sua amada. Conforme o autor, Cornélio agiria como a principal ligação entre Catulo e Propércio. Esses poetas teriam compartilhado de um mesmo interesse em termos de modelos helenísticos, mas adaptaram a sua arte de modo ímpar.

Do nosso ponto de vista, a afirmação de Gibson (2012) não nos parece bem sustentada, porquanto o próprio tenha evidenciado a falta de documentações que sirvam de aporte para a sua teoria, relegando as poesias de Lésbia a um caráter distinto das elegias posteriores. Consideramos que a sua visão, que tira Catulo do protagonismo do movimento, não corresponde às inúmeras evidências da influência catuliana e da reprodução dos seus estilos poéticos naqueles que o sucederam. Isso posto, a abordagem de Gibson não deixa de ser fundamental para determinarmos que Catulo foi um escritor elegíaco, bem como um devoto das práticas atribuídas aos poetas neotéricos. Ao lado das considerações de Wray (2011), reconhecemos que o nosso poeta e os membros da sua geração foram os responsáveis por inserir em Roma uma pluralidade de temas e tendências poéticas que, com o passar do tempo, metamorfosearam-se em estilos próprios.

Por exemplo, captamos em nossa leitura que Catulo usa textos mais curtos e diretos a fim de ofender. Simultaneamente, quando se trata dos seus amigos e amantes, ele é mais engenhoso. Os poetas neotéricos trabalharam esses conceitos cada um à sua moda. No caso catuliano, atentar-nos-emos às imprecizações, por nós denominadas como invectivas. O autor antigo dá demasiada atenção à forma, ao estilo e à temática, algo preterido pelos textos tradicionais que tinham um objetivo único e específico, quer dizer, a propaganda e a manutenção do regime republicano (LYNE, 2007, p. 113).

Por fim, trataremos da principal inspiração poética dos neotéricos, quer dizer, Calímaco de Cirene. Esse poeta alexandrino foi o mestre, e não o criador de um estilo literário. A grafia dos seus poemas se baseava no uso dos dísticos elegíacos e dos iambos, tal qual Catulo. Veyne asseverou como o nosso personagem e os poetas

neotéricos das gerações posteriores foram influenciados por Calímaco. A imitação dos estilos dele estaria longe de ser considerada como plágio. Era por meio dessa prática que os poetas exibiam a sua erudição e a sua capacidade de emular um estilo literário antigo em moldes latinos. Essa inspiração fica evidente em três poemas de Catulo, os de número 65, 66 e 116. Consoante a Veyne, algumas características fundamentais da escrita calimaquiana são a simplicidade e o maneirismo, presentes de acordo com o gosto de cada poeta. Em geral, os textos de Calímaco não têm um interlocutor ou eu lírico bem definido. Tudo é construído de forma ligeira pela união de termos e palavras, o que resulta na sensação de que o poeta oscila entre diferentes pontos de vista na poesia. Nas palavras de Veyne, um texto calimaquiano é ilegível, no sentido de não ser possível definirmos um objetivo único e coeso para os poemas, nem mesmo um interlocutor bem estipulado. Às vezes, Calímaco não define um alvo para os seus textos e o interlocutor é modificado na mesma poesia ou simplesmente não é percebido. Ora o poeta se dirige aos seus/suas amantes e amigos ou inimigos, ora se perde em comentários mitológicos rebuscados de erudição e técnica. Por último, muitas das suas obras são curtas e objetivas (VEYNE, 2013, p. 31-58).

Richard Hunter fez considerações interessantes no que concerne à influência de Calímaco na elegia romana. Ele apontou que esse poeta era conhecido e comentado por Quintiliano, para quem os modos elegíacos eram pouco sérios. Hunter também demonstrou como os *Aitia* de Calímaco serviram de modelo para a escrita de várias elegias romanas, desde as eróticas até as bucólicas de Virgílio. Ele definiu a presença calimaquiana na vida dos romanos nos seguintes termos: “Apesar da *Aitia* não ser sobre “as experiências emocionais dos poetas” da maneira como a elegia romana se propunha, teve como seu centro uma voz poética com claras e definidas características e obsessões”. No próximo subtópico deste capítulo, discutiremos visões como a de Quintiliano, que separavam uma literatura séria de outra trivial, inseridas nas tensões literárias e políticas na República Romana do século I (HUNTER, 2012, p. 159).

Regressemos a Calímaco. A escrita de imprecações era outra marca desse poeta. Ele repudiava os longos poemas cíclicos, como a épica, e cultivou versos ligeiros em formato iâmbico ou elegíaco. As suas invectivas tinham como objetivo a sátira de valores morais e literários dos seus contemporâneos. Com esses dados em mente, assinalamos o principal elo entre Calímaco e Catulo, isto é, a ofensa contra certas concepções sociais coletivas. Catulo, ao contrário de Calímaco, ataca os

valores e costumes literários tradicionalistas ao mesmo tempo em que investe as suas imprecações contra os políticos romanos. Veremos como esse conflito literário se conectava diretamente à política em contextos diferentes daqueles vividos pelo poeta alexandrino. Afinal, ambos vivenciaram regimes políticos e cívicos distintos. Roma era uma República enquanto Alexandria estava sob o comando único da dinastia ptolemaica, oriunda de Alexandre, o Grande (OLIVA NETO, 1996a, p. 31-35).

Kathleen McCarthy arrazoou que a performance poética do eu lírico catuliano estava atrelada à invectiva. Era por meio dela que o poeta expressava as suas opiniões e conferia características singulares ao seu eu lírico e aos personagens envolvidos. Para ela, ao utilizar hipérboles na intenção de atizar os seus alvos, esses poemas atrelam práticas sociais, tal qual o *flagitatio* – poemas 12, 16, 25 e 42 comentados pela autora – e a linguagem. Porém, McCarthy não analisou a presença dos vocábulos escatológicos como parte da construção desse ambiente. Do nosso ponto de vista, eles equivalem a uma ferramenta poética que contribui na aproximação do eu lírico com o seu público-alvo (McCARTHY, 2019, p. 113-133).

Enfim, gostaríamos de indicar o trabalho de Daniele Sberna (2017), intitulado *Callimachus and Catullus in a Quest for Liberty*. Nessa obra, a autora sublinhou que, dentro dos seus devidos contextos e momentos históricos, Calímaco e Catulo demonstraram insatisfação com alguns aspectos da cultura escrita de seu tempo. Ambos se propuseram a redigir poesias refinadas que abandonassem os antigos métodos e técnicas estabelecidos pela literatura clássica. Esse movimento foi fortemente influenciado pela expansão do helenismo no Mediterrâneo a partir do século III. Além de Calímaco, a poetisa Safo de Lesbos também já foi associada a Catulo. Cecília Piantanida (2021) dedicou uma obra completa às tradições literárias helenistas e à sua influência na cultura do século XXI. Para ela, as temáticas e os estilos de escrita de Safo e Catulo foram vitais na estruturação de uma literatura erótica e/ou romântica no mundo ocidental. Malgrado o seu estudo tenha se limitado às produções puramente literárias, julgamos que essa influência se estende à música popular ocidental, ao menos no que diz respeito às letras das músicas, principalmente naquelas em que as relações sexuais e de gênero são representadas. Retomaremos essa discussão no Capítulo IV desta Dissertação.

A despeito da variedade de métricas e estilos utilizados pelos poetas neotéricos, não foram eles que os criaram. Pelo contrário, a sua originalidade se encontra no horizonte das narrativas ao terem tratado de qualquer assunto. Ainda

assim, dadas configurações se tornaram habituais. O jambo e o epigrama eram usados nas invectivas, a elegia para as melancolias amorosas e bucólicas, o hino para os temas mitológicos e religiosos. Muitas vezes, esses elementos coexistiam numa mesma poesia. A presença da mitologia grega era recorrente. Nesses casos, os mitos ilustravam situações desenvolvidas na narrativa. Esse recurso servia como forma de expor a erudição dos poetas e o seu domínio da cultura helênica. Uma pastoral em traje de passeio foi como Veyne definiu a elegíaca dos neotéricos (VEYNE, 2013, p. 183-208).

A tradição iniciada por Catulo e pela sua geração vigorou por todo o período imperial e, mesmo com o seu declínio no Medievo, ela ressurgiu e inspirou a poética renascentista. Concebemos que diferentes contextos históricos e literários se cruzavam em Roma no momento do surgimento dessa poética. Havia uma multiplicidade de discursos e conflitos manifestados no ambiente intelectual da República Romana. Esses atos demonstravam a forte conexão da poética com a política e a presença da sexualidade como um regulador moral de grande importância. Logo, pretendemos investigar se havia um tratamento particular da sexualidade por parte dos poetas em questão. Perguntamo-nos em que medida Catulo e os neotéricos podem ser considerados como revolucionários e subversivos. Temos consciência de que a opinião sobre o discurso depende do olhar do pesquisador e da seleção documental e, assim como explanou Julia Gaisser (2007a, p. 2), é preferível olharmos para Catulo de todas as formas possíveis. Dessarte, o acúmulo de interpretações e análises quanto à obra do poeta enriquecerá cada vez mais o debate acerca da sexualidade antiga e das relações de poder ambientadas pelo gênero.

Isso posto, gostaríamos de postular uma definição viável para os poetas neotéricos, de forma que possamos conectar elementos que os uniam e estabelecer os limites dessas definições. Portanto, consideramos aqueles que integraram a geração de Catulo e aquelas de épocas posteriores que se adequavam aos seguintes elementos: a inspiração em Calímaco e outros poetas elegíacos helenos, como Safo e Euforíão; o uso de um vocabulário popular e escatológico distante do ideal promovido pela tradição romana; a redação de invectivas; o apreço por textos curtos e ligeiros; a rejeição ao estilo dos anais e dos textos épicos; a temática amorosa. A confluência desses elementos pode ser identificada em todos os poetas tidos como neotéricos, de Catulo a Ovídio. Outro elemento que tencionamos levar em conta são

os conflitos políticos com o Egito alexandrino, fenômeno não trabalhado com afinco na bibliografia por nós selecionada.

1. 3. Estrutura do texto, estilo e linguagem poética

Pouco mais de cem poemas e um fragmento de Catulo sobreviveram ao tempo. Os poemas foram encontrados em pergaminhos fragmentados no século XIX. Os textos foram reunidos e organizados no que conhecemos hoje como *Liber Catullus* (*O Livro de Catulo*). Essa obra foi dividida em três partes: de 1 a 60 temos as composições de métricas variadas, os polímeros; de 61 a 64 possuímos os poemas eruditos (*carmina docta*), que consistem nos maiores poemas (também chamados de *carmina longiora, maiora*), cuja métrica é diversa; e de 65 a 116 encontramos os dísticos elegíacos. Essa segmentação pretende se adequar a uma possível configuração original dos poemas, apesar de ser alvo de constantes discussões acadêmicas. O principal argumento para a defesa dessa organização é a importância da métrica na poesia antiga. Devido à quase ausência de outros testemunhos sobre o poeta, pesquisadores se dedicaram a investigar o *Liber Catullus* em busca de informações relativas à sua composição (VASCONCELLOS, 2016, p. 18-19).

Timothy Peter Wiseman (2007) defendeu essa divisão. De acordo com ele, o *Poema 1* foi criado para abrir a sessão 1 a 60, pois trata-se de uma dedicatória a Cornélio Nepos, amigo e incentivador de Catulo. Com pretensa modéstia, o poeta considera o seu livro pequeno (*libellus*) e belo (*lepidus*), as suas poesias são ninharias (*nugae*) de pouco valor. O uso do termo *libellus* não designa unicamente afetividade. O vocábulo também se refere ao tamanho físico da obra – um papiro não comportaria as três partes – e é uma alusão à escrita alexandrina de Calímaco. A palavra *nugae* (ninharia, bagatela, nuga, coisa sem valor) traz uma conotação pejorativa e irônica do autor acerca dos seus poemas. *Nugae* dificilmente seria associada aos *carmina docta*, mas faz sentido quando ligada à primeira parte, que consiste em sua maioria nos poemas infames e de vocabulário popular.

O *Poema 65*, uma triste elegia dedicada à morte de Hórtalo (114 – 55) (irmão de Catulo), marca o início dos poemas elegíacos. A transmutação do estilo poético pode ser considerada um indício da divisão do conteúdo da obra catuliana. Entretanto, Wiseman pontua que essa não era a função original do poema. A homenagem a Hórtalo viria acompanhada do *Poema 66* – uma adaptação de um texto de Calímaco

e um presente ao irmão do poeta –. A referência a Calímaco se repete no *Poema 116* e reforça a ideia de unidade dessa sessão. No texto, Catulo antagoniza a erudição e a vituperação, o que se adequa a um livro que contenha as poesias calimaquianas e algumas das suas invectivas. Somado a isso, temos a presença das musas nos primeiros versos, outro sinal de que o poema poderia ser usado como abertura de uma coleção. Elas aparecem nos poemas de abertura de número 1, 61 e 65 (WISEMAN, 2007, p. 67-68).

Ainda consoante a Wiseman, os poemas eruditos (61 a 64) são os maiores esforços artísticos do poeta. Eles não compartilham do vocabulário, da métrica e das temáticas abordadas nas outras duas partes. Uma proposta pretende organizar os poemas 61 a 68b pela sua temática: o casamento. Os hinos, todavia, apresentam situações não muito tradicionais para essa festividade. O *Poema 64* traz auspícios ambíguos ao casal, o *Poema 66* exalta a fidelidade, porém o *Poema 68b* é uma celebração do amor adúltero e condenado do poeta. Como solução, estabelece-se que o conteúdo da obra de Catulo passou por diversas edições. A existência de publicações fragmentadas não impede que um editor póstumo, ou o próprio Catulo, tenha estruturado os poemas numa coletânea (WISEMAN, 2007).

Marylin B. Skinner (2007b, p. 1-3), na introdução da obra *A Companion to Catullus*, redigiu a mais recente análise em relação à discussão do conteúdo das sessões e à organização do livro. A autora elencou os principais argumentos usados pelos pesquisadores para defender ou rejeitar a possibilidade de o livro ser uma criação artística coerente e pensada pelo poeta. Antes de iniciar o seu comentário, ela levantou uma problematização importante: os textos, na sua maioria, são peças isoladas e autônomas, portanto, a ordem de leitura pode não influenciar na compreensão deles. Ao cogitar as duas abordagens vigentes, Skinner elaborou certos pontos-chaves para a defesa de cada uma delas.

Os que advogavam que o livro era uma criação póstuma e desconhecida de Catulo consideravam que a estrutura e a variedade da coleção eram incompatíveis com a premissa de um *libellus* – seria incomum um papiro tão grande naqueles tempos –. Outrossim, o uso dos termos pejorativos não era adequado às suas composições eruditas. Em conclusão, esses pesquisadores alegavam que Catulo publicou os seus *libelli* – onde cada uma das sessões constituiria um *libellus* – na ordem em que foram compostos, divididos em peças relacionadas por temas ou métricas semelhantes (decassílabos, iambos, elegias), assim como nos livros de Marcial. A configuração

final do livro seria, para esses estudiosos, o fruto de um editor que pouco conhecia Catulo e puramente reproduziu o seu conteúdo do papiro para o códex. A hipótese acompanha uma atitude romântica sobre a poética catuliana, tida como uma poesia individual e de emoções verdadeiras (SKINNER 2007b, p. 1-3).

Do outro lado, temos os pesquisadores que alegavam que a técnica de alusão confere um aspecto artístico ao livro. As insinuações criam uma teia de relações entre os poemas catulianos e outras referências literárias helênicas. A crítica aprofundada desses elementos evidenciou a possibilidade de o livro ser uma criação mais complexa do que se pensava. Nesta visão, o poeta ou o editor organizou os poemas para conferir uma estética sofisticada à coleção. Isso posto, a beleza do livro e as competências do poeta se apresentam além da narrativa. Sabemos da importância dedicada à palavra oral na República Romana, sem embargo, a escrita já havia estabelecido uma tradição sólida e sofisticada. A dificuldade em precisar a data da redação e da publicação de cada poema ou seção inferem em outros, como a possibilidade de a ordem dos poemas estar alterada e a ausência de alguns textos. A morte prematura de Catulo aos 30 anos e a imprecisão dos seus dados biográficos tornam difícil afirmar que o poeta organizou a coleção como a temos hoje. Não obstante, não podemos negar que ele possa ter tido essa configuração em mente, finalizada postumamente pelo trabalho de um editor. O seu desaparecimento durante o Medievo eliminou quaisquer outras edições que poderiam ter existido na Antiguidade. Infelizmente, esses problemas ainda não foram solucionados por nenhuma hipótese. Talvez com a redescoberta de novos papiros no futuro esses problemas sejam atenuados (SKINNER, 2007b).

1. 4. Pesquisas e temas em Catulo

As primeiras traduções de Catulo para o português foram empreendidas por Almeida Garret (1799-1854), em 1824. Ulteriormente, vieram as de Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), Aires de Gouveia (1828-1916), Lucindo Filho (1847-1896) e Francisco Otaviano (1825-1899). Durante quase todo o século XX, o nosso personagem foi pouco estudado pelos pesquisadores brasileiros ou portugueses. As traduções mais recentes na língua portuguesa publicadas no Brasil são as de Vasconcellos – *O Cancioneiro de Lésbia* – e Oliva Neto – *O Livro de Catulo* –. Desde então, o interesse nacional pelo poeta, que já era escasso, diminuiu de forma

considerável. Não foram publicadas novas edições da sua obra e a literatura acadêmica disponível não ultrapassa algumas dezenas de artigos e capítulos de livros (OLIVA NETO, 1996b, p. 53).

Em âmbito nacional, destacamos o artigo recente de Semíramis Corsi Silva (2021), no qual a historiadora trabalhou com o *Poema 63* de Catulo. Nele, ela expôs concepções de gênero e performatividade acerca dos *Galli* (sacerdotes da deusa Cibele provenientes da região da Gália). A autora elencou como o poeta exprime os seus valores romanos ao reprovar a conduta desses sacerdotes. Ressaltamos a importância do estudo de vocábulos específicos que integraram a análise de Silva na identificação de uma performance afeminada em personagens masculinos da literatura latina.

A situação é diferente quando pensamos na literatura britânica. Localizamos centenas de artigos, livros e capítulos que trabalharam com o autor. Há muitas edições do texto catuliano disponíveis em inglês. Algumas das mais referenciadas nos últimos anos são: *The Poems of Catullus: A Bilingual Edition*, com notas, introdução e tradução por Peter Green; *Catullus Expanded Edition*, com introdução, notas e comentários por Henry V. Bender e Phyllis Young Forsyth; *The Book Of Catullus*, por Simon Smith.

Em *Oxford Readings in Classical Studies: Catullus*, editado por Julia Gaisser (2007b), reavemos uma coletânea de estudos sobre Catulo e os seus poemas. A proposta dessa obra foi concentrar os textos produzidos por pesquisadores de diversas áreas e que tenham em comum o interesse pelo poeta. A literatura acadêmica acerca de Catulo é heterogênea, tanto pelo caráter das pesquisas, que apresentam aproximações de tônica – estilísticas, literárias, históricas, sociais –, quanto pela interdisciplinaridade dos profissionais envolvidos. Na introdução, a autora exibiu alguns momentos fundamentais que transformaram as perspectivas dos estudos catulianos. Ela estabeleceu uma cronologia que dá a ideia de progresso e desenvolvimento relativos aos textos do poeta, mesmo que tenha salientado que essa não é a abordagem mais apropriada. Afinal, as discussões de cada período possuem condições sociais e acadêmicas próprias (GAISSER, 2007a, p. 1).

Gaisser advogou uma perspectiva histórica e temática ao se tratar dos estudos do poeta, não teleológica. As pesquisas apresentam abordagens particulares: estilísticas, históricas, literárias e teóricas, que acompanham a inomogeneidade dos textos catulianos. À vista disso, a interdisciplinaridade se tornou uma necessidade

para compreender a obra de Catulo. Não há uma unicidade entre os pesquisadores e os temas são estudados por diferentes métodos e pontos de vista. Gaisser comentou que diferentes épocas produziram tendências de pesquisa e discursos próprios acerca do nosso personagem. Em alguns momentos históricos, muitos dos seus poemas foram censurados devido à obscenidade. Por outro lado, as contínuas revoluções críticas, direcionadas por movimentos sociais, influenciaram perquirições, abordagens e metodologias aplicadas nas documentações clássicas latinas (GAISSER, 2007a, p. 3-4).

Até meados da década de 1950, predominavam as análises biográficas e literárias. Dessa época, surgiram os primeiros textos que consideraram a poesia de Catulo como o início da tradição das poesias amorosas nas línguas europeias. A temática rende discussões até hoje. Em *The Lyric Genius of Catullus*, Eric A. Havelock (1939) enfatizou a originalidade catuliana ao compor o seu lirismo envolto de emoções e paixão sexual. A visão lírica de Havelock foi uma novidade, mas muito criticada por ter omitido boa parte dos poemas. Ele considerou que a leitura de alguns textos seria improdutiva pela falta de qualidade e sofisticação. Até então, predominava o critério estético e artístico para a classificação dos poemas e o preceito moral foi determinante nas análises. Somente na década seguinte os poemas pederásticos e de vocabulário obsceno vieram à tona nas pesquisas acadêmicas. No final dos anos de 1950, os estudos dedicados a Catulo passaram a concentrar cada vez mais técnicas e pesquisadores de áreas díspares. Uma revolução nos estudos históricos e literários da Antiguidade Clássica proporcionou a imersão em temas e abordagens originais (GAISSER, 2007a, p. 4-6).

A partir dos anos de 1960, Catulo deixou de ser um poeta de emoções e amores e passou a ser tratado como um escritor muito habilidoso. Estudos filológicos exibiam uma ótica literária como a forma mais apropriada de lidar com os seus textos, pois julgavam que tudo aquilo que era fundamental para compreendê-los já estava ali. Cada poema foi tido como uma obra autônoma, não dependente dos outros para fazer sentido. Esse tratamento foi utilizado por Veyne em *Elegia Erótica Romana* (2013). Depois, surgiu uma nova crítica aplicada aos textos latinos que evidenciou aspectos antes ignorados pelos estudos tradicionais. As novidades centrais surgiram com os vieses feministas e aqueles dirigidos à sexualidade (GAISSER, 2007a, p. 15-17).

Quando a mulher assumiu o seu papel como agente histórico, uma revolução aconteceu na crítica documental. Pesquisadores passaram a localizá-las na Antiguidade e a comentar as suas representações. Nesse âmbito, as poesias eróticas e satíricas representaram um terreno abundante. Em contrapartida ao que ocorria em outros gêneros – como a épica, tão louvada pelos tradicionalistas –, as mulheres dessas poesias não se encontravam num espaço mítico e distante. Enquanto as personagens femininas épicas foram idealizadas pelo patriarcalismo dos heróis, aquelas dos gêneros eróticos e satíricos eram pretensas cidadãs. Não obstante, admitimos que existem problemas e distorções no que concerne a essas retratações, posto que as poesias continuaram sendo produzidas por homens das camadas dirigentes da sociedade romana. Há também o problema do estilo literário, cujo estudo é necessário para conhecermos os aspectos que o definem em prol de uma crítica efetiva (CARDOSO, 2014, p. 243-244).

As investigações sobre Catulo acumularam cada vez mais técnicas de crítica literária para o tratamento documental. Zelia de Almeida Cardoso citou René Wellek para justificar o uso da poesia antiga nos estudos culturais:

Para ele [Wellek] a literatura é uma instituição social que se vale da criação social, que é a linguagem, e representa a vida, que se traduz, em larga medida, como uma realidade social. O poeta, por seu turno, é um membro da sociedade e possui uma condição social específica. A literatura tem surgido em estreita conexão com dadas instituições sociais e desempenha uma função social. Daí as numerosas indagações sobre a relação existente entre literatura e vida real (CARDOSO, 2014, p. 243).

Em conclusão, a autora argumentou que não podemos conceber os textos antigos como réplicas exatas do seu contexto social, mas sim como produtos desse ambiente. A obra literária espelha os valores da sociedade que a produziu e cria representações distorcidas e planificadas da realidade. Demonstra-se difícil resolvermos as questões elencadas por essas distorções, todavia, uma análise apurada dos aspectos literários e históricos do texto pode evidenciar ao menos onde essas deformações se localizam (CARDOSO, 2014).

Stroup (2010, p. 5-20) desenvolveu uma análise que remete ao papel da literatura na política romana e nas relações estabelecidas entre a aristocracia e as elites regionais. A pesquisadora concentrou o seu trabalho na comparação entre Catulo e Cícero, dois escritores de vertentes literárias opostas, mas de relações pessoais e políticas desenvolvidas no mesmo ambiente: a aristocracia romana. O

entusiasmo romano pela literatura estava profundamente ligado ao seu culto à palavra, que no século I já estava consolidada na tradição oral e escrita. Cícero se manifesta como orador e escritor e Catulo como poeta, com a diferença de que a natureza do poeta o permite transitar entre o mundo oral e o escrito (STROUP, 2010, p. 5-20).

O livro de Veyne (2013) investigou as origens e influências de poetas romanos como Catulo, Propércio, Tibulo e Ovídio. Ele nos elucidou quanto às inspirações calimaquianas dos poetas neotéricos e à prosperidade que o seu estilo teve em Roma. Se na época de Catulo o movimento foi preterido, nas gerações seguintes ele se estabeleceu na cultura latina. As obras de Propércio, e Ovídio em particular, foram muito estudadas na academia e ficaram gravadas na memória popular como principais representantes da poesia amorosa romana. Veyne estendeu a sua abordagem para os possíveis impactos exercidos por esses textos nos estilos literários europeus posteriores, pontuando que a percepção social e crítica da poesia erótica e romântica tomou configurações peculiares em cada época.

Tivemos acesso à *Imagines Amoris. As Figurações de Amor em Roma do Final da República ao Período Augustano*, Dissertação de Mestrado de Lya Valéria Grizzo Serignolli (2013). Nela, a pesquisadora utilizou como documentações os poetas do século I a.C. até I d.C. para compor o seu quadro de representações de gênero e sexualidade. Ela passou por Catulo e outros poetas eróticos como Propércio e Ovídio. As *masculinidades de Júlio César: recepções antigas e midiáticas*, Dissertação de Mestrado de Victor Henrique da Silva Menezes (2018), elencou brevemente os poemas de Catulo que acusam César de comportamentos sexuais impróprios. Ele recorreu a esses textos para compor o seu panorama das representações da imagem de César na Antiguidade e nos âmbitos midiáticos ao longo do tempo.

O artigo de Mariana Carrijo Medeiros, *Entre a crise política e a crise moral de finais da República Romana (I a.C.): fronteiras entre o discurso e o real* (2019), fez considerações relativas à tendenciosidade das documentações textuais latinas. Na sua análise, Medeiros intentou evidenciar o papel da moralidade e da sexualidade no discurso político romano do século I. O seu raciocínio contempla vários pontos já levantados aqui, inclusive as críticas literárias e históricas. A estudiosa demonstrou o papel da moral como artifício na construção de uma narrativa positiva ou negativa das diferentes personalidades políticas romanas. Os ataques morais se configuravam de

inúmeras formas e os comentários sobre a sexualidade e a virilidade dos políticos eram uma constante. Diversos políticos tiveram as suas más reputações atreladas a um apetite sexual considerado incomum ou reprovado pelos tradicionalistas.

Isso posto, identificamos um arcabouço de estudos que contemplam os nossos objetivos e a nossa hipótese de forma verossímil e articulada. A partir de então, pretendemos discorrer sobre o imaginário sexual romano e as possibilidades de inferência que as documentações proporcionam. Nosso escopo reside nas relações sexuais, com um olhar atento às tensões provocadas no campo do gênero mediante o sexo. Dessa forma, acreditamos que o nosso estudo se identifica numa proposta multidisciplinar que busque compreender os fenômenos propostos dentro das linhas argumentativas mais apropriadas.

Capítulo II – SEXO E PODER NA ANTIGUIDADE ROMANA: DISCURSOS SOBRE PRAZER, CORPO E GÊNERO NO SÉCULO I

Neste capítulo, discorreremos acerca do embasamento teórico da nossa Dissertação e quais as principais aproximações dela com as temáticas já desenvolvidas dentro dessa linha teórica. As reflexões quanto à sexualidade e o *uso dos prazeres* de Foucault (1999) foram fundamentais para explorarmos os significados e o emprego dos vocabulários sexuais catulianos. Com Scott (1988), encontramos o suporte necessário para as nossas reflexões no que tange aos papéis sociais de gênero dentro de um determinado contexto histórico. Por fim, selecionamos alguns textos publicados que trabalharam o tópico do sexo, do poder e das representações de gênero para debatermos a nossa hipótese.

2. 1. Corpo e gênero em Roma

Foucault argumentou que a chamada *atitude repressiva* do sexo foi um fenômeno produzido a partir do século XIX. Desde então, as instituições cívicas passaram a regular a vida sexual coletiva. O autor nomeou um dos mecanismos de produção e divulgação desse discurso como a *polícia dos enunciados*. Nesse policiamento, são determinados os enunciados sexuais que deveriam ser promovidos e aqueles que precisavam ser silenciados. Assim, haveria um controle das exposições sexuais consideradas legítimas ou não. O Estado, a igreja católica e o direito

passaram a se ocupar da vida sexual e a determinar o que era permitido ou não. A propagação desse discurso foi sustentada pela medicina e pela psicologia. Ambas criaram as categorias sexuais que hoje chamamos de identidades. Logo, surgiu a heterogeneidade sexual, mas de um ponto de vista negativo. A vida sexual foi centralizada no núcleo familiar heterossexual enquanto o prazer e o desejo foram depreciados. O homossexual se tornou um exemplo de imagem desviante desse discurso. Consequentemente, Foucault desmentiu a hipótese do silenciamento acerca do sexo. Para ele, o que ocorria era o emudecimento de certas práticas e sujeitos. Estes seriam aqueles que não se adequavam ao regulamento estabelecido pelas instituições (FOUCAULT, 1999, p. 21-27).

Entretanto, o filósofo demonstrou que esse sistema produzido a datar do século XIX não explicava o que se observava na Antiguidade Clássica. Após acessar diversos documentos do período da República Romana, ele defendeu que essas sociedades produziram sim discursos de cunho sexual, porém, de uma natureza distinta da Era Vitoriana. Conforme os greco-romanos da Antiguidade, não havia um aparato social – desenvolvido somente na modernidade – para sustentar a família heterossexual. Existia um tipo diferente de cultura erótica, identificada por Foucault no que ele chamou de *Ars Erotica*. Por outro ângulo, a sociedade ocidental pós século XIX produziu uma *Scientia Sexualis*. Nos últimos trezentos anos, passamos a debater a temática do sexo de uma forma repressiva, criando a imagem de uma sexualidade traduzida num dispositivo que valida os corpos de acordo com os nossos desejos. Isso não causou um silenciamento, todavia, levou a uma emergência heterogênea cada vez maior de enunciados sobre o sexo. Os discursos sexuais produzidos depois do século XIX estabeleceram os seus valores na análise científica e psicológica da sexualidade. O sexo passou a ser um objeto de verdade, sistema que Foucault considerou como *Scientia Sexualis* (FOUCAULT, 1999, p. 39-56).

Daí em diante, surgiram as instituições e profissionais dedicados a corrigir ou punir os comportamentos sexuais impróprios. Sem embargo, com o Cultural Turn e a Revolução Sexual dos anos de 1970, esse posicionamento foi problematizado e novas diretrizes foram lançadas sobre o sexo. Do ponto de vista histórico, documentos com conteúdo sexual passaram a ser estudados. A obra de Foucault foi fundamental no lançamento de novas perspectivas concernentes ao estudo das interações sexuais humanas e às suas consequências políticas e sociais. Dessarte, os comportamentos considerados inapropriados passaram a ganhar destaque entre os pesquisadores.

Diversas categorias estigmatizadas pelas convicções vigentes até a década de 1970 buscaram a sua validade política e social e promoveram a sua despatologização, como no caso dos homossexuais e das transsexuais. Não obstante, a procura por essa validade continuava a buscar a sua efetivação por meios científicos e jurídicos. Assim, instituições que antes se prestavam a punir os objetos considerados desviantes da conduta sexual ideal passaram a tolerá-los e, em grande parte do mundo ocidental, a defendê-los juridicamente (GUARINELLO, 2013, p. 7-15).

Já as sociedades antigas, como no caso da romana, Foucault as considerou dotadas de uma *Ars Erotica*, isto é, uma transferência de saberes quanto ao sexo que circulavam por meio da literatura e das escolas filosóficas. Nelas, “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência. Não há uma lei absoluta. Há um caráter individual: domínio do corpo e do prazer” (FOUCAULT, 1999, p. 59). Em outras palavras, quando o sexo surgiu na literatura clássica foi através da representação de experiências cotidianas ao passo que na literatura moderna ele foi alvo de uma regulamentação coletiva. Desse modo, percebemos na Antiguidade distintas orientações acerca do prazer e do corpo. Uma variedade de discursos orientados pelas escolas filosóficas e pelos posicionamentos dos seus respectivos autores influenciou essa produção. Isso não quer dizer que as sociedades clássicas eram sexualmente liberais – para usarmos um termo contemporâneo –, mas sim que elas se interessavam pelo sexo de uma forma distinta da nossa. Por essa razão, produziram discursos sexuais plurais, muito distantes da hegemonia pretendida pelos modernos. Da mesma forma que o indivíduo poderia escolher uma linha filosófica para seguir, ele lograria escolher as recomendações sexuais que melhor apetreçavam o conflito entre os seus desejos e o seu caráter.

Essas são algumas das reflexões que inspiram esta pesquisa. Desejamos investigar como os discursos sexuais são apresentados e trabalhados por Catulo. Quais categorias são nomeadas pelo poeta? Quais julgamentos de valor são atribuídos aos comportamentos sexuais comentados na sua obra? Aproximamo-nos de Foucault quando pretendemos compreender as estruturas do discurso sexual catuliano e as dimensões da sua propagação na sociedade romana do século I. Por outro lado, faz-se necessário incluímos em nosso escopo as relações de gênero presentes em Catulo. Nesse sentido, as reflexões providas por Scott (1988) foram fundamentais para a elaboração teórica e temática deste trabalho. As suas propostas para o uso do gênero como uma categoria de análise histórica proporcionaram saídas

teóricas apropriadas para a compreensão das relações entre o gênero, o sexo e a política na República Romana.

De acordo com a historiadora, o gênero não pode ser definido apenas pelas suas especificidades gramaticais. Isso resultaria na simplificação das experiências que envolvem as relações sociais entre os sexos. A autora evidenciou algumas conquistas e dificuldades daquilo que considerou como a trajetória acadêmica da pesquisa de gênero. Para ela, tudo começou com as feministas, que passaram a conceber o gênero como uma organização social estabelecida entre os sexos. Entretanto, essa tradição acabou por usar o termo *gênero* como uma forma de imbuir as produções feministas de um tom mais neutro e não militante. A princípio, o gênero tratava do estudo da trajetória das mulheres e associava esse universo a um arcabouço de símbolos e práticas promovidas pelo pensamento patriarcal: a família, o sexo e a reprodução. O gênero foi usado para destacar a performance, e não uma naturalidade biológica inerente aos sexos. Isso posto, o masculino e o feminino ganhariam o seu significado mediante a definição do seu oposto (SCOTT, 1988, p. 28-29).

A contribuição feminista foi fundamental para estabelecer a mulher como um agente histórico. Ao mesmo tempo, emergiram nas pesquisas acadêmicas uma variedade de histórias dos oprimidos, isto é, dos pobres, dos escravos, das minorias étnicas e sexuais. Ao logo dos anos, essa situação feminina também foi problematizada. O gênero não tem a unidade identitária das classes de Marx, posto que definir o feminino e o masculino como conceitos imutáveis no tempo e cristalizados pela linguagem seria um equívoco. As experiências que envolvem o gênero em cada contexto histórico e social são distintas e específicas. O modelo binário e de oposição entre o masculino e o feminino se mostrou insuficiente para a interpretação histórica. Nas palavras de Scott: “Como o gênero opera nas relações sociais humanas? Como ele dá sentido à organização e percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem dele como uma categoria de análise” (SCOTT, 1988, p. 31).

Duas aproximações foram expostas pela autora: uma descritiva e outra causal. A primeira se ocuparia somente de descrever o gênero como um fenômeno ou uma realidade sem interpretação, explanação ou atribuição de causalidade. A segunda procuraria entender a natureza do fenômeno, como e o porquê de ele assumir a forma que tem. Mas, a historiadora ainda considerou essas abordagens insuficientes e

propôs novas interpelações. A sua sugestão vai além de incluir os homens e as mulheres numa mesma perspectiva histórica, superando assim o aspecto de *nicho* atribuído à História das Mulheres. Para ela, o gênero deve ser visto como as interações sociais pautadas nas diferenças entre os sexos. Apesar disso, essas dessemelhanças devem ser pensadas do ponto de vista cultural, e não biológico. Deveras, as definições de gênero estariam submetidas aos seus respectivos contextos históricos e sociais. Como afirma Scott, “o gênero é, nessa definição, uma categoria social imposta a um corpo sexuado” (SCOTT, 1988, p. 32).

Igualmente, as considerações da autora contemplaram a sexualidade e as práticas sexuais. Segundo ela, as concepções de gênero não são essencialmente dependentes da sexualidade para a sua definição. Os papéis sexuais e de gênero são frequentemente associados nos discursos sociais, no entanto, é importante salientarmos que eles possuem esferas de atuação próprias, mesmo que em constante interação. O modelo de sexualidade e gênero promovido desde o século XIX não correspondia à totalidade da experiência humana. Por conseguinte, Scott, assim como Foucault, notou uma variedade de posições, símbolos e relações estabelecidas através do gênero em diferentes sociedades e tempos históricos. Mais do que isso, as próprias concepções de masculino e feminino não se mostram hegemônicas no decorrer da história. Então, conclui-se que as suas concepções são instáveis e variam de acordo com as conjunturas nas quais são utilizadas (SCOTT, 1988, p. 36-38).

Isso reforça a crítica ao discurso conservador e patriarcal no que tange ao sexo e ao gênero. As interações entre os corpos sexuados no decorrer da história forjaram práticas, símbolos e significações próprias que, em constante interação social, moldaram não apenas a moral sexual, mas a própria identificação pessoal com o sexo. Assim, os papéis sociais atribuídos aos sexos são colocados em xeque. As convenções modernas não são capazes de explicar a complexidade dessas relações na Antiguidade. Como observamos, ambos os suportes teóricos por nós selecionados tiveram por objetivo comum descortinar o discurso hegemônico acerca do corpo, do sexo e do prazer. Todavia, o trabalho de Scott avançou num campo em que Foucault não se aventurou. Ela questionou a validade dos discursos de gênero e a estabilidade das concepções de masculino, feminino e assexuado ao longo da história. Foucault refutou as posições sociais estabelecidas por sujeitos masculinos e femininos enquanto Scott contestou a validade desse sistema binário de oposição.

Por fim, destacamos algumas orientações dadas pela historiadora para o pesquisador da História de Gênero que consideramos importantes. O antagonismo entre o feminino e o masculino deve ser recortado e problematizado dentro do seu respectivo contexto, e não presumido como uma realidade histórica hegemônica. É útil problematizarmos os discursos predominantes sobre o sexo e os papéis de gênero. O gênero é, em suas palavras “[...] um elemento constitutivo das relações sociais baseado na percebida diferença entre os sexos, [...] é uma forma primária de significar relações de poder” (SCOTT, 1988, p. 42). A seguir, selecionamos alguns estudos fundamentais para compor um cenário histórico referente às práticas sexuais e às relações de gênero na Antiguidade. Embora boa parte dessas produções tenha se dedicado ao nosso recorte cronológico, alguns trabalhos de outros períodos da Antiguidade Clássica se farão presentes devido ao uso excepcional que fizeram das teorias de gênero e/ou sexualidade. Por outro lado, observamos uma possível aproximação histórica e contextual das referências bibliográficas que exporemos neste capítulo. Afinal de contas, como explicitamos no Capítulo I desta Dissertação, a literatura latina foi fortemente influenciada pela grega.

Os estudos por nós selecionados possuem abordagens distintas dos temas propostos nesta pesquisa e foram fundamentais para a elaboração dos nossos questionamentos. Com o panorama histórico traçado, será possível inserirmos a nossa análise do texto catuliano dentro de uma perspectiva histórica atualizada e confrontada com antigos pressupostos. As nossas diretrizes se sustentam no estudo dos papéis sociais e das relações de poder por meio do gênero e dos vínculos sociais fundamentados nas práticas sexuais. O que pretendemos é demonstrar onde e como, em Catulo, o sexo e o gênero interagem para produzir discursos de poder.

Ademais, o próximo subtópico será útil para compreendermos a produção e difusão das manifestações de poderio que envolviam o sexo e o gênero na Roma republicana do século I. As investigações aqui presentes percorreram as representações e os símbolos de gênero e de práticas sexuais. Por fim, temos certas reflexões que analisaram os laços de poder entre os corpos sexuais. Malgrado levarmos em conta a interação entre o masculino e o feminino de maneiras distintas da ideia de oposição, decidimos explicitar os subtemas por intermédio dessas categorias. Tal recurso se mostra didático e, em cada um dos tópicos que compõem o nosso tema, explicitaremos as devidas problematizações conceituais cabíveis, além de pontuarmos as interações de gênero observadas. A escolha dessa divisão serve

justamente para demonstrarmos a fragilidade do sistema binário de oposição. A maioria dos textos aparecerá nas duas sessões que elencamos, pois também recorreram a esse recurso didático para explicar os seus argumentos. O nosso debate estará pautado nas dissonâncias, interações e variações dos discursos e dos seus usos na literatura latina.

É importante destacarmos que limitamos a nossa pesquisa a trabalhos que contemplaram, em sua maioria, documentos literários. Por termos como objeto de estudo a poesia, decidimos ser mais oportuno não adentrarmos em propostas compostas por vestígios materiais. Diante disso, estabelecemos os limites deste trabalho: analisar uma parte específica da cultura romana para captarmos os elementos e símbolos que permitam decodificar determinados significados atribuídos às práticas sexuais e às relações de gênero da República Romana.

2. 2. Representações do feminino na Antiguidade Clássica

Neste subtópico, realçamos as ponderações relativas ao feminino e às mulheres da Antiguidade greco-romana. Devido à proximidade intelectual da literatura latina com a grega, pensamos ser apropriado mencionarmos o trabalho de Bárbara Alexandre Aniceto (2020). O livro, fruto da sua Dissertação de Mestrado, perquiriu sobre as representações das esposas legítimas nas peças aristofânicas. A autora considerou que essas obras não tinham o único propósito de entreter, mas também operavam como dispositivos educativos para o seu público. A abstinência sexual feminina, mote de uma das histórias, é um exemplo do encontro das funções sexuais com as postulações de gênero de uma sociedade. O status de esposa legítima, geradora de cidadãos legítimos, garantia a elas uma posição política e social distinta, algo que não pode ser explicado mediante a pressuposição da submissão feminina (ANICETO, 2020, p. 15-16).

Aniceto associou o feminino com diversas áreas de atuação social e da vida pública, com destaque para as celebrações religiosas e culturais. As mulheres e o mundo feminino foram vistos de forma positiva e como capazes de orientar a comunidade em razão de um conflito que os homens falharam em resolver¹¹. A acadêmica buscou se afastar do estigma negativo deliberado às mulheres

¹¹ As peças encenam combates e crises enfrentados pela *pólis* ateniense e foram escritas durante a Guerra do Peloponeso.

historicamente. O que ela pretendeu não foi negar a opressão feminina, mas recortá-la e demonstrar que os discursos de hegemonia masculina não correspondiam à realidade social e toda a sua complexidade. Aristófanes pode até reproduzir um discurso masculinista sobre a mulher e o seu papel na *pólis*, entretanto, isso não o impede de considerar as esposas capazes de oferecer um conselho ou uma possível solução para o problema (ANICETO, 2020, p. 16-17).

Enquanto Aniceto examinou os excertos das peças aristofânicas, ela não fez uma descrição do papel feminino tal como o encontramos representado na obra. Estabeleceu-se uma leitura que colocou o feminino e o masculino em diálogo: a esposa era tão fundamental quanto o marido para gerar um cidadão legítimo. Não se tratava de uma relação de oposição, mas sim de legitimidade recíproca. Essa validação está intimamente ligada ao político, visto que a efetividade da cidadania se dava por meio do pai e da mãe, por adequação e reprodução de um sistema de poder baseado no gênero. Neste, o feminino tinha um lugar de destaque ao lado do masculino (ANICETO, 2020, p. 26-27).

Outra aproximação possível com o nosso trabalho se localiza na exploração feita pela autora dos termos escatológicos e sexuais. Ela definiu o sexo como o mote principal das relações analisadas. A partir disso, comentou as dissonâncias nos discursos de gênero e sexo da Atenas do século V (ANICETO, 2020, p. 28). Nesse sentido, enquanto obra literária, o teatro fazia parte de uma tradição cultural que, a despeito das devidas transformações sofridas através dos séculos, atingiu os tempos de Catulo. Como vimos no Capítulo I desta Dissertação, os poetas neotéricos foram fortemente influenciados por tradições literárias helênicas de pelo menos três séculos anteriores a eles. Essa confluência de práticas poéticas já foi extensamente trabalhada pela literatura.

O trabalho de Annelise Freisenbruch debateu quanto às esposas dos imperadores romanos e à construção de uma narrativa sobre o feminino na política romana imperial. Diferente de Aniceto, o seu trabalho se insere na linha da História das Mulheres e o título do seu livro denuncia uma posição subalterna feminina na perspectiva dessa autora. Ela defendeu que, a partir de Augusto, as mulheres e a família imperial ganharam um destaque na vida pública e política graças ao papel do imperador. Assim sendo, nem todas as imagens femininas romanas eram negativas. Contudo, Freisenbruch determinou que somente aquelas que ocupavam o papel de esposas e mães devotadas conquistavam uma boa reputação. Para a autora, o mundo

romano era essencialmente masculino (FREISENBRUCH, 2014, p. 21). Tanto ela quanto Aniceto levantaram os problemas relativos às documentações antigas das quais dispomos que versam acerca das mulheres, em virtude da maioria ter sido escrita por homens. Mas, elas seguiram caminhos distintos nas suas problematizações. Conforme Freisenbruch, as mulheres eram coadjuvantes, fosse nas documentações ou no cotidiano social. Elas só conseguiam destaque com o auxílio dos homens com os quais se relacionavam, em outras palavras, dos seus pais, maridos, filhos ou irmãos (FREISENBRUCH, 2014, p. 22).

Já Aniceto identificou nas suas documentações certas formas de legitimidade feminina dentro dos espaços públicos atenienses. Porém, a sua análise não se limitou aos papéis ideais, como o da Mélissa, atribuídos às mulheres em textos redigidos por homens. Ela demonstrou que mesmo um homem é capaz de elaborar um discurso socialmente verossímil que inclua as mulheres como centro da situação, dotadas de virtudes e soluções para a comunidade (ANICETO, 2020). Embora tenha elaborado um extenso comentário das várias mulheres imperiais e dos problemas que abrangiam as suas reputações e ações, Freisenbruch insistiu em máximas como a da dominação masculina e da subordinação feminina como uma regra social hegemônica. Os casos de Lúvia e Júlia, esposa e filha de Augusto, são apresentados pela autora como discursos antagônicos. Apesar das mulheres ainda não poderem acessar cargos políticos, elas agiam por intermédio da complexa e extensa teia de relações existentes entre as elites romanas. Dessarte, ela se aproxima brevemente de Aniceto ao configurar um novo espaço para o feminino: o de mantenedor da estabilidade política, social e econômica, em especial através dos dotes. Os casamentos eram formas de aumentar as riquezas e os prestígios. Logo, as mulheres eram parte de uma dinâmica que transferia recursos entre as famílias e Lúvia pertencia a um grupamento familiar de grande prestígio, aquele dos claudianos¹². Augusto, após se casar com ela, dedicou esforços para exaltar o seu papel como matrona romana e mantenedora do seu lar. Na sua disputa com Antônio, Lúvia atuou como rival de Fúlvia – então terceira esposa de Marco Antônio – e Augusto destacou a vulgaridade desta ao exaltar as qualidades da sua esposa (FREISENBRUCH, 2014, p. 36).

Assim, na visão apresentada por Freisenbruch, as mulheres estavam sempre nos bastidores das contendas masculinas. As suas ações tinham um impacto direto

¹² Família romana que ostentava vinte e oito consulados, cinco ditaduras e seis triunfos (FREISENBRUCH, 2014, p. 29).

sobre os homens com os quais se relacionavam, no entanto, a atitude referente a elas era de complacência. O tratamento infantil imputado às mulheres por algumas documentações antigas também foi comentado por Veyne. Ele explanou que a transferência da tutela feminina do pai para o marido implicava não apenas numa medida de proteção de patrimônio, todavia, numa atitude geral em relação às mulheres, consideradas inaptas para serem emancipadas. A tutela masculina agiu como uma ferramenta de dominação da qual as mulheres raramente escapavam (VEYNE, 2005, p. 189-205).

Os olhares deterministas de Veyne e Freisenbruch acabaram por tornar as exceções apresentadas pelas documentações como raridades, muitas vezes levando o pesquisador a duvidar da veracidade de alguns relatos. Casos de mulheres descritas como vulgares e excessivamente sexuais foram constantemente questionados, relatos concernentes a orgias e outros atos sexuais foram amenizados e julgados como excessos transmitidos sob o intuito da propaganda política contra opositores. Nesses casos, considera-se que as verdadeiras ofensas se dirigiam aos homens ligados a essas mulheres (FREISENBRUCH, 2014, p. 38). Essa visão restringe as perspectivas sociais do feminino romano a uma homogeneidade impossível, mesmo com o restrito número de vestígios históricos disponíveis. Percebemos nesses posicionamentos a insistência em atravessar a narrativa histórica com a política e os grandes eventos, presumindo que a vida cotidiana desses períodos, as suas instituições e dinâmicas próprias reproduziam sistematicamente tais valores. Esses estudos, conquanto tenham salientado a parcialidade das documentações antigas, apegaram-se aos valores por elas apresentados para construir as suas pesquisas acadêmicas.

Freisenbruch exaltou Lúvia como um *Ulisses de vestido*, modelo feminino oposto à Cleópatra e Fúlvia no período imperial do governo de Augusto. Com esse título, a autora pretendia dar destaque ao papel da imperatriz diante das suas rivais aliadas a Antônio. Fúlvia havia sido acusada de liderar tropas no lugar de Antônio, ato que não era concebido como um ofício feminino. Já Cleópatra era uma líder política mulher, algo impossível de se pensar sob o ponto de vista romano. A imperatriz encenou um papel ideal para a mulher romana e, com esse destaque ao culto da família imperial, Augusto aspirou promover os seus ideais e politizar a sua vida particular. Mesmo com os seus esforços, surgiram alguns boatos acerca de Lúvia ter

traído Tibério, o primeiro marido dela, com o imperador. Outrossim, nada se compara aos comentários direcionados à Júlia, sua filha (FREISENBRUCH, 2014, p. 28-80).

Júlia teria se beneficiado das leis criadas por seu pai para garantir os direitos econômicos às mulheres divorciadas e viúvas. Depois de se tornar viúva pela segunda vez e com três filhos, ela não precisava mais da tutela de um membro masculino da sua família. Os relatos referentes ao seu comportamento são infames, vinculados a orgias em espaços públicos, trajes vulgares às vistas do imperador, companhias infames, bebedeiras e festas. Posteriormente a esses incidentes, Augusto exilou simultaneamente a sua filha e o poeta Ovídio. Todavia, alguns historiadores defenderam o exílio de Júlia baseado no seu envolvimento com um complô político formado contra o Augusto. Quanto aos relatos das suas peripécias, não seriam nada mais que exageros (FREISENBRUCH, 2014, p. 93-101). Contemplamos que, para certos acadêmicos, a política foi frequentemente uma razão oportuna para invalidar relatos sexuais. Não se tratava de atribuir total veracidade a essas narrativas, e sim de compreender os valores promovidos por elas e os possíveis espaços de atuação social dos mesmos. Não podemos presumir que os princípios apresentados por uma literatura masculina elitizada representam a totalidade do pensamento, do cotidiano e das dinâmicas sociais de determinado momento histórico. Deveras, a política era importante para os romanos e ocupava um grande espaço nas interações sociais. Sem embargo, ela não pode ser usada como única ferramenta explicativa da sociedade antiga. Por outro ângulo, as documentações revelam dados muito fragmentários da vivência política romana e possuem perspectivas muito idealizadas.

Os relatos das mulheres na Antiguidade são raros e Cleópatra é uma dentre as mais documentadas. Na medida do possível, Goldsworthy pretendeu revelar aquilo que considerou como os *verdadeiros acontecimentos* no que diz respeito à vida da monarca. Ela foi continuamente descrita como uma mulher exótica tanto quanto a sua terra de origem, o Egito. Nessa perspectiva, o exótico adquiriu uma forte conotação erótica. Documentações augustanas, como as obras de Plutarco, perpetuam os seus estereótipos de castradora e dominadora de homens. Tal autor antigo a considera como uma mulher forte que se sobressaiu num mundo dominado por homens. A relação de Cleópatra com os romanos teve um grande destaque posto a sua importância na guerra ocorrida entre Antônio e Otávio. Na tradição augustana, ela foi o pivô do conflito, e não o romano que era o seu consorte. Dessa forma, justifica-se que a guerra era contra uma rainha estrangeira, não configurando uma intriga entre

cidadãos romanos. Antônio estaria enfeitiçado por Cleópatra e, por essa razão, traiu a sua pátria. Esse era o discurso ideal que a responsabilizava pela guerra. Outrossim, Goldsworthy insistiu em máximas que colocaram as mulheres numa posição subalterna. Na sua visão, a rainha do Egito só teve importância histórica por causa dos seus amantes romanos (GOLDSWORTHY, 2018, p. 16-23).

Como vemos, é difícil para a pesquisa acadêmica tradicional romper com os valores determinados pelas narrativas presentes nas documentações antigas no que se refere às mulheres e à sua posição no mundo. Outro importante fator que influenciou essas leituras remete à presunção da superioridade masculina e ao falocentrismo. Entendemos que é mais interessante captarmos as diferentes nuances dos discursos sexuais dessas obras, a fim de compormos um quadro mais verossímil sobre as posições sociais estabelecidas por meio do gênero em diferentes esferas de atuação social.

O sexo aparece de maneira frequente e plural nos vestígios históricos textuais e materiais da Antiguidade. Apesar disso, as pesquisas acadêmicas tradicionais têm tido dificuldades para incorporar o sexo no cotidiano social e político das sociedades antigas. Grande parte das abordagens presume uma anulação do sexo a favor de um discurso hegemônico masculino. Veyne considerou o mundo representado pelas elegias eróticas romanas como um submundo de comportamentos sexuais impróprios, ambientado somente por aqueles que se permitiam agir dessa forma. A leitura do historiador e arqueólogo estabeleceu toda uma hierarquia de comportamentos sexuais que integra uma mitologia erótica. Esta se ambientava entre cortesãs, plebeias e escravas. Ele comentou acerca das leis de Augusto que puniam aqueles que violassem uma matrona virgem e uma jovem ou um jovem adolescente livre romano. Já com as plebeias e escravas não havia esse tipo de preocupação, mas sim um estereótipo de vulgaridade dos plebeus por parte das elites romanas. Quanto às servas e escravas, julgava-se apropriado que fossem condescendentes com as investidas sexuais dos aristocratas e não havia vergonha alguma em obedecer ao seu senhor (VEYNE, 2013, p. 121-130).

No entanto, Veyne salientou que as poesias elegíacas, em especial aquelas de Ovídio e Propércio, nem sempre permitiam identificar se a mulher em questão era uma plebeia ou uma matrona. De mais a mais, um grande número de mulheres viúvas e divorciadas se aproveitavam dos seus dotes para obter favores masculinos (VEYNE, 2013, p. 151). Na visão desse autor, a elegia erótica foi uma representação artística

de um mundo sexual à parte, onde práticas infames eram encenadas entre personagens suspeitos. Para ele, “a moral variava conforme as categorias cívicas e podia se permitir não ser universal, sem perder a credibilidade” (VEYNE, 2013, p. 137). Acrescentou-se que a vulgaridade presumidamente pertencente aos plebeus não impediu o relato de processos documentados nos quais matronas viúvas, solteiras ou divorciadas requeriam os seus direitos como amantes de algum romano (VEYNE, 2013, p. 151-153).

Em nossa opinião, a visão de Veyne se encerra nas concepções morais das documentações antigas. Em prol de definir o que era vulgar ou não, ele adotou os valores apresentados nessas obras e reafirmou as visões de uma suposta soberania masculina e das elites romanas dentro dos discursos sociais relacionados ao sexo. A sua reflexão das variáveis constituintes da moral sexual foi construída sob os ideais dessas aristocracias. Sendo assim, seria melhor dizermos que as elites romanas transpareceram os seus valores em parte da obra levada a cabo por elas sem corresponder à totalidade da sociedade. Não dispomos de muitos documentos que ofereçam outros horizontes – lembremos que os plebeus e escravos nem sempre tinham acesso à educação e que a maioria dos textos escritos por mulheres desapareceram –, mas somos capazes de identificar certos detalhes nas obras que sobreviveram até os nossos dias. Também podemos aprimorar as nossas ferramentas de análise e problematização.

Catulo escreveu um pouco antes de Ovídio e Propércio. A sua poesia apresenta mulheres em situações consideradas infames num momento anterior às leis de Augusto contra o estupro e a difamação das matronas. Veremos no Capítulo IV desta Dissertação que, nas obras do nosso personagem, notamos uma maior aparição das matronas. Faremos uso dessa captação para apontarmos como as dinâmicas sexuais da Antiguidade ultrapassavam os discursos ideais. As preocupações de Augusto ao legislar quanto ao sexo representam um momento de instabilidade entre o discurso e o comportamento social. É difícil estabelecermos um início para tal inconstância, portanto, voltar-nos-emos para a crise da República Romana do século I e nos concentraremos nos discursos sexuais produzidos nesse período.

Avancemos nos estudos elencados e encontraremos interpelações que procuraram desconstruir as premissas de uma dominação masculina sobre o sexo e as possibilidades de atuação feminina. Marina Regis Cavicchioli problematizou o papel da mulher nos discursos e no ato sexual na Antiguidade Romana. Para tanto,

confrontou trabalhos acadêmicos recentes com passagens das documentações escritas e vestígios materiais, em particular, figuras de argila e painéis em lupanares pompeianos. A sua análise denotou que a ideia de que a mulher assumia uma posição ativa no sexo, colocando-se por cima do homem, não correspondia a um ideal de servidão feminina. Sêneca foi o único a apresentar esse ato de forma negativa, sem contar a presença dessa cena em diversos painéis e figuras localizadas em sítios arqueológicos. A autora questionou a homogeneidade dos discursos sexuais romanos diante da variedade das reproduções materiais. Com os seus argumentos em mente, somos impedidos de determinar uma regra social rígida e inflexível na Antiguidade Romana. A mulher que tomava a dianteira no ato sexual assumia apenas uma dentre inúmeras possibilidades (CAVICCHIOLI, 2014, p. 270-276).

Alicerçada nas poesias elegíacas romanas, Sharon L. James explorou as atribuições das mulheres representadas. A autora reputou que a amada elegíaca caracterizava uma *docta puella* e o autor um poeta amante. Na sua visão, o vínculo entre o poeta e a amada envolveria a poesia, o sexo, os presentes e o status social. O homem rico se aproximava dessas mulheres que gozariam de um status e de uma reputação semelhantes àsquelas das *hetairas* gregas. Mas, a autora não determinou uma origem específica para tais mulheres, ou melhor, se eram plebeias ou aristocratas. Ela concordou que, na maioria das elegias, é difícil precisarmos pormenores relativos a essas mulheres. Os poetas do período augustano, na tentativa de evitar problemas com a lei, omitiam dados particulares das suas damas por elas serem mulheres de famílias aristocratas. Não obstante, a educação e os bens possuídos por elas levantam suspeitas, bem como a possibilidade de terem a opção de escolher os seus amantes e recusar as investidas de outrem (JAMES, 2003, p. 35-37).

James frisou a existência de uma oposição entre essas mulheres e as esposas legítimas. O termo *puella* era usado poeticamente para indicar as mulheres sexualmente ativas e disponíveis, enquanto *femina* designava as mulheres casadas. Aquelas se vestiam bem e portavam joias e objetos materiais, porém, não gozavam dos mesmos recursos e status que as esposas. Dada a liberdade financeira, sexual e cultural que dispunham no mundo romano, a autora alegou que as *puellae* só poderiam ser cortesãs. Na nossa visão, essa generalização parece ser um pouco exagerada. A própria literata evidenciou que em alguns momentos o poeta amante deve se livrar de um pai ou marido vigilante para encontrar a sua amada. A principal

reclamação dos poetas é a de que as donas do seu afeto eram inacessíveis, na maioria dos casos por vontade da própria mulher, e não pela presença de um outro homem que a vigiasse. Como percebemos, essa não era uma relação de submissão feminina. A mulher deveria concordar com as investidas do amado. Daí a existência dos presentes e das poesias. O feminino elegíaco não exigia dinheiro, e sim uma relação que envolvesse a troca de benefícios, fossem eles materiais ou sociais (JAMES, 2003, p. 38-40).

Por fim, James chegou a considerar a possibilidade de associarmos as amadas apresentadas com as matronas adúlteras e uma maior variedade de mulheres sexualmente ativas em Roma. Todavia, ela estipulou que na elegia erótica romana o feminino personificava as cortesãs sem uma origem muito bem definida. Ademais, a literata concentrou os seus estudos nos poetas posteriores a Catulo, como Tibulo, Ovídio e Propércio (JAMES, 2003, p. 40). Isso posto, como vimos acima, do período augustano em diante as leis sobre os comportamentos sexuais começaram a ser redigidas e a família imperial passou a encenar e propagar valores ideais para a sociedade romana. Na época de Catulo, essas leis ainda não existiam e a preocupação do poeta em desmentir a sua vida sexual particular não se pautava no temor de represálias legais, como ocorreu com o exílio sofrido por Ovídio.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de James, Erika Zimmermann Damer cogitou que a amada elegíaca era uma *docta puella*. Não obstante, os seus questionamentos levaram em consideração as identidades presentes na poesia como incorporadas e fluidas. Dessa maneira, a autora buscou demonstrar que certos aspectos corporais eram fundamentais para a composição das concepções de gênero. Em consonância com James, Damer ignorou Catulo e iniciou a sua investigação com Tibulo. Ela defendeu que algumas condutas e atributos relacionados ao corpo físico foram basilares na edificação de uma identidade individual. Em Ovídio, por exemplo, feridas e sintomas físicos são usados para encenar as consequências do amor. Para mais, a forma feminina, bela ou feia, tinha relevância na criação desse discurso, sendo a beleza e a poesia comumente relacionadas nas culturas grega e romana. O corpo retratado nas elegias eróticas apresenta múltiplas formas e encarna práticas distintas (DAMER, 2019, p. 3-6).

A doença, a decadência, a morte e a feiura eram reiteradamente ligadas umas às outras e assombravam a beleza e o amor elegíaco, uma vez que o corpo era uma reflexão metafórica para os ideais dessa poética. Tais figuras oferecem um amplo

campo de estudos que vai além do gênero para incluir questões referentes à etnia, ao poder e à religião. Damer arrazoou que a elegia estava intimamente conectada aos padrões filosóficos e aos discursos sobre o sexo. Então, essa categoria apresentava atributos e significados sociais pertinentes ao corpo. Segundo ela, as representações elegíacas demonstram que os romanos tinham ideias generificadas dos corpos e que existiam pensamentos contrários aos ideais binários de gênero. O culto ao corpo na elegia se manifestava nos comentários concernentes aos aspectos físicos das amadas, cujos corpos eram idealizados. Além dessa projeção, o corpo era instável na sua definição. As mulheres elegíacas dificilmente tinham traços bem definidos e nos deparamos com poesias que as descrevem de forma que a beleza dos seus corpos correspondesse a um ideal poético calimaquiano. Logo, o feminino integrava uma *scripta puella*, ou uma mulher literária, construída sem um modelo real específico em mente (DAMER, 2019, p. 7-12).

A interação entre os corpos generificados pelo sexo foi palco de problemas e tensões na cultura romana. Os discursos que idealizavam um comportamento específico para homens e mulheres definiam diversas práticas sexuais e corporais como impróprias e passíveis de adoecer e acometer o corpo, principalmente o masculino. As documentações manifestam uma preocupação excessiva com a manutenção da masculinidade. O sexo em demasia, tido pelo discurso conservador como uma *coisa de mulher*, corromperia o corpo masculino e o adoeceria. As filosofias antigas gregas e romanas apontavam no corpo feminino uma inferioridade frente ao masculino. Na compreensão de Damer, se em Roma a mulher tinha um status social superior àquele das atenienses, isso não assumia uma ausência de discursos que se propunham a inferiorizá-las. Neles, o corpo feminino era vinculado à suavidade, à umidade, ao prazer e à intimidade enquanto o masculino espelhava a dureza, a secura, o trabalho e a vida pública. Por último, a historiadora conjecturou que a falta de uma origem definida para as mulheres elegíacas e a sua associação às cortesãs as tornavam modelos desviantes da conduta feminina na moral romana. A constituição fluida desses corpos permitia, na sua própria materialidade, a criação e a perturbação dos discursos e das identidades de gênero. Com Augusto, o Império modificou as dinâmicas sociais da República e impactou a vida das mulheres e as suas liberdades sexuais (DAMER, 2019, p. 20).

A aproximação entre o feminino, o mundo interno, o oculto e o sexo foram amplamente explorados por Stephen Garton. Ele comentou que a literatura antiga a

qual temos acesso expressava muitas vezes a performance da masculinidade e virilidade. As mulheres apareciam amiúde como uma posse e um objeto sexual masculino. Elas dominavam os assuntos do lar e da família, sendo a sua maior função social a reprodução de cidadãos livres. Malgrado a tendência de uma dominação masculina, havia diversos mitos e representações literárias que não encenavam esses aspectos da vida feminina ou não incorporavam a feminilidade sob um prisma socialmente negativo. Determinados cultos dedicados à Demeter e Afrodite eram exclusivamente femininos. Além disso, certos termos latinos denominavam as mulheres em vista de práticas sexuais específicas. *Moicha* se referia a uma mulher sexualmente dominante e ativa, as *tribaldes* eram aquelas temidas por penetrarem homens e mulheres com dildos enormes e a *virago* definia uma mulher sexualmente voraz (GARTON, 2004, p. 36-38).

A despeito de considerar a heterogeneidade presente no pequeno escopo documental disponível, Garton insistiu que as possibilidades eram limitadas. Segundo ele, o poder masculino se exercia de tal forma na sociedade romana que a presença de mulheres *emancipadas* era raridade (GARTON, 2004, p. 37). Consideramos essa afirmação complicada, afinal, como o próprio autor argumentou, as documentações e o nosso conhecimento acerca desses aspectos são muito fragmentários para estabelecermos um padrão com tanta segurança. Para mais, Garton elucidou que apenas a poetisa romana Sulpícia redigiu versos homoeróticos femininos que sobreviveram até os nossos dias. Para este autor, os valores masculinos eram frágeis e instáveis, qualificando um palco de frequentes discussões e conflitos (GARTON, 2004, p. 38).

Lourdes Conde Feitosa explorou as inscrições parietais e os grafites pompeianos de conteúdo sexual. O seu trabalho divulgou os diferentes usos para o vocabulário sexual popular latino, com noções que ultrapassavam os sistemas binários e de dominação sexual baseados no sistema ativo versus passivo. A autora contestou a presunção de uma posição passiva hegemônica para as mulheres no ato sexual. As inscrições apresentam diversas articulações sexuais entre o masculino e o feminino. Reavemos frases ciumentas, injúrias sexuais, súplicas de amantes apaixonados e disputas amorosas. Os termos *futuere* (foder) e *cunnun lingere* (lamber boceta) foram problematizados pela historiadora a fim de apresentar possibilidades discursivas quanto ao sexo na Antiguidade Romana (FEITOSA, 2002, p. 117).

Ela ponderou que o vocábulo *futuere* não designava somente a ação masculina de penetração, e sim o ato sexual em si. As inscrições trabalhadas apresentam mulheres em posição ativa no ato físico e, para a autora, estampam legítimas manifestações dos encontros sexuais. Os comentários teriam uma grande variedade de intenções. Uma delas era externar as opiniões das prostitutas no que tange aos seus clientes. Também nos deparamos com a intenção de realçar a masculinidade de alguém ou efetuar possíveis anúncios de profissionais do sexo. Feitosa sublinhou que o termo *fututrix* aparece na literatura latina para designar uma mulher que tem o hábito de fazer muito sexo, ou seja de *foder* muito. Ela ainda justificou que não devemos presumir que os valores das aristocracias romanas tinham o mesmo espaço e a mesma validade entre todos os membros da sociedade (FEITOSA, 2002, p. 127-128).

O período final da República e o início do Principado foram definidos pela acadêmica como um momento de emancipação feminina. Destaca-se que esse fenômeno serviu de explicação para algumas teorias acerca das crises e tensões do Império. Percebemos aqui a forte associação da liberdade feminina com o perigo sofrido pelas instituições governamentais. Casos como os de mulheres célebres da Antiguidade ilustram essa situação. Elas só são evocadas nas documentações para comentar o seu papel destrutivo nas tradições romanas. O ato de chupar boceta (*cunnun lingere*) é um exemplo dessa situação. A existência de homens que se dispunham a dar prazer a uma mulher era visto com muito desgosto por grande parte dos textos antigos. Mas, essa prática aparece na cultura material, seja como acusação visando a difamação masculina ou como um anúncio de serviços prestados. Essa atividade atesta que algumas mulheres desejavam e eram capazes de receber tais serviços sexuais (FEITOSA, 2002, p. 129-130).

Feitosa ressaltou que, apesar do discurso negativo associado a essas práticas, não podemos presumir que elas exerciam o mesmo impacto em todos. O *cunnun lingere* era tido como efeminado e um mal que enfraquecia o corpo masculino (FEITOSA, 2002, p. 132). Tal panorama se alinha às definições de Damer concernentes à incorporação de aspectos de gênero no corpo por meio dos atos sexuais e das características físicas. Outro ponto importante levantado pela autora foi a aproximação de parte dessas inscrições com as poesias elegíacas eróticas romanas (FEITOSA, 2002, p. 136). Acrescentamos que boa parte dessas inscrições remete aos poemas curtos e ofensivos de Catulo. Aferimos nisso uma íntima relação entre as práticas sexuais da Antiguidade e a poesia elegíaca.

Além disso, temos uma proposta de crítica às perspectivas romanas /sobre ao sexo no trabalho de Renato Pinto. O autor interpretou o caso de Boudica, rainha da Bretanha Romana que se rebelou contra o Império em meados de 60 d.C. Salientou-se que poucas documentações latinas se dedicaram aos bretões, menos ainda quando nos referimos à rainha em questão. No que concerne a ela, os discursos romanos criavam ou desconstruíam imagens e ideais femininos. As obras antigas¹³ dizem que Boudica devastou cidades romanas e promoveu massacres e mutilações por onde avançou com o seu exército. Ela era descrita como uma mulher masculinizada, alta, de voz grossa, ruiva e olhar feroz. Por onde passava, humilhava e mutilava sexualmente as suas vítimas. Esses relatos ajudaram a construir a sua imagem de dominadora e castradora. Não obstante, Pinto argumentou que esses relatos encenam uma alegoria das batalhas pelas virtudes masculinas romanas. Boudica era descrita como um homem travestido de mulher em virtude da incompatibilidade das suas atitudes com o feminino romano. O caso da rainha bretã se assemelha ao de Cleópatra, uma líder estrangeira de comportamentos apontados como impróprios para uma mulher (PINTO, 2011, p. 101-113).

Finalizamos a nossa discussão em relação às identidades femininas na Antiguidade com o trabalho de Rebecca Langlands, cujo mote foi a *pudicitia* como prática e entidade religiosa e cívica romana. A pesquisadora explicou que a *pudicitia* era uma deusa com os seus próprios cultos, os seus templos, os seus altares e as suas estátuas, possuidora de grande destaque nas celebrações públicas romanas. Nesse culto, os valores familiares eram fortemente propagados e o papel feminino era fundamentalmente aquele das mães e esposas, mantenedoras da ordem social e do lar. Em termos gerais, Langlands relatou que as práticas envolvidas nas celebrações correspondiam aos conceitos tradicionais sobre sexo em Roma, construindo papéis ideais para homens e mulheres dentro de uma hierarquia de preceitos morais. Tais qualidades deveriam ser ostentadas publicamente e havia um espírito competitivo na propagação dos valores do pudicismo. Noutras palavras, a *pudicitia* era a manifestação divina de um conjunto de qualidades morais determinadas com base no gênero (LANGLANDS, 2006, p. 37-38).

¹³ O autor elencou apenas três obras que mencionam a rainha: *Anais* e *Vida de Agrícola*, de Tácito, e *História de Roma*, de Dião Cássio.

2. 3. Representações masculinas na Antiguidade: poder, sexo e gênero entre homens

No subtópico anterior, observamos que o feminino por vezes ocupou um lugar negativo nas documentações antigas. Boa parte dessa conotação se deu pela influência feminina sobre o masculino. O corpo ideal era o masculino enquanto o feminino era refletido num corpo subordinado que levaria à redução da virilidade caso não fosse contido. Malgrado essas definições morais, também percebemos uma grande variedade de representações femininas desviantes e problemas relativos à presunção da dominação masculina. Neste item da nossa Dissertação, pretendemos demonstrar os vínculos sociais e afetivos estabelecidos através da masculinidade na antiguidade. Como veremos, atinamos para uma grande variedade de retratos da masculinidade, não apenas na sociedade romana, porém, tangentes aos povos que interagiram com eles. Esses contatos anunciam conflitos entre as concepções de gênero e os discursos sexuais de tais comunidades.

Parte significativa dos esforços para desconstruir a masculinidade antiga vem de pesquisas cujo mote é a homossexualidade masculina. Infelizmente, nenhum consenso foi estabelecido entre os acadêmicos. Mesmo assim, a existência de um amplo campo de estudos voltado para esse comportamento nos revela um interesse histórico em construir narrativas e discursos sociais sobre a masculinidade. Como imagens desconstrutivas, temos aquelas designadas pelos vocábulos *cinadeus*, *irrumabo*, *pathicus*. Veremos como essas palavras denotam aspectos de desmasculinização. Também problematizaremos as leituras históricas que insistem em categorizar certas relações homoafetivas da antiguidade como simples ataques políticos, relegando tal prática a uma visão pejorativa.

Temos conhecimento de que havia em Roma um discurso moral referente ao sexo e aos papéis sociais apropriados para homens e mulheres. Mencionamos anteriormente que essas concepções eram construídas no âmago das suas interações sociais. O masculino se posicionava como o possuidor de todo o ambiente familiar. Já o feminino, das influências estoicas em diante, passou a despertar a afeição e o companheirismo para a construção de uma unidade familiar. Se o homem era o responsável por lidar com o mundo exterior, a mulher administrava a casa, os filhos e os criados. Contudo, essas eram meras recomendações postas por discursos

idealizados nos quais os conjugues eram concebidos como agente morais (VEYNE, 2005, p. 189-193).

Em contrapartida, proliferavam-se as representações masculinas encaradas como desviantes. As documentações antigas expõem essas questões com uma grande preocupação e definem esses desvios como ameaças à estabilidade política e civil. Em troca, estudos recentes versaram que, além da variedade de representações masculinas supostamente desviantes, havia uma multiplicidade de respostas para tais atos. Veyne escrutinou as relações homofílicas de um ponto de vista negativo. O autor evidenciou os temores de afeminação e prostituição dos homens romanos e se utilizou da palavra *impudicus* para reforçar o seu argumento. Esses termos teriam uma conotação pejorativa para homens sexualmente passivos. Porém, a sua visão se limitou a esse vocábulo e o historiador não cogitou que ele poderia se referir a uma gama de práticas e situações consideradas afeminantes. Aliás, na sua visão, as relações dos romanos com os seus escravos e servos passivos eram as únicas toleradas, com severas represálias sociais aos infames *impudicus*. Veyne acreditou na existência de um forte sistema de repressão desses comportamentos (VEYNE, 2005, p. 232). Consideramos essa ideia um exagero. Havia uma preocupação pública com essas questões, mas não encontramos unanimidade na adoção dessas práticas, bem como não temos evidências suficientes de punições recorrentes aos indivíduos identificados sob essas alcunhas (PINTO, 2010 p. 75-95)

Reavemos em Goldsworthy a acusação de que Cleópatra teria afeminado César e Antônio com a sua influência. O autor mencionou que César era conhecido por um comportamento extravagante que teria lhe trazido inimigos. Ele era reputado por sua instabilidade política, libertinagem e pelo perigo oferecido à República. Lembramos que já discutimos esse contexto ao falarmos da crise republicana no Capítulo I desta Dissertação. De mais a mais, César se envolveu com inúmeras esposas de senadores e havia o rumor de um caso com o rei idoso Nicomedes da Bitínia. Isso lhe valeu a reputação de alguém que assumia o papel do homem para as mulheres ao mesmo tempo que atuava como uma mulher para os homens. Goldsworthy ainda sublinhou que, durante a festa de *Bona Dea* sediada pelo general, um senador chamado Clódio foi encontrado disfarçado entre as mulheres. As acusações afirmavam que ele estava se envolvendo sexualmente com a então esposa de César. Conquanto desacreditasse do fato, tal evento levou-o a se divorciar para proteger o seu status social masculino. Noutra situação, ligada ao senado, Catão foi

humilhado depois de exigir a leitura de um bilhete apaixonado enviado por César à sua mãe Servília (GOLDSWORTHY, 2016, p. 246-248).

Strauss destacou que, posteriormente ao envolvimento de César com Cleópatra, algumas moedas com os rostos de ambos foram produzidas. Nelas, nota-se um exagero nos traços masculinos da face de Cleópatra, como os do queixo e nariz. Para o autor, essa era uma forma de deixá-la com uma aparência mais majestosa. Mais uma vez, percebemos a incorporação de elementos de gênero para a construção de uma identidade para a rainha do Egito. A moeda em questão, produzida a mando de César, certamente fora ordenada de maneira a louvar a aliança entre ele e Cleópatra. Contemplamos anteriormente que esse ato não foi bem recebido pelos romanos mais conservadores. A imagem de César como um homem muito ativo sexualmente e envolvido em práticas infames foi muito associada à influência de Cleópatra. O comportamento masculino inadequado seria o responsável por degradar a condição de César e, em seguida, a de Marco Antônio. Strauss também interpretou que o ditador humilhava repetida e publicamente os seus opositores. Logo, o ambiente masculino poderia ser descrito como altamente competitivo (STRAUSS, 2017, p. 53-66).

Damer fez importantes questionamentos no que concerne aos discursos e às idealizações masculinas da Antiguidade Romana. A defesa de uma moral masculina levava em conta não só as práticas sexuais, mas os trejeitos, as roupas, o tom de voz e a propensão para a vida pública em Roma. Em suma, a masculinidade era o domínio de si e da vida material e política. A elegia apresenta homens *moles* que buscam prazer e não se adequam a esses estereótipos. Entretanto, os poetas não se consideravam afeminados, e sim procuravam brechas para propor novos modelos de masculinidade com a sua poesia. Conforme a historiadora, a reputação masculina importava mais do que os comportamentos de fato. Dessarte, ela defendeu que o corpo era fluido e capaz de construir diferentes subjetividades masculinas com distintas projeções sociais (DAMER, 2019, p. 14-20).

Sob outro ângulo, Garton argumentou que a pederastia foi o principal escopo de muitas pesquisas que buscavam ligar a homossexualidade moderna com os comportamentos homoafetivos da Antiguidade. Ele advogou que parte da literatura clássica tratou a pederastia como algo natural e até mesmo louvável. Todavia, existia um discurso moral referente a essa prática, absorvido até certo ponto pelos romanos. Pesquisadores como Amy Richlin, John Boswell, Eva Cantarella e Rabun Taylor foram

mencionados por Garton como defensores de uma concepção trans-histórica da homossexualidade. Nesses estudos, o desejo pelo mesmo sexo foi encarado como possibilidades biológicas passíveis de reprodução em qualquer sociedade (GARTON, 2004, p. 31-32).

Roma pode ter herdado alguns aspectos dessa cultura sexual clássica, outrossim, o autor indicou determinadas distinções. A pederastia não era bem vista pelos romanos, ainda que a relação entre um homem mais velho e outro mais jovem fosse tolerada. Se as regras sociais pré-estabelecidas não fossem seguidas, a ligação não seria benquista. Garotos aristocratas não eram alvos apropriados para as investidas sexuais. O ato de ser penetrado estava associado à submissão e não se aconselhava esse tipo de comportamento aos futuros magistrados e militares romanos. Tais discursos se baseavam nos preceitos morais de dominação masculina e, apesar de negarmos a sua hegemonia, não descartamos a ideia de que eles produziram subjetividades e contextos reais. Isso fica evidente em certas manifestações culturais coletivas, como a humilhação sexual dos condenados por crimes estipulados. O objetivo era a desmasculinização do indivíduo. Outros trabalhos que abordaram essa linha de raciocínio foram apresentados por Garton (GARTON, 2004, p. 32-35).

Pinto externou que os principais estudos relativos às masculinidades surgiram em resposta às investigações feministas e procuraram desconstruir uma simbologia hegemônica acerca da masculinidade e do termo *homem*. Assim, asseverou-se que a conexão entre o homem e o masculino era discursiva, e não natural. Consequentemente, poderiam coexistir variados discursos quanto à masculinidade e diferentes associações e interações entre o homem, o masculino e o feminino. Ao ter isso em conta, o historiador apresentou os casos de um príncipe bretão, Carataco, e de um eunuco, cujo nome não dispomos. Reforçou-se que a origem do primeiro não impediu que as documentações romanas o descrevessem com qualidades classificadas como *viris*. A liderança, a coragem e a virilidade na batalha eram elementos louvados pelos romanos, evidenciados constantemente num ambiente considerado por eles como bárbaro e não civilizado. Carataco era comparado a Boudica, ou seja, foi encarado enquanto um líder valoroso em oposição à Cleópatra, temida e demonizada. A capacidade intelectual do príncipe e as suas articulações com os romanos foram fundamentais para estabelecer alianças com as tribos por ele

lideradas. Essa atitude foi apontada como uma marca do caráter e da hombridade do bretão (PINTO, 2011, p. 159-164).

O caso do eunuco analisado diz respeito a um esqueleto encontrado em Cataractônio, datado do século V d.C. Esse corpo estava sepultado com uma indumentária feminina, mas testes de laboratório informaram que se tratava de um corpo masculino. As primeiras análises historiográficas o relacionaram com os sacerdotes da deusa Cibele, conhecidos como *Galli*. Nesse culto, os sacerdotes eram inspirados pelo mito de Átis e Cibele, castravam-se e passavam a se vestir com roupas femininas. Porém, o esqueleto não revelava sinais de castração. Com isso em mente, Pinto registrou a possibilidade da existência de transgêneros na Antiguidade. Por isso, ele compreendeu que indivíduos masculinos poderiam manifestar o desejo de se projetar com base nos conceitos estabelecidos para o gênero oposto. De todo modo, tal hipótese não anula aquela do sacerdócio e o acadêmico acrescentou que a castração ritual envolvida no culto poderia ser meramente simbólica. Um dos problemas para se chegar numa conclusão é a escassez de dados concretos no que tange a esse culto. Grande parte das informações das quais dispomos são comentários esparsos numa documentação clássica (PINTO, 2011, p. 192-194).

Os *Galli* aparecem nos poemas de Catulo e Marcial. Nesses textos, eles integram figuras afeminadas e são considerados semi-homens e semi-mulheres. Catulo utiliza o feminino *gallae* para designá-los. A partir dessas documentações, é possível percebermos que tais práticas eram contrárias aos ideais de masculinidade romanos. O tom presente em Catulo e Marcial é de desprezo e chacota. No entanto, como esse é um discurso que espelha uma parcela daquela sociedade, alguns historiadores pensaram na possibilidade de o culto ter sido um refúgio para os romanos de comportamento passivo e afeminado. Tenhamos em mente que a concepção acerca dos afeminados em Roma não pode se resumir ao comportamento sexual passivo, nem encontramos referências a esse tipo de conduta por parte dos sacerdotes. A sua feminilidade é descrita através da sua performance corporal, das suas vestimentas e do seu tom de voz, quer dizer, a identidade seguia vinculada a posturas corporais e materiais para a sua estruturação. Outra linha de pesquisa critica a noção que coloca os *Galli* como um refúgio para afeminados. Pinto frisou que Craig Williams não acreditou que esse recurso era necessário em Roma, pois o peso dos discursos morais não exercia tamanho policiamento sobre as ações individuais. Era

exequível a um romano manter as suas relações sexuais passivas das formas mais diversas possíveis (PINTO, 2011, p. 195-198).

Semíramis Corsi Silva possui três textos que contemplam os sacerdotes supracitados. Num artigo publicado em 2021, a autora expôs que o culto à Cibele foi incorporado em Roma depois de muita resistência da aristocracia. Ele era considerado orgiástico, com procissões barulhentas e escandalosas. Nelas é que se suspeitava da castração de alguns sacerdotes aos moldes do deus Átis. No mito, a divindade prometeu fidelidade à Cibele, também chamada de *Magna Mater*. Todavia, ele a traiu com uma ninfa. Arrependido, ele se castra num êxtase ritualístico. No *Poema 63*, Catulo diz que esse ato torna o sacerdote uma *notha mulier* (falsa mulher), um homem estéril. O poeta sobrepuja a performance corporal e as vestimentas por ele consideradas como afeminadas. São vestidos longos e coloridos, joias e penteados femininos, vozes afetadas e finas, andar saltitante. Para Catulo, eles são invertidos e vinculados a vários vícios. Silva reafirmou que não é possível dizermos se a castração era real, se envolvia o corte de todos os órgãos genitais masculinos ou apenas um deles. Os dados que temos do culto à Cibele indicam que o pênis simbolizava a força, a proteção e a fertilidade. A castração de bois e o uso ritualístico dos seus pênis é atestada em algumas documentações. Temos conhecimento, por exemplo, da existência de sacerdotes com família e filhos (SILVA, 2021b, p. 3-19).

No seu texto referente ao ano de 2020, Silva abordou as associações entre os *Galli* e o imperador Heliogábalo. O governante foi acusado de cometer várias perversões sexuais e de ter comportamentos incompatíveis com os ideais de masculinidade romanos. Dião Cássio o descreve como um sacerdote de Elagabal, um deus solar de origem siríaca, oriundo das mesmas terras onde nasceu o imperador. Em algumas documentações imperiais, o culto a esse deus se conectava àquele de Atagártis, conhecido pelos seus sacerdotes *semiuris* (semi-homens). Dião Cássio se preocupa em ressaltar que a vontade de Heliogábalo de se comportar de forma feminina não era religiosa, mas sim fruto do seu próprio desejo de se tornar uma mulher. O escritor, contemporâneo do governante, acusou-o de pedir aos médicos que inventassem uma vagina para o seu corpo. A historiadora salientou que essas imputações eram motivadas principalmente pelos costumes estrangeiros de Heliogábalo, bem como pela desaprovação, por parte de Dião Cássio, da forma como ele conduzia o Império. A literatura romana se encontra repleta de textos que procuram definir um padrão de masculinidade para os governantes romanos e

Heliogábalo age como um dos maus exemplos, encarado pelos tradicionalistas como impróprio para a sua posição social (SILVA, 2020, p. 288-307).

Dião Cássio ainda o descreve como um homem que usava maquiagem, estava sempre rodeado de mulheres sírias e cortejos musicais, além de usar roupas estrangeiras em detrimento das romanas. Uma moeda imperial o retrata utilizando uma dessas vestes, entendida como exótica por ser estrangeira. Silva lembrou que o exótico pode carregar uma conotação de erótico no latim. Para a autora, as principais críticas proferidas por Dião Cássio a Heliogábalo não se dão essencialmente pela natureza dos atos do imperador. Elas se sustentavam nos seus exageros e na sua insistência em performar e demonstrar a sua cultura oriental (SILVA, 2021a, p. 103-109).

Isso posto, é necessário olharmos com ceticismo para as declarações de Dião Cássio. Ater-nos-emos aos conceitos e símbolos que permitem a construção de um discurso sobre o imperador que o configure em situações semelhantes àquelas relacionadas à transexualidade. Não se trata de afirmar que Heliogábalo desempenhava esse papel, e sim de entendermos como se construía essa concepção para os romanos. A possibilidade de o governante ter desejado transitar de gênero revela que a construção das identidades sexuais e corporais da Antiguidade era mais complexa do que um binarismo pré-estabelecido. Heliogábalo promoveu um aumento de magistrados orientais em Roma e prestava culto a divindades reputadas como populares e, por vezes, muito sexualizadas, tal qual Dioniso. A associação a esses deuses carregava uma conotação afeminada e de desaprovação. O comportamento errático de Dioniso era permitido a um deus, contudo, não era bem visto em um imperador (SILVA, 2021a, p. 90-100).

As frequentes vinculações negativas que envolviam os eunucos não impediram o surgimento de casos que abordassem essas relações de forma positiva. Em geral, quando a situação se invertia e o imperador mantinha um *puer* – esse termo designava garotos jovens que possivelmente mantinham relações sexuais homoeróticas como passivos – a reação social não era negativa. O caso de Earino é um desses exemplos. Ele foi um escravo do imperador Domiciano, castrado e seu amante. Ele aparece em alguns poemas de Estácio e Marcial e é ligado ao mito de Júpiter e Ganimedes, bem como aos *Galli* de Cibele. Já o amante do imperador Nero, Esporo, não teve a mesma sorte. Devido à má reputação de Nero, a relação foi usada como mais um dos motivos de escândalo para atacar o governante. Entre as acusações, havia uma denúncia de

sexo explícito com o eunuco à luz do dia em prédios públicos (RIBEIRO JÚNIOR, 2016, p. 122-160).

O mito de Ganimedes aparece como uma metáfora para os laços homoeróticos envolvendo um *uir* e um *puer* em diversas obras da Antiguidade e até mesmo do Medievo. Os poemas de Catulo destinados a Juvêncio (24, 48, 81 e 99) encenam situações afetivas e sexuais entre homens sob um caráter positivo. Juvêncio tem a possibilidade de escolher e/ou rejeitar amantes, o que demonstra uma liberdade semelhante àquela das mulheres romanas idealizadas na elegia. Ele provavelmente era um *puer* romano que dispunha de certos amantes além de Catulo. Como vemos, o comportamento passivo em Roma não era expressamente condenado a todo momento. As dinâmicas produzidas pelos discursos sexuais produziram subjetividades variadas na construção dos ideais sexuais e de gênero em Roma (HEXTER, 2015, p. 275-278).

A imagem de Alexandre Magno serviu de inspiração para Plutarco e Arriano (séculos I e II d.C.) criarem os seus modelos de *princeps* romano. De acordo com Henrique Hamester Pause, Plutarco construiu uma imagem muito positiva do monarca e amenizou os seus defeitos. Segundo o autor antigo, as suas virtudes eclipsam as suas características bárbaras. A sua educação grega – a *paideía* –, virilidade em batalha e temperança nos desejos e impulsos são as principais virtudes que envolvem a construção da sua virilidade. A sua belicosidade e força física estão associadas a Hércules e Zeus. Entretanto, certos aspectos o fazem destoar da imagem idealizada do *uir* romano. Alexandre é branco demais e a pele pálida era comumente ligada às mulheres devido à sua relação com o lar enquanto os homens eram mais corados por desempenharem as suas funções no exterior das suas casas. Além disso, o governante se entrega aos prazeres persas. A sua mãe é acusada de influenciá-lo a seguir as práticas bárbaras, como os cultos orgiásticos de Baco. O seu comedimento em relação a esses hábitos é mencionado e Plutarco termina o seu relato sobre o rei de forma negativa, concluindo que a sua aproximação dos persas o degradou e o tornou um homem afeminado, colérico e dado aos vícios (PAUSE, 2021, p. 97-117).

Encerramos este Capítulo II com as reflexões de Craig A. Williams (1999). O acadêmico transpareceu a ideia de que em Roma encontramos uma grande variedade de significados e possibilidades para as construções discursivas sobre o sexo e o gênero. Tais relações eram complexas e se cruzavam com as mais diferentes referências para a sua construção, fossem elas corporais, psicológicas,

comportamentais ou político-sociais. Dessarte, entendemos que os discursos sexuais romanos não seriam hegemônicos, mas condicionais.

Após a leitura extensiva dos textos supracitados, entendemos que não podemos falar de um conceito de identidade individual, que se pretende impor como legítima referentes aos povos da Antiguidade. É possível identificarmos as diversas formas discursivas que encenam práticas sexuais e suas possíveis consequências sociais e políticas. Não se trata de reproduzirmos conceitos identitários contemporâneos (gay, lésbica, transsexual, travesti, bissexual) na Antiguidade, mas de estabelecermos uma rede de comportamentos e práticas, validadas ou não pela comunidade. Dessa maneira, poderemos aproximar conceitos presentes com os discursos do passado, sem que os equiparemos. Não há na Antiguidade Romana um esforço coletivo para a emancipação daqueles que se posicionam às margens do discurso ideal sobre os comportamentos sexuais. A caracterização dos indivíduos por meio dos seus comportamentos sexuais não visava a criação de um novo status quo social acerca da construção familiar e do indivíduo frente ao seu sexo e gênero. Em outras palavras, não encontramos indícios de uma emancipação de *cinaedeus*, *impudicus*, *irrumabos* e tantos outros termos que designam pessoas de comportamentos julgados infames.

Logo, os comentários sexualizados de Catulo não visavam a caracterização de novas expressões de gênero e sexo legítimas, mas a denúncia de uma imoralidade que não é pautada pelo sexo. O comportamento sexual considerado impróprio denunciado pelo poeta apresenta mais uma visão sobre o prazer do que sobre a legitimidade do sexo. Isso posto, os acusados são diminuídos de sua legitimidade política e social por se comportarem de forma infame em geral, não apenas sexualmente. Entretanto, nosso trabalho pretende analisar apenas as representações sexuais e a valoração que adquirem em determinados contextos, sendo eles poéticos, sociais ou políticos. Apesar disso, não podemos presumir que os textos de Catulo representam a visão geral da sociedade sobre tais práticas. Observado neste capítulo que houve uma grande variedade de representações e práticas entre os povos do Mediterrâneo Antigo moldadas de acordo com a força das suas relações com os romanos.

CAPÍTULO III – AS INVECTIVAS ERÓTICAS DE CATULO

Para trabalharmos a nossa hipótese, elencamos certas poesias catulianas com base nos critérios de seleção e categorização providos por Laurence Bardin (1977). A autora propôs uma série de regras a serem aplicadas (ou não) na separação de uma documentação. Essas regras tem o objetivo de promover uma análise e interpretação controladas denominadas por ela como inferência, da qual trataremos adiante. De acordo com a autora, a inferência diz respeito ao processo de interpretação de um conteúdo por meio de índices específicos com a finalidade de testar hipóteses. Dessa forma, definimos uma seleção documental com base no nosso objetivo de estudarmos os usos do discurso sexual em Catulo. Para tanto, definimos uma seleção que tornasse possível o desenvolvimento da nossa hipótese e separamos os poemas em que o autor antigo se ocupa de ofender tendo como base o sexo. Por conseguinte, acreditamos ser possível vislumbrarmos parte do imaginário sexual romano nos anos finais da República, conquanto entendemos que as produções literárias carregam aspectos histórico-sociais, que nos possibilitam observar parte dos valores de uma sociedade (CARDOSO, 2014, p. 243).

Nesse sentido, selecionamos trinta e sete poemas catulianos. A separação levou em consideração a seguinte regra proposta por Bardin: a de representatividade, quer dizer, “a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste” (BARDIN, 1997, p. 97). Observamos no Capítulo I desta Dissertação que o nosso corpus documental apresenta uma grande variedade de temas e estilos. Por isso, o nosso recorte foi delimitado por dois parâmetros: as invectivas e as práticas sexuais. A regra determina que uma seleção parcial das documentações é possível sob parâmetros temáticos. Logo, podemos direcionar esta pesquisa para o nosso objetivo principal e elencarmos os usos do sexo como ferramenta de ataque político e social. Consideramos apropriado nos aprofundarmos em poemas que ambientam ambas as situações. Eles configuram invectivas que se baseiam em acusações de comportamentos sexuais específicos para ter efetividade. Isso posto, identificamos uma unidade temática em nossos excertos, que dado a regra de homogeneidade, confere a eles singularidade. Embora ambientem situações diversas, esses textos têm como tema a invectiva sexual nas suas diferentes formas e práticas associadas. Essa norma determina que os excertos devem obedecer a um parâmetro preciso de escolha. Portanto, a regra de seleção é a conjunção da invectiva poética com as práticas sexuais (BARDIN, 1997, p. 98).

Nosso critério de seleção dos textos parte de dois pressupostos teóricos, as reflexões de gênero providas por Scott (1989) e as discussões acerca do sexo e do prazer na Antiguidade presentes em Foucault (1989). No segundo capítulo desta Dissertação, explicitamos as principais discussões acadêmicas que envolvem esses temas e como as pesquisas têm progredido nos estudos de gênero e práticas sexuais na Antiguidade Romana. Entendemos que as relações sexuais são importantes mecanismos para marcar diferenças de gênero e que por meio do vocabulário sexual e da análise das práticas que aludem, podemos reconstruir parte do imaginário sexual de uma sociedade. A partir disso, somos capazes de lançar as nossas problematizações acerca das representações de gênero que se sustentam sobre esse discurso e as possibilidades de correspondência com a realidade.

Feito nosso levantamento documental inicial, aplicamos o método de categorização (BARDIN, 1977, p. 117). Devido à variedade de representações sexuais apresentada pelas documentações, consideramos apropriado separarmos os poemas em índices de acordo com o tipo de relação sexual que ambientam. Consequentemente, temos as seguintes categorias: homoeróticos, incesto, invectivas à Lésbia e outras mulheres e, por fim, sexo e aspectos físicos do corpo. Essas divisões resumem o mote das narrativas presentes nos poemas agrupados e sustentam a nossa hipótese sobre os usos do discurso sexual em finais da República Romana. A seguir, comentaremos cada uma delas.

Sob a categoria de poemas homoeróticos, agrupamos doze poemas: 15, 16, 21, 25, 28, 29, 33, 56, 80, 103, 106 e 112. Dentre eles, destacamos o uso dos seguintes termos: *patichus*, *cinaedus*, *irrumabo* e *pedicabo*. Tanto na edição em português quanto em inglês, eles são traduzidos como comportamentos sexuais passivos e podem designar alguns atos sexuais como a felação – que também aparece em outros textos latinos por *felatio* – e o sexo anal passivo. Por outro lado, tais vocábulos também podem ser traduzidos por “veado” – *fag* ou *faggot* em inglês, na tradução de Peter Green – e aparecem sempre nesse caráter discriminatório. As escolhas dos tradutores procuram se alinhar nesse sentido. Salientamos que nenhum poema catuliano envolve relações homoeróticas entre mulheres.

Nesses poemas, encontramos as invectivas destinadas a César e Mamurra (29 e 57). Os demais consistem em invectivas direcionadas a personagens menos notáveis. Em algumas delas, o poeta apenas debocha do comportamento sexual dos seus rivais e amigos. Noutros casos, acusa de roubo ou injúria e ameaça por meio do

sexo usando os termos por nós destacados. O poema 28 é o único em que Catulo é o agente passivo da situação destacada pelos termos supramencionados. Nesse texto, ele denuncia o seu pretor, Mêmio, nos seguintes versos: "Mêmio, tu, lento e sempre, este teu pau / meteste-me na boca, e eu deitado" (CATULO, *Poema 28*). A ação de meter o pau na boca é traduzida do termo *irrumabo*. Portanto, trata-se de uma relação homoerótica sendo usada como metáfora para uma situação de negócios desfavorável com o pretor. Quais negócios seriam esses? Podemos ver nesse poema um indicativo de que o tempo do poeta acompanhando a corte de Mêmio não foi lucrativa? Teria o magistrado prometido lucros maiores ao poeta? Não dispomos de informações para averiguarmos essa situação com confiança, apenas a evidência de que num determinado momento Catulo se sentiu prejudicado pelo "patrão".

Nos outros poemas selecionados, encontramos diversos personagens e temáticas: Aurélio e Fúrio são advertidos a não fazer troça dos poemas de Catulo (15); Talo é bicha (*cinadeus*) (25); Vibênio é acusado de "ter a direita corrompida" (lê-se que ele costuma furtar) enquanto o seu filho "tem o cu devorador" (33); Gélio tem "marcas de esperma nos lábios" e "devora o que é teso e grande em homens" (80); Silão é um gigolô muito caro, "cruel e durão" (103); Nasão é chamado de veado (*pathicus*) (112). No *Poema 56*, Catulo surpreende um dos seus amantes tendo relações com uma menina, então, ele decide se juntar ao ato. Já no *Poema 81*, o autor antigo se lança contra um dos seus amantes, Juvêncio, que agora prefere a companhia de outro. No *Poema 106*, ele comenta uma possível situação de prostituição masculina. Em conclusão, notamos que Catulo trata as relações sexuais entre homens de múltiplas formas.

Oito poemas envolvem acusações de incesto: 59, 74, 78, 88, 89, 90, 91 e 111. Rufa é acusada de chupar o irmão, Rúfulo (59); Galo é acusado de se relacionar com uma de suas cunhadas (78); Aufilena é apontada por se relacionar com o tio (111). Os poemas restantes formam uma espécie de arco de invectivas contra Gélio, algumas são bem explícitas e outras só podem ser compreendidas como invectivas acerca do incesto se observadas em conjunto. No *Poema 74*, encontramos declarações explícitas de que ele teria se relacionado com a tia, sem que o tio se manifestasse. No *Poema 88*, Catulo comenta o possível interesse sexual de Gélio em sua irmã e mãe. No poema seguinte, Catulo dá a entender que o rapaz é magrinho porque está bem servido de parceiros sexuais em sua família e, portanto, pratica bastante a atividade. No *Poema 90*, reavemos referências a um ritual mágico persa.

O autor antigo menciona que “Do nefando conúbio de Gélio e a mãe surja / um mago e aprenda o aruspício Persa”. A associação a um ato sexual entre mãe e filho é reforçada nos versos seguintes: “De mãe com filho é que convém que venha um mago”. Com a leitura deste poema ao lado dos outros que se direcionam ao rapaz, percebemos que Catulo concebe Gélio e a sua mãe apropriados para o ritual, pois a sua relação incestuosa produziria um mago.

Em seguida, há os poemas dirigidos à Lésbia – principal consorte feminina do poeta – e outras mulheres. São dez textos no total. Os de número 58, 79, 83, 92 se referem à Lésbia. Ela é chamada de prostituta (58) e acusada de praticar incesto com o seu irmão Lésbio (79). Apesar disso, ela dissimula a sua relação com Catulo para que o marido não os descubra (83). Já no *Poema 92*, o poeta revela que eles se amam e se atacam na mesma intensidade.

No *Poema 41*, temos Ameana, uma prostituta que cobra além do que deveria por seus serviços. Ao mesmo tempo, Aufilena se “prostitui com o corpo todo” (CATULO, *Poema 110*). No *Poema 11*, Catulo pede aos amigos que levem uma mensagem infame a uma ex-amante. Algumas mulheres são ridicularizadas quando comparadas à Lésbia, assim como certos consortes masculinos do poeta. No *Poema 43*, os alvos são Amiano e a sua amante. Já no *Poema 86*, Cíntia é considerada feia quando comparada à amada de Catulo. No *Poema 42*, o autor antigo ameaça processar uma mulher e humilhá-la publicamente com os versos “Putá fétida, devolve os cadernos / devolve, fétida puta, os cadernos”.

Localizamos acusações de adultério e relações com prostitutas em três poemas catulianos. As mulheres não são nomeadas, mas o caráter da relação é comentado numa clara tentativa de ofender os envolvidos. Como Catulo indica apenas um interlocutor masculino, escolhemos colocar esses poemas numa categoria à parte. No *Poema 6*, ele critica Flávio por se interessar por uma mulher denominada como “puta febril”. No *Poema 37*, o poeta parece reclamar por compartilhar um dos seus amores – que a julgar pelo conteúdo é uma prostituta – com Egnácio, do qual não aprova certos costumes higiênicos. O *Poema 113* é uma referência às ações políticas de Cina e Pompeu. Nesse caso, ambos são associados ao adultério com Messília.

Por fim, temos as invectivas que relacionam o sexo a aspectos físicos específicos dos alvos catulianos. São os poemas 69, 71, 94, 97 e 115. Os de número 94 e 115 fazem um trocadilho com o nome de Pinto (*Mentula*). Num deles Catulo o acusa de ter amantes e noutro sugere que ele é bem-dotado. Emílio tem um bafo

terrível, mas consegue muitas amantes (97). Já Rufo é malcheiroso e evitado pelas mulheres (69). No *Poema 71*, o pobre Rufo, quando consegue uma parceira sexual, passa o mal cheiro para a garota e dela contrai uma enfermidade.

Assim, encerramos a apresentação das nossas documentações. Temos por objetivo ambientar as variadas representações sexuais utilizadas pelo poeta com o intuito invectivo. Esse critério surgiu ancorado em alguns trabalhos fundamentais sobre Catulo, que o selecionaram de acordo com diferentes propostas temáticas. O trabalho de Thomas K. Hubbard (2003) sustentou uma seleção de passagens com referências homoeróticas em diversos textos da Antiguidade Clássica e Catulo aparece em sua obra com uma série de poemas. Entretanto, destacamos que Hubbard desconsidera os poemas de número 25, 30, 33, 37, 40, 47, 80 e 112, todos contemplados em nossa seleção.

Destacamos também o recorte de Veyne (2013 p. 121-155). O historiador define o mundo ambientado nas poesias de Catulo e dos neotéricos como a “má sociedade”. De acordo com ele, as elegias eróticas seriam ambientadas entre pessoas de comportamentos sexuais infames. Tais atitudes são concebidas como infames por não se adequarem aos valores promovidos pelos textos ditos tradicionais. Pensando nisso, entendemos o nosso corpus documental como um grupo de anedotas acerca dos possíveis comportamentos sexuais dos personagens apresentados. Mas, distanciamos-nos da visão imputada por Veyne sob a alcunha de uma “má sociedade”, já que este estudo pretende ultrapassar os discursos providos pelas documentações. Não concordamos com a afirmação de que Catulo ambientou a sua narrativa num mundo “à parte” dos costumes tradicionais, pelo contrário. O poeta não esconde quem são os seus interlocutores, isto é, todos os aristocratas dos seus círculos sociais. Além disso, o posicionamento de Veyne coaduna com os discursos moralistas presentes em algumas documentações antigas, relegando o sexo e as práticas que o circundavam a uma posição subalterna na sociedade. Nossa pesquisa pretende descortinar esse discurso e evidenciar nuances do comportamento e imaginário sexual da aristocracia romana do século I.

Resta-nos discutir a obscenidade e o humor dos poemas. Na Introdução desta pesquisa, salientamos que muitos poemas catulianos já foram censurados por seu teor obsceno. Com o passar do tempo, esse se tornou um tema de pesquisa relativo ao poeta. Donald Lateiner argumentou que “a obscenidade [...] é um legítimo dispositivo poético, não evidência de uma personalidade degradada” (LATEINER,

2007, p. 263). Para demonstrar a sua hipótese, o acadêmico referenciou o *Poema 16* e citou dois dos seus versos: “A um poeta pio convém ser casto / ele mesmo, aos seus versos não há lei”. O texto segue com Catulo defendendo o seu ponto de vista de que os poemas só têm graça se forem elaborados sem pudor. Lateiner vê nessa obra um exemplo de que Catulo se preocupava em evidenciar a obscenidade como um recurso literário, a fim de separar a sua imagem pessoal daquela presente nos seus versos. Esse recurso é mantido através do seu vocabulário e das referências explícitas a comportamentos sexuais, algo incomum na escrita de textos tradicionais. Mediante essas reflexões e os posicionamentos expostos no Capítulo II, pretendemos efetuar um estudo que desconstrua visões hegemônicas quanto à obscenidade e o sexo na Antiguidade Romana.

Lateiner salientou que o vocabulário ofensivo do poeta tem origem no cotidiano oral e não deve ser entendido de forma literal, mas em seu próprio contexto. Quando ele acusa alguém de ser veado, bicha ou passivo, está antes de mais nada preocupado em ofender os seus rivais. As situações por ele descritas não precisam ser reais, porém, alegorias ofensivas nas quais a obscenidade sirva como um dispositivo de ridicularização. Lateiner estabeleceu duas categorias de poemas obscenos catulianos: os sexuais e os escatológicos. Dentre os sexuais, ele pontua diversos temas condizentes aos nossos, como o homoerotismo, o incesto, o adultério e as relações com prostitutas. Boa parte dos textos escatológicos, por não tratarem do sexo, não foram contemplados por nossa seleção (LATEINER, 2007).

A obra *The Garden Of Priapus Sexuality and Aggression in Roman Humor*, de Amy Richlin (1992), foi fundamental para definirmos o título do nosso catálogo. Nela, a autora demonstrou que o sexo foi usado como um tipo de agressão em diferentes manifestações culturais romanas. O capítulo cinco dessa obra tratou de uma categoria que destacamos, denominada como “literatura baseada em invectiva”. Dentro dessa categoria, Richlin trabalhou subtemas como aquele da *Priapic Poetry*, composto por poemas referentes ao falo e às suas representações. A sua seleção também levou em conta os termos destacados no início deste capítulo. A pesquisadora os concebeu como objetos de ofensa, visto que ser penetrado pelo falo – de forma oral ou anal – correspondia a ser submetido a uma posição desfavorável. Mais adiante, Richlin acrescentou o humor à sua discussão. Ela estudou as invectivas de Catulo e frisou o seu propósito de ridicularizar os alvos catulianos. Nesse sentido, a sua visão se

aproxima àquela de Lateiner, voltada para a obscenidade como um dispositivo literário humorístico.

Por fim, reavemos um conjunto de referências nas quais baseamos as nossas escolhas e os nossos recortes documentais. Demonstramos que, não obstante a grande variedade de temas possíveis dentro desta seleção, ela ganha unidade perante a intenção vexatória e o caráter sexual dos poemas elencados. Isso posto, as invectivas eróticas delimitam bem o escopo deste trabalho. Apresentamos no catálogo que se segue o texto em português oriundo da tradução de João Angelo de Oliva Neto e a sua versão original em latim. Como o acesso à tradução de Peter Green foi relativamente pontual, optamos por mencioná-lo no decorrer dos capítulos desta Dissertação quando fosse necessário. Os poemas se encontram divididos e organizados mediante as categorias comentadas no início do Capítulo III.

INVECTIVAS HOMOERÓTICAS	
15 A ti eu me confio e meus amores, Aurélio, e de pudor eu peço vénia pois se já desejaste algo em teu ânimo que mantivesses casto e inteirinho, preserves em pudor este menino, não digo das pessoas - delas nada temo a passar na praça aqui e ali com suas próprias coisas ocupadas. Minha paúra és tu, e é o teu pau, fatal aos bons, fatal aos maus meninos; por onde queiras, como queiras, leva-o, quando saíres, pronto para tudo. Só ele excluo, sim, pudicamente, pois se uma idéia má ou louca fúria te impelir, pérfido, a tamanho crime de contra ele investir, outro eu, então, ah!, infeliz e malfadado, pelos pés arrastado, por teu rabo	XV Commendo tibi me ac meos amores, Aureli. Veniam peto pudentem, ut, si quicquam animo tuo cupisti, quod castum expeteres et integellum, conserues puerum mihi pudice, non dico a populo; nihil ueremur istos, qui in platea modo huc modo illuc in re praetereunt sua occupati; uerum a te metuo tuoque pene infesto pueris bonis malisque. Quem tu qua lubet, ut lubet, moueto quantum uis, ubi erit foris, paratum: hunc unum excipio, ut puto, pudenter, quod si te mala mens furorque uecors in tantam impulerit, scelesti, culpam, ut nostrum insidiis caput lacessas. a! tum te miserum malique fati, quem attractis pedibus patente porta

aberto vão passar mugens e rábãos.	percurrent raphanique mugilesque.
16 Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos, Aurélio bicha e Fúrio chupador, que por meus versos breves, delicados, me julgastes não ter nenhum pudor. A um poeta pio convém ser casto ele mesmo, aos seus versos não há lei. Estes só têm sabor e graça quando são delicados, sem nenhum pudor, e quando incitam o que excite não digo os meninos, mas esses peludos que jogo de cintura já não têm. E vós, que muitos beijos (aos milhares!) já lestes, me julgais não ser viril? Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.	XVI Pedicabo ego uos et irrumabo, Aureli pathice et cinaede Furi. qui me ex uersiculis meis putastis, quod sunt molliculi, parum pudicum. Nam castum esse decet pium poetam ipsum, uersiculos nihil necesse est. qui tum denique habent salem ac leporem, si sunt molliculi ac parum pudici et quod pruriat incitare possunt, non dico pueris, sed his pilosis qui duros nequeunt mouere lumbos. Vos, quei mlilia multa basiorum legistis, male me marem putatis? Pedicabo ego uos et irrumabo.
21 Aurélio, pai das fomes todas, não só destas mas de quantas foram, são e hão de ser ainda no futuro: desejas pôr no cu dos meus amores e não o ocultas, pois ao lado ficas, colado brincas, tudo experimentas. Em vão. Pois vou meter na tua boca que armadilhas já armas contra mim. Se agisses satisfeito, eu calaria, que só com isto sofro: que o menino aprenda, ai!, sentir fome, sentir sede. Então desiste enquanto tens pudor p'ra não lhe pores fim de pau na boca.	XXI Aureli, pater esuritionum, non harum modo, sed quot aut fuerunt aut sunt aut aliis erunt in annis, pedicare cupis meos amores. Nec clam; nam simul es, iocaris una, haerens ad latus omnia experiris. Frustra; nam insídias mihi instruentem tangam te prior irrumatione. Atque id si faceres satur, tacerem; nunc ipsum id doleo, quod esurire, a! meme, puer et sitire discet. Quare desine, dum licet pudico, nei finem facias, sed irrumatus.
25	XXV

Talo, bicha, mais mole que pêlo de coelho, que miolo de ave ou o lóbulo de uma orelhinha, que o pênis lânguido de um velho, e aranhas, teias; Talo, rapina, mais que túrbida procela, se a lua mostra mulherengos bocejantes, devolve o manto que de mim roubaste e o lenço de Sétabis e meus bordados Tínios, tolo, que usas por aí, quais se fossem teus, herdados. Agora tira as unhas deles e devolve, que a lanugem, que é teu ladinho, e as mãos molinhas vão ter riscos, rabiscos de tosca vergasta, vais te agitar demais, qual diminuta nau, que insano a vir o vento em alto-mar surpreende	Cinaede Thalle, mollior cuniculi capillo uel anseris medullula uel imula oricilla uel pene languido senis situque araneoso, idemque Thalle turbida rapacior procella, cum luna mulierarios ostendit oscilantes remitte pallium mihi meum, quod inuolasti, sudariumque Saetabum catagraphosque Thynos, inepte, quae palam soles habere tamquam auita. Quae nunc tuis ab unguibus reglutina et remitte, ne laneum latusculum manusque mollicellas inusta turpiter tibi flagella conscribillent, et insolenter aestues uelut minuta magno deprensa naus in mari uesaniente uento.
28 Amigos de Pisão, coorte mísera, de bagagem levinha e bem ligeira, caro Verânio e tu, ó meu Fabulo: ei!, como vão as coisas? Já bastante frio e fome passastes com um frouxo destes? Não há no livro algum lucrinho no “DEVE”, como eu tenho, pois seguindo o meu pretor, no lucro lanço os gastos? (Mêmio, tu, lento e sempre, este teu pau meteste-me na boca, e eu deitado.)	XXVIII Pisonis comitês, cohors inanis aptis sarcinolis et expeditis, Verani optime tuque, mi Fabulle, quid rerum geritis? satisne cum isto vappa frigoraque etfamem tulistis? Ecquidnam in tabulis patet lucelli expensum, ut mihi, qui meum secutus praetorem refero datum lucello? O Memmi, bene me ac diu supinum tota ista trabe lentus irrumasti! Sed. quantum uideo, pari fuistis

Mas pelo visto vós tivestes sorte igual, pois estais fartos de um pau nada menor. (Arranja amigos da nobreza!) Que os deuses, deusas muitos males mandem-vos, ó vergonha de Rômulo e de Remo.	casu: nam nihilo minore uerpa farti estis. Pete nobiles amicos! At uobis mala multa dei deaeque dent, obprobria Romulei Remique.
29 Quem pode ver, quem pode suportar (só um veado, um viciado em jogo!) Mamurra ter o que a Gália Cornada tinha antes e a última Britânia? Rômulo chupador, tu vês e agüentas? E ele agora, superior, super-rico, vai perambular pelas camas todas qual os branquinhos pombos, qual Adónis? Rômulo chupador, tu vês e agüentas? És bem veado, viciado em jogo! Em nome disto foi, comandante único, que no ocidente andaste à ilha última p'ra que este teu Pinto todo fodido comesse ali duzentos ou trezentos? É outra a liberdade dos ladrões? Não fodeu tudo? Não consumiu tudo? Dilapidou primeiro os bens do pai, depois despojos Pônticos, e após, Ibéricos, bem sabe o Tejo aurífero. Temem-no as Gálias, temem-no as Britânias. Esse infeliz por que ajudais? Que sabe mais que devorar grandes patrimônios? Em nome disto, em Roma ó mais potentes!,	XXIX Quis hoc potest uidere, quis potest pati, nisi impudicus et uorax et aleo, Mamurram habere quod Comata Gallia habebat ante et ultima Britannia? Cinaede Romule. haec uidebis et feres? Et ille nunc superhus et superfluens perambulabit omnium cubilia ut albulus columbus aut Adoneus? Cinaede Romule, haec uidebis et feres? Es impudicux et uorax et aleo. Eone nomine, imperator unice, fuisti in ultima occidentis insula, ut ista uostra diffututa Mentula ducenties comesset aut trecenties? Quid est alid sinistra liberalitas? Parum expatruait an parum elluatus est? Paterna prima lancinata sunt bona; secunda praeda Pontica; inde tertia Hibera, quam scit amnis aurifer Tagus; timentque Galliae hunc, timent Britanniae. Quid hunc malum fouetis? aut quid hic potest, nisi uncta deuorare patrimonia? Eone nomine, urbis o potissimei, socer generque, perdidistis omnia?

ó sogro, ó genro, destruístes tudo?	
33 O tu, melhor ladrão dos balneários, Vibênio, pai, e o filho bem veado, (o pai tem a direita corrompida, o filho tem o cu devorador) por que não ides ao exílio em torpes terras, se das rapinas do pai todo o povo sabe e tão peludas nádegas, filho, não poderás vender por nada?	XXXIII O furum optime balneariorum, Vibenni pater, et cinaede fili, (nam dextra pater inquinatio, culo filius est uoracior) cur non exilium malasque in oras itis, quandoquidem patris rapinae notae sunt populo, et natis pilosas, fili, non potes asse uenditare?
57 Tudo certo entre os chupadores ímprobos, Mamurra, que é passivo, e César. Não admira: as manchas de ambos, iguaizinhas, Romana uma e a outra Formiana, tão bem gravadas não serão lavadas; sofrendo de um só mal os gemeozinhos, numa caminha só dois pedantinhos, a fim de amantes um não menos que outro, companheiros rivais de meninhas: tudo certo entre os chupadores ímprobos.	LVII Pulcre conuenit improbis cinaedis, Mamurrae pathicoque Caesarique. Nec mirum; maculae paris utrique, urbana altera et illa Formiana, impressae resident nec eluentur; morbosi pariter, gemelli utrique uno in lecticulo, erudituli ambo, non hic quam ille magis uorax adulter, riuales sociei puellularum. Pulcre conuenit improbis cinaedis.
59 Rufa, que é de Bolonha, chupa Rúfulo, (a esposa de Menênio). Muito a vistes roubar das tumbas, sacra, a ceia, e quando seguia o pão da pira ao chão rolado, semitosado, o coveiro a enxotava.	LIX Bononiensis Rufa Rufulum fellat, uxor Meneni, saepe quam in sepulcretis uidistis ipso rapere de rogo cenam, cum deuolutum ex igne prosequens panem ab semiraso tunderetur ustore.

80 Por que teus lábios róseos, Gélio, estão mais brancos que a neve, quando cedo saís de casa ao frio, ou quando a oitava hora te desperta de suave sesta após um dia estivo? Não sei ao certo. É vero o que sussurra a fama, devoras o que é teso e grande em homens? É certo: rotas clamam virilhas de Vítor, coitado, e marcas de esperma em teus lábios.	LXXX Quid dicam, Gelli, quare rosea ista labella hiberna fiant candidiora niue, mane domo cum exis et cum te octaua quiete e molli longo suscitatur hora die? Nescio quid certe est; an uere fama susurrat grandia te medii tenta uorare uiri? Sic certe est; clamant Victorix rupta miselli ilia et emulso labra notata sero.
103 Vai, Silão, ou devolve os meus dez mil sestércios, e quanto queiras sê cruel, durão, ou, se as moedas te deleitam, deixa, insisto, de ser um gigolô cruel, durão.	CIII Aut, sodes, mihi redde decem sestertia. Silo, deinde esto quamuis saeuus et indomitus; aut, si te nummi delectant, desine, quaeso, leno esse atque idem saeuus et indomitus.
106 Vês um menino lindo e, ao lado, um pregoeiro: não crês que está querendo se vender?	CVI Cum puero bello praeconem qui uidetur esse, quid credat nisi se uendere discupere?
112 Falas bem e ninguém de bem, Nasão, contigo dá na praça: Nasão, és bem veado.	CXII Multus homo es, Naso, neque tecum multus homost qui descendit; Naso, multus es et pathicus.

INVECTIVAS SOBRE INCESTO

74 Gélio ouvira que o tio soía censurar quem delícias contasse ou quem fizesse. Não quis passar por isto, então comeu a esposa do tio e desse tio fez um Harpócrates. Fez o que quis porque, por mais que foda a boca do tio, o tio não falará palavra.	LXXIV Gellius audierat patrum obiurgare solere, si quis delicias diceret aut faceret. Hoc ne ipsi accideret, patrum perdepsit ipsam uxorem et patrum reddidit Harpocratem. Quod uoluit fecit; nam, quamuis irrumet ipsum nunc patrum, uerbum non faciet patruus.
88 O que faz, Gélio, quem com mãe e com irmã se excita e nu as noites passa em claro? O que faz quem ao tio não deixa ser marido? Não sabes que comete crime enorme? Comete, Gélio, o que nem Tétys, cerca-mundo, nem, pai das ninfas, o Oceano lava. Pois crime algum não há maior que o seu, nem que ele baixe a cabeça e engula-se a si mesmo.	LXXXVIII Quid facit is, Gelli, qui cum matre atque sorore prurit et abiectis peruigilat tunicis? Quid facit is patrum qui non sinit esse maritum? Ecquid scis quantum suscipiat sceleris? Suscipit, o Gelli, quantum non ultima Tethys nec genitor nympharum abluit Oceanus; nam nihil est quicquam sceleris quo prodeat ultra, non si demisso se ipse uoret capite.
89 Gélio é magrinho, não? Quem tem tão boa mãe, tão dadivosa, e tem irmã tão linda, e tio tão bom, de todo lado tendo moças por parentes, não ia ser tão magro?	LXXXIX Gellius est tenuis; quid ni? cui tam bona mater tamque ualens uiuat tamque uenusta soror, tamque bonus patruus, tamque omnia plena puellis

Se bem não toque em nada em que tocar é nefas verás razões demais por que ele é magro.	cognatis, quare is desinat esse macer? Qui ut nihil attingat nisi quod fas tangere non est, quantumuis quare sit macer inuenies.
90 Do nefando conúbio de Gélio e a mãe surja um mago e aprenda o aruspício Persa. De mãe com filho é que convém que venha um mago - se é vera a ímpia religião dos Persas - por que, propícios por seu canto, os deuses louve e queime vísceras em píngüe chama.	XC Nascatur magus ex Gelli matrisque nefando coniugio et discat Persicum aruspicium: nam magus ex matre et gnato gignatur oportet, si uera est Persarum impia religio, gratus ut accepto ueneretur carmine diuos, omentum inflamma pingue liquefaciens.
91 Se eu esperava, Gélio, que ias ser fiel neste meu triste, neste amor perdido, não foi por conhecer-te bem, te achar constante, em quem a mente afasta a infâmia torpe, mas por não ser nem tua mãe nem tua irmã esta por quem um grande amor tragava-me. E embora eu tendo estreitas relações contigo, não quis crer que esta causa te bastasse. Bastou-te. E para ti prazer está em toda falta em que há qualquer coisa criminosa.	XCI Non ideo, Gelli, sperabam te mihi fidum in misero hoc nostro, hoc perduto amore fore, quod te cognossem bene constantemue putarem aut posse a turpi mentem inhibere probro, sed neque quod matrem nec germanam esse uidebam hanc tibi, cuius me magnus edebat amor, et quamuis tecum multo coniungerer usu, non satis id causae credideram esse tibi. Tu satis id duxti; tantum tibi gaudium in omni culpa est, in quacumque est aliquid sceleris.

111 Aufilena!, viver feliz com um só homem é o louvor dos louvores das esposas. Mas é melhor deitar quando e com quem quiser do que, mãe, com o tio gerar irmãos.	CXI Aufilena, uiro contentam uiuere solo, nuptarum laus est laudibus ex nimiis; sed cuiuis quamuis potius succumbere par est, quam matrem fratres ex patruo parere.
--	--

INVECTIVAS DIRECIONADAS A MULHERES	
11 Fúrio e Aurélio, amigos de Catulo - se for até os extremos Indos, onde praias contunde a onda do oriente que soa ao longe ou se entre Hircanos ou morosos Árabes ou Sagas ou os Persas porta-setas ou os mares que o Nilo (sete gêmeas fauces) colora ou se através dos Alpes for tão altos, do grande César vendo os monumentos, o Reno Gálico e os Bretões horrendos, último povo - dispostos a enfrentar todo perigo vindo por via do querer divino, dizei palavras à minha garota, poucas e boas! Vá viver e gozar com seus amantes, que, juntos, uns trezentos ela agarra nenhum de fato amando mas os membros rompendo em todos e não se volte mais ao meu amor que caiu por sua culpa como a flor	XI Furi et Aureli, comites Catulli, siue in extremos penetrabit Indos, litus ut longe resonante Eoa tunditur unda, siue in Hyrcanos Arabasue molles, seu Sagas, sagittiferosue Parthos, siue quae septemgeminus colorat aequora Nilus, sive trans altas gradietur Alpes, Caesaris uisens monimenta magni, Gallicum Rhenum, horribilesque ulti - mosque Britannos, omnia haec, quaecumque feret uoluntas caelitus, temptare simul parati. pauca nuntiate meae puellae non bona dicta. Cum suis uiuat ualeatque moechis, quos simul complexa tenet trecentos, nullum amans uere, sed identidem omnium ilia rumpens; nec meum respectet, ut ante, amorem, qui illius culpa cecidit uelut prati ultimi flos, praetereunte postquam

do último prado, em que, passando, o arado então tocou.	Tactus aratro est.
41 Ameana, menina tão fodida, dez mil cobrou-me e muito bem contados, essa tal de nariz todo disforme, amante do falido Formiano. Ó parentes, que tendes seu cuidado, amigos, médicos, mandai vir todos! Não é sã a menina nem costuma no espelho se enxergar como ela é.	XLI Ameana puella defututa tota milia me decem poposcit, ista turpiculo puella naso, decoctoris amica Formiani. Propinqui, quibus est puella curae amicos medicosque conuocate; non est sana puella, nec rogare qualis sit solet aes imaginosum.
42 Decassílabos!, vinde, quantos sois, todos, de toda parte, todos vós: uma puta indecente me reputa um joguete e diz que não devolve as vossas tabuinhas para ver se suportais. Vamos processar, vamos reclamar! Perguntais quem é? É aquela que vedes de indecente andar, rindo com seus gestos debochados, de boca arreganhada. Fazei o cerco a ela e reclamai: “Puta fétida, devolve os cadernos, devolve, fétida puta, os cadernos.” Tu nem ligas? Ó lama, lupanar, ou o que podes ser de mais perdido. Mas não se creia ser isto o bastante. Se nada mais se pode, o rubor vamos pôr na cara de pau desta cadela. Outra vez conclamai com voz mais alta:	XLII Adeste, hendecasyllabi, quot estis omnes undique, quotquot estis omnes. locum me putat esse moecha turpis et negat mihi uestra reddituram pugillaria, si pati potestis. Persequamur eam, et reflagitemus, quae sit quaeritis. Illa, quam uidetis turpe incedere, mimice ac moleste ridentem catuli ore Gallicani. Circumsistite eam et reflagitate: "moecha putida. redde codicillos; redde, putida moecha, codicillos. " Non assis facis? o lutum. lupanar, aut si perditius potes quid esse. Sed non est tamen hoc satis putandum. Quod si non aliud potest, ruborem ferreo canis exprimamus ore. Conclamate iterum altiore uoce "moecha putida, redde codicillos;

“Puta fétida, devolve os cadernos, devolve, fétida puta, os cadernos.” Mas nada conseguimos, nada ocorre. Mudemos de estratégia e de maneira para ver se podeis conseguir mais: “Pudica e proba, devolva os cadernos.”	redde. putida moecha. codicillos. ” Sed nil proficimus. nihil mouetur. Mutanda est ratio modusque nobis. siquid proficere amplius potestis; ”pudica et proba, redde codicillos. ”
43 Salve, menina de nariz não mínimo, de pés não belos, não escuros olhos, dedos não longos, boca nada límpida, e fala nem um pouco refinada, amante do falido Formiano. Por acaso a província te acha bela? És tu que és comparada à minha Lésbia? Que estúpido, que século sem graça!	XLIII Salve, nec minimo puella naso nec bello pede nec nigris ocellis nec longis digitis nec ore sicco nec sane nimis elegante lingua, decoctoris arnica Formiani. Ten provincia narrat esse bellam? Tecum Lesbia nostra comparatur? O saeculum insapiens et infacetum!
58 Célio: nossa Lésbia, aquela tal Lésbia, Lésbia, aquela, única que Catulo amou mais que a si e todos os seus, agora nos becos e encruzilhadas descasca os filhos de Remo magnânimo.	LVIII Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa, illa Lesbia, quam Catullus unam plus quam se atque suos amavit omnes, nunc in quadruuiis et angiporis glubit magnanimi Remi nepotes.
83 Lésbia, na frente do marido, fala mal de mim, prazer enorme ao imbecil. Sua besta, nada vês! Se, esquecida de mim, calasse, ela estaria sã, mas berra, xinga, pois não só lembra, mas - o que mais forte tem ódio, isto é, já arde; logo, fala.	LXXXIII Lesbia mi praesente uiro mala plurima dicit; haec illi fatuo maxima laetitia est. Mule, nihil sentis. Si nostri oblita taceret, sana esset; nunc quod gannit et obloquitur, non solum meminit, sed, quae multo acrior est res, irata est; hoc est, uritur et loquitur.
86	LXXXVI

Para muitos Quíntia é bela, para mim é clara, esguia, bem feita; isto eu aceito, de todo nego aquele “bela”. Pois beleza alguma, nenhum gosto há em tão grande corpo. Lésbia sim é linda: toda belíssima, só ela a todas roubou toda a graça.	Quintia formosa est multis, mihi candida, longa, recta est. Haec ego sic singula confiteor, totum illud ‘formosa’ nego: nam nulla venustas, nulla in tam magno est corpore mica salis. Lesbia formosa est, quae cum pulcerrima tota est, tum omnibus una omnis subripuit ueneres.
92 Lésbia só fala mal de mim, sempre, e não cala nunca; que eu morra se ela não me ama. Como sei? Também tenho tal sintoma; ataco-a muito: que eu morra, sim, se não a amo.	XCII Lesbia mi dicit semper male nec tacet umquam de me; Lesbia me dispeream nisi amat. Quo signo ? quia sunt totidem mea; deprecor illam assidue, uerum dispeream nisi amo.
110 Aufilena, as amigas boas ganham loas; do que querem fazer levam a paga. Tu prometeste e me negaste: és inimiga; pegas e nunca dás: cometes crime. As leais fazem, as pudicas nem prometem, Aufilena; mas quanto deu raptar, frustrando o efeito, é bem de meretriz avara, tal, que se prostitui com todo o corpo.	CX Aufilena, bonae semper laudantur amicae; accipiunt pretium, quae facere instituunt. Tu quod promisti mihi quod mentita, inimica es, quod nec das et fers saepe, facis facinus. Aut facere ingenuae est, aut non promisse pudicae, Aufilena, fuit; sed data corripere fraudando effectum est plus quam meretricis auarae, quae sese toto corpore prostituit.

INVECTIVAS SOBRE ADULTÉRIO E RELAÇÕES COM PROSTITUTAS
6

Flávio, tuas delícias a Catulo,
se não forem sem graça e elegância,
quererias contar e calar não
poderias. Não sei que tipo, a puta
febril que agora adulas. Confessá-lo
te envergonha. Que tu solteiras noites
já não deitas proclama um leito, em vão
sem voz, fragrante a flores e perfumes
Sírios, e os travesseiros de um e de outro
roçados por igual, os mexericos
e o remexer da cama toda trêmula.
Nada vale calar teus coitos sórdidos.
Por quê? Uns tão fodidos flancos não
mostrarias se inépcias evitasses.
O que de bom ou mau então tu fazes
conta-me. Quero a ti e a teus amores
ao céu erguer com meu ligeiro verso.

VI

Flauí, delicias tuas Catullo,
nei sint inlepidae atque inelegantes,
uelles dicere, nec tacere posses.
Verum nescioquid febriculosi
scorti diligis; hoc pudet fateri.
Nam te non uiduas iacere noctes
nequiquam tacitum cubile clamat
sertis ac Syrio fragrans oliuo,
puluinusque peraeque et hic et ille
attritus, tremulique cassa lecti
argutatio inambulatione.
Nam nil stupra ualet, nihil, tacere.
Cur? Non tam latera ecfututa pandas,
nei tu quid facias ineptiarum.
Quare quicquid hahes honi malique,
dic nohis; uolo te ac tuos amores
ad caelum lépido uocare uersu.

37

Lúbrica taberna, ó contubernais,
nona coluna após os Dioscuros,
só vós (achais) que tendes pau, podeis
só vós comer qualquer menina e achar
que os outros são uns bodes? Ou será,
porque estais bem sentados,
comportados,
cem, duzentos boçais, achais não ouse
eu só meter na boca de duzentos
comensais? É crer: contra vós, cacetes!,
nessa taberna vou grafar grafitos
pois a menina, que a meu peito foge,
amada quanto ninguém mais será

XXXVII

Salax taberna uosque contubernales,
a pileatis nona fratribus pila,
solis putatis esse mentulas uobis,
solis licere quicquid est puellarum
confutuere et putare ceteros hircos?
An, continenter quod sedetis insulsi
centum an ducenti, non putatis ausurum
me una ducentos irrumare sessores?
Atqui putate: namque totius uobis
frontem tabernae sopionibus seribam.
Puella nam mei, quae meo sinu fugit,
amata tantum quantum amabitur nulla,
pro qua mihi sunt magna bella pugnata.

por quem tão grandes guerras já pugnei, senta-se aí. E ela, ledos, lestos, todos amais, é certo, e o que é indigno, todos ralé, putanheiros dos becos: e mais que todos tu, belos cabelos, filho da Celtibéria, rica em coelhos, Egnácio!, a quem faz lindo espessa barba e dentes limpos com urina Ibérica.	consedit istic. Hanc boni beatique omnes amatis, et quidem, quod indignum est, omnes pusilli et semitarii moechi; tu praeter omnes une de capillatis, cuniculosae Celtiberiae fili, Egtnati, opaca quem bonum facit barba et dens Hibera defricatus urina.
113 Quando Pompeu foi cônsul primeiro, dois, Cina, frequentavam Mecília. Outra vez cônsul, ficaram estes dois: de cada um brotaram mil. E fértil o sêmen do adultério.	CXIII Consule Pompeio primum duo, Cinna, solebant Moecillam; facto consule nunc iterum manserunt duo, sed creuerunt milia in unum singula. Fecundum semen adulterio.

INVECTIVAS ACERCA DE ASPECTOS FÍSICOS DO CORPO

69 Não te admires por que mulher alguma, Rufo, queira trançar contigo as coxas tenras nem que a abale o regalo de um vestido raro ou mesmo a luz, delícias de um diamante. Tua ruína é a história ruim dum bode horrível que habita o vale de tuas axilas. Temem-no todos, não espanta: a fera é má, com quem meninas belas não se deitam. Por isso, ou mata a peste fatal aos narizes ou deixa de admirar-te por que fogem.	LXIX Noli admirari, quare tibi femina nulla. Rufe, uelit tenerum supposuisse femur: non si illam rarae labefactes munere uestis aut perluciduli deliciis lapidis. Laedit te quaedam mala fahula, qua tibi fertur valle sub alarum trux habitare caper. Hunc metuunt omnes. Neque mirum; nam malla ualde est bestia, nec quicum bella puella cubet. Quare aut crudelem nasorum interfice pestem, aut admirari desine cur fugiunt.
71 Se a alguém com jus o bode infame das axilas lesa, ou se alguém merece a gota lerdá,	LXXI Si quoi iure bono sacer alarum obstitit hircus, aut si quem merito tarda podagra secat,

é o teu rival, que faz amor com teus amores, que um e outro mal de ti pegou -incrível - pois quanto ele a fodeu, foi quanto aos dois puniu: nela pôs mau cheiro e ele tem a gota.	aemulus iste tuus, qui uostrum exercet amorem, mirifice est a te nactus utrumque malum. Nam quotiens fuit, totiens ulciscitur ambos; illam affligit odore, ipse perit podagra.
94 Sim. Pinto tem amantes. Tem amantes Pinto? O nome, como dizem, faz o homem.	XCIV Mentula moechatur. Moechatur mentula ? Certe. Hoc est quod dicunt, ipsa olera olla legit
97 Não creio (deuses me socorram) perceber se a boca ou o cu de Emílio estou cheirando. Uma não é mais limpa nem mais sujo é o outro. Mesmo assim é mais limpo o cu, melhor, pois não tem dentes: dentes a boca tem sesquipedais, gengivas quais de um velho assento, além de um ricto igual sói ter a vulva, aberta pelo calor, da mula quando mija. E muitas ele fode, faz-se de elegante, e no moinho ou burro não o punem? Se alguma o toca, não diremos que é capaz de o cu lambar de um mórbido carrasco?	XCVII Non (ita me di ament) quicquam referre putavi, utrum os an culum olfacerem Aemilio. Nilo mundius hoc, nihiloque immundius illud, uerum etiam culus mundior et melior; nam sine dentibus est; dentis os sesquipedalis, gingiuas uero ploxeni habet ueteris, praeterea rictum qualem diffissus in aestu meientis mulae cunnus habere solet. Hic fuit multas et se facit esse uenustum; et non pistrino traditur atque asino? Quem siqua attingit, non illam posse putemus aegroti culum lingere carnificis?
115 Pinto tem bens: tem trinta jeiras de pastagem, quarenta de lavoura e o resto é mangue. Não venceria Creso em riqueza quem tem num só barranco tanta propriedade - campos e pastos, muitos bosques, mato, pântano até ao Oceano e aos Hiperbóreos? Tudo tem grande, e ele, entretanto é o maior, não homem, porém pinto, o perigoso.	CXV Mentula habet instar triginta iugera prati, quadraginta arui; cetera sunt maria. Cur non diuitiis Croesum superare potis sit, uno qui in saltu tot bona possideat, prata, arua, ingentis siluas saltusque paludesque usque ad Hyperhoreos et mare ad Oceanum? Omnia magna haec sunt, tamen ipsest maximus ultro, non homo, sed uero mentula magna minax.

CAPÍTULO IV – SEXO E OBSCENIDADE EM CATULO: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER NA REPÚBLICA ROMANA

No Capítulo I desta Dissertação observamos que a poesia era elaborada principalmente por pessoas oriundas das aristocracias romanas. No caso de Catulo, destacamos o mote sexual de boa parte dos seus textos. O sexo desempenha uma função narrativa no discurso poético, em alguns momentos literal, em outros metafórico. Nossa pesquisa pretende analisar os usos da terminologia sexual na designação das relações de poder entre os envolvidos. Com isso, intentamos destacar as marcações de gênero imputadas aos corpos mediante o seu comportamento sexual e a sua performance corporal. Notamos no Capítulo II deste trabalho que esses aspectos eram fundamentais para a construção discursiva de imagens consideradas inapropriadas pelas documentações antigas. Portanto, é necessário identificarmos até onde Catulo se aproxima dos ideais ditos tradicionais ou é considerado impróprio ou obsceno.

Este estudo não levará em conta apenas os vocábulos destacados acerca dos comportamentos sexuais infames, mas também a narrativa catuliana. Em outras palavras, perguntamo-nos: a história contada pela poesia em questão é considerada obscena? Ofensiva? Sob quais olhos? A nossa leitura entende que esses poemas tinham a função de envergonhar publicamente pessoas reais, depreciando os seus status sociais. Compreendemos que tais poemas, em linhas gerais, foram ambientados na aristocracia romana e podem ser vistos como uma alegoria para as rivalidades políticas da época. A presença de diversas mulheres nas obras ofensivas, mesmo que escondidas sob um pseudônimo, revelam possibilidades que se afastam das leituras de masculinidade hegemônica.

Apesar de procurarmos demonstrar as dinâmicas estabelecidas em termos de gênero de uma forma fluida, e não estritamente binária, optamos por dividir este capítulo em abordagens sobre o masculino e, depois, acerca do feminino. Esses conjuntos de estudo se mostraram um recurso didático e estrutural mais apropriado para a elucidação da nossa hipótese. Em cada seção, discutiremos as possibilidades de intersecção entre o masculino e o feminino e buscaremos produzir discursos e representações de gênero variados. Dessa forma, poderemos afastar a presunção de máximas contemporâneas e historiográficas que situam as mulheres, os afeminados, os escravos e os plebeus em papéis de gênero idealizados por uma estrutural social aristocrática.

Levamos em conta algumas ideias de Luca Canalli e Lorenzo Perilli. Eles afirmaram que Catulo foi um tipo de rebelde para a sua época. Isso porque o poeta se dispôs a promover um estilo que, como vimos no Capítulo I desta pesquisa, não agradava aos mais conservadores. Os autores reputaram que o período republicano gozou de uma maior liberdade sexual e de gênero, já que as leis que condenavam o adultério feminino surgiram somente com Augusto e, em geral, costumavam punir mais os homens envolvidos nesses casos do que as mulheres. Para Canalli e Perilli, o regime imperial promovido a partir de Augusto era centrado no culto à família aristocrática romana, classificado por eles como uma “ditadura militar alto burguesa” (CANALLI, PERILLI, 2013, p. 8). Embora acreditemos que os termos usados nessa sentença sejam excessivos e enviesados por concepções contemporâneas, identificamos em tal aspecto uma preocupação das elites políticas romanas com o comportamento sexual dos cidadãos, algo que não se manifestou como lei redigida até o final da República. Dessarte, pretendemos observar em Catulo possíveis dissonâncias com esse modelo tradicionalista romano. A despeito deste inspirar leis do período imperial em diante, ele se fez presente em grande parte da literatura antiga.

Os textos catulianos podem ser compreendidos como parte e representação do que Canalli e Perilli chamaram de “jogos sexuais”, que envolviam toda uma teia de vínculos sexuais estabelecidos entre os aristocratas romanos. As poesias de Catulo configuram um dos simulacros literários de tal ambiente. Por essa razão, os pesquisadores pontuaram que os textos catulianos carregam valores aristocráticos comuns, como o desprezo pela plebe e pelos escravos. No mais, o retrato pintado por eles situa o nosso personagem num ambiente de disputa e confraternização da masculinidade, engendrando práticas sexuais, econômicas, fraternais e amorosas. Em muitos momentos esses elementos se misturam e criam combinações variadas, como o amigo/a amante, o inimigo de comportamentos infames, a mulher vulgar e os prostituídos (CANALLI; PERILLI, 2013, p. 10-11).

Por fim, Canalli e Perilli demonstraram que, quando Catulo se dirige à burguesia, ele costuma ser “desbocado e obsceno” ao criar figuras infames e agressivas para atacar possíveis rivais e desafetos políticos. Além disso, os amores também eram disputados e geravam um ambiente de rivalidades não apenas políticas, mas amorosas e sexuais (CANALLI, PERILLI, 2013, p. 13-19). A nossa leitura intenciona avaliar esses três elementos em ação simultânea na construção discursiva do poeta. Logo, aproximamo-nos da visão defendida pelos acadêmicos referenciados

das três faces do nosso personagem: a do erudito, amante e político. Destacaremos, posto que o nosso escopo documental não conta com as poesias eruditas catulianas, as duas últimas fronteiras. Isso não significa que Catulo não desempenhava um esforço intelectual ou erudito para escrever as suas obras “extravagantes”. Afinal, utilizar o humor e a obscenidade como artifício demanda conhecimento técnico e a aplicação do mesmo. Do nosso ponto de vista, aos textos por nós selecionados possuem outro objetivo que não o da apreciação estética, e sim o da crítica política.

4. 1. Imagem do homem ideal: o *vir* na República Romana

O ideal de masculinidade romano era centrado na vida política e pública. As principais tradições dessa sociedade exortavam uma educação masculina direcionada para o ofício político e a manutenção da República e das instituições cívicas. Educação tida como masculina, pois só os varões estariam aptos a ocupar os cargos públicos. Isso tudo se estruturava num discurso de oposição entre o masculino e o feminino. Em suma, as discussões políticas em Roma se enquadravam num ambiente que se pretendia masculino e estabelecia posições subalternas para os demais gêneros dentro desse sistema. Veremos a seguir as possibilidades e incoerências de tal discurso presente nas documentações antigas sobre as quais nos debruçamos. Uma rápida revisão bibliográfica seria capaz de demonstrar que diferentes sistemas de masculinidade existiram na Antiguidade e Roma se tornou um palco de encontro e confronto para muitos deles. Começaremos pelo período que engloba o nosso tema de pesquisa, a República do século I. Em seguida, faremos um breve comentário quanto às tradições helênicas de masculinidade e os seus impactos na cultura romana.

Cícero é uma das principais figuras no que tange ao que se considerava tradicional na República Romana do século I. Ele redigiu obras que tiveram o objetivo específico de discutir as melhores condições para o desenvolvimento da República. Tido como um ferrenho defensor das tradições e apontado por muitos como um conservador para a sua época, esse autor antigo servirá de base para introduzirmos alguns conceitos que permeavam a mentalidade tradicional romana acerca da virilidade. O termo *vir* (homem, varão) estava diretamente associado à *virilitas* que, em latim, corresponde a características essencialmente masculinas. Parte desse vocabulário foi mantido pelas línguas latinas com sentidos parecidos. Entretanto, é

importante pontuarmos que as formas de codificação da virilidade mudaram de acordo com o tempo e a sociedade aos quais estamos nos referindo. Assim sendo, um homem romano deve ser conceituado sob um arcabouço de símbolos e significações baseadas no seu comportamento e estatuto social, próprios do seu tempo (THUILLIER, 2013, p. 73).

Na visão tradicionalista de Cícero, o homem ideal deve cultivar a *virtus* (virtude), masculina por essência. A virtude constituía uma coleção de características morais e físicas de um cidadão romano que juntas configuravam a sua *dignitas*, isto é, a sua reputação dentro da sociedade civil e política republicana. Além disso, para mentes conservadoras como a dele, havia mormente uma possibilidade para o uso dessa virtude, a saber: a dedicação à República, à defesa da pátria e à manutenção das engrenagens cívicas romanas. Dentro desse espectro de pensamentos, o luxo e o prazer eram malvistas:

Deixo de nomear os inúmeros varões que salvaram a República, e passo em silêncio aqueles de que se conserva recente memória, temeroso de suscitar queixas com a omissão de algum. Afirmarei, sim, que tamanha é a necessidade de virtude que o gênero humano experimenta por natureza, tão grande o amor à defesa da saúde comum, que essa força triunfa sempre sobre o ócio e a voluptuosidade (CÍCERO, *Da República*, I).

O excerto acima ainda demonstra a preocupação de Cícero em nomear exemplos de varões que salvaram a República graças à sua ilustre virtude. Para não gerar uma indisposição pública, o autor antigo se limita a mencionar grandes nomes do passado, presumindo que no presente existiriam outros tantos. Ao incentivar os seus leitores a ter uma vida virtuosa, ele mantém de forma sagaz a sua crítica aos tempos presentes sem se comprometer ou ofender alguém em específico. Como vimos no Capítulo I desta Dissertação, a República Romana passava por um momento no qual diversos discursos de crise emergiram e Cícero foi um dos propulsores deles. É plausível identificarmos em seus textos o temor de que, com a decadência dos valores republicanos, viris e tradicionais, haveria um colapso social com a subversão de diversos papéis sociais:

Numa República assim governada, a liberdade transforma-se em licença, a própria família fica, no seu interior, desprovida de autoridade, estendendo-se esse contágio aos próprios animais. O pai despreza o filho, e este deixa de honrar o pai. Perece o pudor em nome da liberdade geral; nada separa o cidadão do estrangeiro; o mestre, tremendo ante seus discípulos, adula-os, ao passo que eles o

menosprezam; os jovens pretendem exercer as prerrogativas dos velhos, que, por sua parte, descem às loucuras da juventude para não parecerem odiosos e extravagantes. Os próprios escravos participam dessa libertinagem; reclamam as mulheres idênticos direitos aos de seus cônjuges; em suma, os próprios animais, os cães, os cavalos, os asnos, correm livremente, mas tão livremente que atropelam e envolvem quantos se opõem à sua passagem desenfreada. [...] Aonde conduz esse extremo de licença? Ao triste resultado de tornar os cidadãos tão delicados e sombrios, que a menor aparência de autoridade os irrita e exaspera a tal ponto que sonham com romper as leis que desprezam, para se encontrarem livres de qualquer jugo (CÍCERO, *Da República*, XLIII).

Tal inquietação encena outros valores desejáveis ao *vir* romano, como o comedimento, a contenção e o pudor. O homem romano deveria ser um *togatus vir*, quer dizer, um varão que honrasse a sua toga, vestimenta que simbolizava a sua civilidade e pertencimento à República. A toga, uma roupa quente e pesada, representava um estatuto de virilidade. Por isso, aqueles que preferiam roupas mais leves eram vistos como afeminados. Isso posto, a moral viril se concentrava em três conceitos: *virtus*, *honos* e *fides*. *Virtus* era a coragem voltada para a guerra, a destreza em combate ou enquanto general. *Honos* encarnava dois aspectos da masculinidade, ou melhor, a dominação e o pudor. O *vir* dominava a mulher, o outro e o estrangeiro, porém, não o fazia por luxúria, mas por sua superioridade. As emoções deveriam ser contidas e discretas, dado que o choro e a comoção se tratavam de marcas femininas. Por fim, *fides* retratava o romano fiel, não à sua esposa necessariamente, e sim aos seus princípios morais e à República. O romano ideal tinha um pudor inabalável e era incorruptível (THUILLIER, 2013, p. 113-120).

Podemos perceber que a virilidade, de acordo com os romanos, carecia do seu exercício para além do seu mero desenvolvimento. Ela era exercida e validada pela comunidade, que articulava os discursos concernentes à virilidade e produzia mecanismos de coerção social poderosos e não hegemônicos. Noutras palavras, não é possível presumirmos que o discurso teórico correspondesse exatamente às práticas daquela época. Ademais, argumentações conflitantes coexistiram. Mesmo quando falamos de uma idealização tradicional do homem romano, deparamo-nos com uma relativa flexibilidade.

O pudor e o comedimento também possuíam lacunas a ser analisadas. *Vir* e *virilitas* frequentemente aparecem na literatura latina como referências diretas aos órgãos sexuais masculinos. Retomamos o exemplo do já mencionado poema de Catulo associado aos sacerdotes de Átis, que se tornavam homens sem virilidade, um

semivir ou ainda um *vir sterilis*, ao supostamente cortarem seus genitais. Há uma forte conotação sexual em torno dessas palavras se pensarmos que para ser dotado de virilidade era preciso ser capaz de penetrar sexualmente os seus parceiros. Um exemplo dessa virilidade sexual evocada pode ser encontrado no *Poema* 32 de Catulo, onde o poeta escreve que pretende “meter nove vezes seguidas” com a sua amante Hipsitila (THUILLIER, 2013, p. 74).

Ainda assim, estamos longe de definir uma virilidade naturalmente presumida em Roma. Cícero nos dá diversas evidências de que o exercício da virilidade estava intimamente ligado ao seu desenvolvimento, no qual a educação compunha uma peça fundamental. Para captarmos melhor como os romanos concebiam a virilidade e o seu desempenho, é interessante dedicarmos uma rápida atenção ao termo grego *andreía*. O latim *vir* seria uma espécie de tradução dessa palavra grega, que envolvia toda uma teia de relações masculinas capazes de formar um homem, grego ou romano, através da sua união com um grupo em particular. Embora certas aproximações sejam possíveis, veremos que os romanos faziam questão de se diferenciar dos gregos na sua concepção de virilidade e sexualidade viril. Eles também mantinham opiniões contrárias aos gregos em determinados aspectos da sua educação moral e das consequências dela no corpo cívico.

No que tange à *andreía* grega, Maurice Sartre alegou que temos mais dados dos discursos ligados a ela do que às suas práticas. A observação antropológica tem suas dificuldades posto a escassez de registros voltados para as práticas cotidianas da Antiguidade. Sendo assim, lograremos somente investigar os vestígios e as possibilidades que as documentações antigas apresentam quanto a essas práticas. Dessarte, seremos capazes de confrontar características do discurso com os fragmentos de realidade disponíveis. Sartre ainda defendeu que a *andreía* se construía em oposição ao feminino sob caráter de dominação. Entretanto, esse seria apenas um discurso idealizado que não contemplava de fato as práticas cotidianas dos gregos (SARTRE, 2013, p. 19).

Sabemos que tal povo promovia uma educação voltada para o desenvolvimento dos seus varões. Por meio do treinamento físico e intelectual, os homens gregos eram instruídos a desempenhar a sua função na comunidade politizada. Portanto, havia um sistema discursivo baseado na manutenção de um núcleo familiar e cívico masculino, algo semelhante ao *pater familias* romano. Todavia, não existia um consenso sobre a educação dos jovens. Diferentes autores propunham

múltiplas direções embasados muitas vezes em vertentes filosóficas distintas. Em Esparta, vigorava uma educação essencialmente militar, sem os requintes retóricos e intelectuais prezados por Atenas. Tais diretrizes exerciam certa influência em Roma, que observava e julgava o que seria mais apropriado para o desenvolvimento da República (SARTRE, 2013, p. 23).

A rigorosidade do treinamento espartano foi bem comentada por Plutarco na sua *Vida de Licurgo*. A educação espartana era voltada para os interesses da *pólis*. Meninos e meninas eram separados ainda crianças e direcionados aos seus respectivos sistemas educacionais. Os primeiros se dirigiam para um treinamento militar cujo rigor aumentava de acordo com a sua idade. Com isso, os espartanos pretendiam criar soldados/cidadãos austeros e fortes. É nítido na leitura de Plutarco o destaque à disciplina, ao pudor e ao vigor físico promovidos por essa educação. Esta se pautava na competição, em prol do aperfeiçoamento do cidadão, e na solidariedade, voltada ao fortalecimento dos vínculos comunitários. Os jovens não eram educados pela sua família, mas sim pelos olhos vigilantes da comunidade. Desde cedo, os meninos eram orientados pelos mais velhos a se interessar pela vida pública (SARTRE, 2013, p. 23-29).

Já no modelo ateniense com a sua educação sofista, Sartre comenta que a família estava muito mais presente. Os jovens compareciam ao ginásio, como em Esparta, contudo, viviam com a sua família e frequentavam professores recomendados pelo seu pai. Em Atenas, temos uma cultura de nudez masculina, esportividade, intelectualidade e política baseada no banquete aristocrático ou *sympósion*. Um dos ritos de passagem atenienses se tratava da aquisição do *potérion*, uma taça para beber vinho nessas celebrações. O autor salientou que a *andreía* se desenvolvia, aperfeiçoava e exibia por meio desses banquetes (SARTRE, 2013, p. 32-35).

A construção da *andreía* era promovida por várias práticas coletivas a depender da idade do menino em questão. Elas tinham o objetivo de transportá-lo de uma virilidade em potencial para uma virilidade assumida. Parte dessa trajetória envolvia o papel de efebo ocupado pelos jovens gregos. A formação guerreira se baseava no juramento do efebo ao final da sua educação, que consistia em três etapas: marginalização, inversão e reintegração. Os meninos eram raptados por um amante (*erasta*) para caçarem e desenvolverem exercícios militares nos campos e nas florestas ao redor das *póleis*. Depois, vinham a inversão sexual e os travestimentos,

limitados por disposições morais e legais. O jovem se submetia inclusive sexualmente ao *erasta* para aprender com a sua *andreía*. Por fim, ele retornava à comunidade e fazia os seus juramentos militares em defesa dela. Então, o seu *erasta* o presenteava com um *potérion*, taça símbolo da sociabilidade masculina, um boi a ser sacrificado aos deuses e algum equipamento militar (SARTRE, 2013, p. 36-41).

Não obstante a virilidade romana ter comportado o mesmo universo que a *andreía* grega, isto é, o da sociabilidade masculina, havia algumas práticas que os romanos repudiavam e determinados conceitos eram um pouco diferentes. Em Roma, o equivalente ao efebo grego seria o *puer*. Entretanto, as práticas associadas a ele eram diferentes. No território romano não se admitia a pederastia, ou melhor, a relação entre o *erasta* e o *erômeno* com o caráter educativo. A autoridade paternal romana não aceitava uma segunda autoridade sobre os seus filhos, além do que a passividade sexual do *erômeno* grego era malvista. Os romanos rejeitavam a cultura da nudez masculina nos ginásios e as relações homoeróticas possuíam um cunho pejorativo entre os cidadãos. As únicas associações não consideradas infames eram aquelas relativas aos escravos jovens (THUILLIER, 2013, p. 87-94).

Nesse sentido, a palavra *puer* designava por si só esses indivíduos, bem como nomeava um jovem do sexo masculino. O conceito de *vir* se opunha ao de *puer* tanto quanto se contrapunha a *puella* (mulher jovem). A virilidade se exercia sobre os parceiros de qualquer sexo. Na Roma republicana, era considerado perigoso impor o comportamento passivo a um futuro cidadão romano, pois ele poderia aprender a ceder aos vícios dos prazeres e não desenvolver a sua *virilitas*. Todavia, as documentações antigas evidenciam discrepâncias entre esses discursos e as práticas. Mesmo em situações supostamente vexatórias, temos exemplos de romanos que desempenharam o papel de *puer* sob a alcunha de cidadãos livres muitas vezes além da idade comumente tolerada. Citamos os nomes de Otaviano, Marco Aurélio e do ditador Júlio César. No caso deste último, até os seus soldados zombavam da sua suposta relação passiva com o Rei da Bitínia, o que lhe valeu a alcunha de “Rainha da Bitínia” (THUILLIER, 2013, p. 87-94).

No *Poema 15*, encontramos Catulo preocupado. Ele adverte um possível rival amoroso, amante de um *puer* em comum, a não tocar o rapaz. O poeta teme a devassidão do seu interlocutor e solicita que poupe ao menos esse *puer* das suas empreitadas sexuais. Mas, a intenção catuliana não é clara.

A ti eu me confio e meus amores, / Aurélio, e de pudor eu peço vénia / pois se já desejaste algo em teu ânimo / que mantivesses casto e inteirinho, / preserves em pudor este menino, / não digo das pessoas - delas nada / temo a passar na praça aqui e ali / com suas próprias coisas ocupadas. / Minha paúra és tu, e é o teu pau, / fatal aos bons, fatal aos maus meninos; / por onde queiras, como queiras, leva-o, / quando saíres, pronto para tudo. / Só ele excluo, sim, pudicamente, / pois se uma idéia má ou louca fúria / te impelir, pérfido, a tamanho crime / de contra ele investir, outro eu, / então, ah!, infeliz e malfadado, / pelos pés arrastado, por teu rabo / aberto vão passar mugens e rábãos (CATULO, *Poema 15*).

Ele deseja proteger esse jovem romano de empreitadas sexuais alhures? Ou quer preservá-lo para si? Qual a origem desse jovem? Podemos inferir também que não há garoto algum em específico e que o poeta está apenas evidenciando as preferências sexuais de Aurélio, tornando-as públicas com o objetivo de atingir a *dignitas* dele. Ao seguirmos para o *Poema 21*, somos levados a inferir que a competitividade amorosa entre Catulo e Aurélio era acirrada, pois novamente o nosso personagem censura o seu rival por investir contra os seus amores ao deixar clara a intenção de Aurélio de penetrar a todos. Catulo o adverte que, se continuar, será “enrabado” por ele. Isso posto, temos dados para ao menos duvidar da generalização dos discursos morais acerca do sexo. Identificamos *pueri* em Roma de distintas origens e muitas vezes não somos capazes de averiguá-las com certeza. Ademais, não são poucos os casos de *pueri* celebrados, tal qual Antinoo, escravo do imperador Adriano. Outrossim, eram conhecidos dentro do seu papel submisso e exaltados pela sua beleza, como itens de luxo. Via de regra, a imagem do *puer* ideal estava associada ao escravo oriental, e não aos jovens romanos. Eles eram propriedades e se esperava que desempenhassem o papel passivo diante do seu *dominus*. Eram usualmente idealizados como brancos e delicados, características comumente vinculadas ao feminino.

Em Marcial, reavemos conexões entre a palidez e a efeminação enquanto os homens eram frequentemente mencionados pela literatura como bronzeados. De mais a mais, essa oposição se dava nos ambientes apropriados a cada gênero. Aos *pueri* e *puellae* se atribuíam espaços interiores, como quartos, casas e camas. Já os homens estariam ligados às atividades militares e exteriores. Essa distinção entre homem/externo e mulher/interno configurava um dos pilares que sustentavam o discurso de gênero romano (THUILLIER, 2013, p. 90-96). Catulo dedicou vários dos seus poemas a amantes masculinos e, malgrado a menção de alguns nomes,

sabemos pouco desses parceiros. Seria Juvêncio um amigo do poeta? Cidadão ou escravo? Quais atividades sexuais eles desempenhavam juntos? Não somos capazes de responder a esses questionamentos de forma clara, pois o autor antigo tem o cuidado de não expor o que faz com os seus amantes. Tal cautela pode ser justificada perante a sua preocupação em não atingir a sua *dignitas* ao escrever poemas relativos às práticas infames. A título de exemplo, mencionamos a seguinte passagem:

Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos, / Aurélio bicha e Fúrio chupador, / que por meus versos breves, delicados, / me julgastes não ter nenhum pudor. / A um poeta pio convém ser casto / ele mesmo, aos seus versos não há lei. / Estes só têm sabor e graça quando / são delicados, sem nenhum pudor, / e quando incitam o que excite não / digo os meninos, mas esses peludos / que jogo de cintura já não têm. / E vós, que muitos beijos (aos milhares!) / já lestes, me julgais não ser viril? / Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos. (CATULO, *Poema 16*).

Em nossa perspectiva, os poemas catulianos e dos seus contemporâneos eram uma expressão das versões romanas do *sympósion* grego. Aferimos nos primeiros capítulos desta Dissertação que as elegias estiveram presentes na maioria das festividades romanas e seriam, portanto, peças indispensáveis para a compreensão dos seus espaços de sociabilidade. Assim como pontua Sartre, captamos que os prazeres compartilhados nessas festividades reforçavam os laços grupais, agiam como uma expressão da sociabilidade masculina e constituíam a principal forma através da qual os homens exerciam a sua virilidade. Percebemos ainda uma diferenciação entre os grupos partícipes nessas festividades (SARTRE, 2013, p. 59). Para citarmos um caso em particular, Cícero se opunha aos neotéricos e depreciava os seus versos. Por esse motivo, provavelmente não frequentaria as festividades em que o mote fosse essas apresentações. O teor das festividades, a quantidade de bebidas, *puellas* e *pueri* também variavam. Catulo dificilmente compareceria às reuniões de Cícero, que imaginamos terem sido repletas de republicanos dos mais conservadores para o horror do nosso poeta. No entanto, essas são meras hipóteses e não dispomos das listas de convidados dessas festividades para averiguá-las a fundo. Ainda assim, é certo que esses rivais acabavam por se encontrar pelo menos nos corredores do senado.

Vimos ao longo desta pesquisa que Catulo e os poetas neotéricos propunham uma nova masculinidade, mas não uma masculinidade que aceitasse ou valorizasse as práticas sexuais infames. De fato, o nosso personagem se vale desse arcabouço

de práticas para ofender os seus adversários. Onde então se configura essa nova masculinidade? Provavelmente, o cerne dessa novidade promovida pelos neotéricos estava na atitude coletiva em relação ao sexo e ao próprio vocabulário sexual. Catulo trata desses termos sem um grande pudor literário e pretende, por meio dos seus textos, expor a infâmia. O uso exagerado de vocábulos tidos como menos eruditos ou populares pode ser uma nova marca dessa masculinidade por eles proposta, menos preocupada com as pompas da tradição e mais voltada ao diálogo cotidiano. Para tanto, Catulo orchestra a obscenidade em seus textos como um artifício literário importante, e não enquanto recurso derradeiro de uma falta de sofisticação.

4. 2. Obscenidade e espelho reverso da masculinidade

Lateiner definiu o uso da obscenidade em Catulo como “divertido, metricamente excitante, é competitivo e encoraja audácia, e pode deixar alguém fisicamente agitado” (LATEINER, 2007, p. 261). Voltando ao *Poema 16*, encontramos Catulo intimidando dois indivíduos. Ao usar os termos *pathicus* e *cinaedus*, ele ameaça penetrá-los na boca e no ânus. Todavia, essa é uma bravata simbólica cujo objetivo é ofender. Igualmente, o uso desses vocábulos implica que os ofendidos estariam habituados aos comportamentos sexuais infames descritos pelo poeta. Com isso em mente, para Lateiner, a obscenidade agiria como um dispositivo poético e não evidenciaria um comportamento degenerado. Embora Catulo se esforçasse para não se colocar em meio aos comportamentos infames, devemos lembrar que, do ponto de vista dos mais tradicionalistas, bastava que se escrevesse acerca desses amores para que se rotulasse tal atividade como luxuriosa e coisa de afeminados. Afinal de contas, aqueles que se dedicavam à poesia amorosa não se ocupavam dos assuntos da República (LATEINER, 2007, p. 263).

O autor antigo mistura escatologia com sexualidade e cria um recurso obsceno de função humorística capaz de se aproximar dos tabus com menor tensão. Para mais, as referências indecorosas servem de metáfora para diversas críticas políticas. Desse modo, tal imoralidade é parte central da poesia catuliana, sendo responsável por seu clímax e sentido. A seguir, veremos como ele discursa quanto às infâmias recorrentes dentro da sociedade romana. Avaliaremos que o seu discurso ilustra situações cotidianas, conquanto não sejam reais, e sim espelhos posicionados por Catulo com a finalidade de transformar em narrativa poética as suas querelas, os seus

desafetos e as suas atribuições públicas. Verificamos no estilo catuliano uma simulação da sociabilidade masculina do século I, inspirada por antigos modelos helênicos, mas fortemente vinculada aos valores republicanos (LATEINER, 2007 p. 264).

Constatamos nos poemas sobre Aurélio que a penetração forçada era uma ofensa recorrente em seus textos. Porém, o vocabulário utilizado para esse fim tem uma dupla função. Ele designa não apenas uma ação, ou seja, a de penetrar alguém na boca ou no ânus, mas também identifica um interlocutor passivo, que supostamente já está familiarizado com esse comportamento. Assim, quando traduzimos no *Poema 16* a sentença *Aureli pathice et cinaede Furi* por “Aurélio bicha e Fúrio chupador” percebemos essa dupla função. Identificamos anteriormente que *pathicus* se refere a um ato de passividade sexual, portanto, a escolha da tradução tenta se adequar a um estereótipo contemporâneo de passividade sexual “bicha”. Tais quais os seus correspondentes contemporâneos, *pathicus* e *cinaede* abarcam uma série de práticas e imagens de gênero sexualizadas. Aliás, ainda temos os verbos *irrumare* e *pedicare* que designam a posição ativa de Catulo frente aos orifícios de Aurélio e Fúrio.

Esses atos infames são imputados a César e ao seu general Mamurra nos poemas de número 29 e 57. No *Poema 29*, Catulo caracteriza o fundador de Roma como *cinaede Romule*, traduzido por “Rômulo chupador”. Aqui, vemos uma metáfora sua ao mencionar Rômulo ante o seu descontentamento com César e Mamurra.

Quem pode ver, quem pode suportar / (só um veado, um viciado em jogo!) / Mamurra ter o que a Gália Cornada / tinha antes e a última Britânia? / Rômulo chupador, tu vês e agüentas? / E ele agora, superior, super-rico, / vai perambular pelas camas todas / qual os branquinhos pombos, qual Adónis? / Rômulo chupador, tu vês e agüentas? / És bem veado, viciado em jogo! / Em nome disto foi, comandante único, / que no ocidente andaste à ilha última / p'ra que este teu Pinto todo fodido / comesse ali duzentos ou trezentos? / É outra a liberdade dos ladrões? / Não fodeu tudo? Não consumiu tudo? / Dilapidou primeiro os bens do pai, / depois despojos Pônticos, e após, / Ibéricos, bem sabe o Tejo aurífero. / Temem-no as Gálias, temem-no as Britânias. / Esse infeliz por que ajudais? Que sabe / mais que devorar grandes patrimônios? / Em nome disto, em Roma ó mais potentes!, / ó sogro, ó genro, destruístes tudo? (CATULO, *Poema 29*).

O autor antigo pretende demonstrar uma posição de passividade das instituições republicanas frente as atitudes do ditador. O termo *cinaede* sugere a recepção do falo na boca ou, em termos políticos, a passividade diante da corrupção.

Mamurrae pathicoque Caesarique indica uma posição passiva de Mamurra em relação a César. Contudo, essa conotação sexual não deixa de ser uma metáfora. Encontramos também os termos *impudicus* e as referências aos jogos de azar, aos roubos e aos atos de violência. Esse arcabouço de acusações pretende construir uma imagem torpe e exagerada dos alvos catulianos, distanciados dos ideais *viris* da sociedade e demonstrando a sua inaptidão para o exercício político. No *Poema 57*, Catulo reforça as denúncias de passividade, caracteriza os seus adversários como menininhas e intenciona validar a falta de firmeza deles para com os assuntos diplomáticos.

Tudo certo entre os chupadores ímprobos, / Mamurra, que é passivo,
e César. Não / admira: as manchas de ambos, iguaizinhas, / Romana
uma e a outra Formiana, / tão bem gravadas não serão lavadas; /
sofrendo de um só mal os gemeozinhos, / numa caminha só dois
pedantinhos, / a fim de amantes um não menos que outro, /
companheiros rivais de menininhas: / tudo certo entre os chupadores
ímbrosos (CATULO, *Poema 57*).

Tais textos exemplificam bem uma das categorias de inversão masculina presentes na Antiguidade Romana, quer dizer, aquela do afeminado. Para alguns, em especial para os escravos e as mulheres, esperava-se a ocupação desse papel. Entretanto, vindo de um *vir* romano, ele poderia ser compreendido como uma infâmia. Não obstante, sabemos que as coisas não eram tão simples e o poeta provavelmente tinha hábitos menos pudicos. O *Poema 103* nos dá algumas pistas: “Vai, Silão, ou devolve os meus dez mil sestércios, / e quanto queiras sê cruel, durão, / ou, se as moedas te deleitam, deixa, insisto, / de ser um gigolô cruel, durão (CATULO, *Poema 103*). Nele, o autor antigo reclama de um gigolô cruel que cobrava caro demais pelos seus serviços. Mais uma vez, não temos pistas da origem desse gigolô. Seria ele um *puer*, um escravo ou um homem livre? Além disso, não encontramos informações sobre qual atividade sexual ele teria desempenhado para Catulo. Porém, detemos uma possível evidência de que o nosso personagem se relacionava com prostitutas. Então, seria ele passível de cometer os mesmos atos que os seus colegas já advertidos, Aurélio e Fúrio? Certamente, apreendemos que a persona poética não devia coerência alguma aos fatos e relembramos que a obscenidade era um recurso usado para ofender, e não significava necessariamente uma ameaça real (LATEINER, 2007 p. 265).

No *Poema 106* temos outra reprovação. Um velho e feio e um jovem andando juntos são satirizados: “Vês um menino lindo e, ao lado, um pregoeiro: / não crês que está querendo se vender?” (CATULO, *Poema 106*). Na visão catuliana, o jovem se prostitui e o velho é um tarado. Esse tipo de cena se apresenta desde a Antiguidade Grega, na qual os mais velhos eram repreendidos por perseguirem os efebos (SARTRE, 2013 p. 50). No que tange aos aspectos que caracterizavam os efeminados, Jean-Paul Thuillier salientou a brancura, a delicadeza, a depilação, a moleza e os trejeitos. Todos esses aspectos estavam fortemente relacionados às mulheres, por isso, eram ideais em um *puer*, mas vergonhosos em um *vir*. Inúmeras iconografias destacam homens com peles mais escuras que as mulheres e salientam a associação entre os papéis voltados para os ambientes internos ou externos estabelecidos por meio do gênero. No *Poema 80* temos Gélío, descrito com lábios rosados e pálidos por gostar de praticar sexo oral (THUILLIER, 2013 p. 88).

Por que teus lábios róseos, Gélío, estão mais brancos / que a neve, quando cedo saís de casa / ao frio, ou quando a oitava hora te desperta / de suave sesta após um dia estivo? / Não sei ao certo. É vero o que sussurra a fama, / devoras o que é teso e grande em homens? / É certo: rotas clamam virilhas de Vítor, / coitado, e marcas de esperma em teus lábios (CATULO, *Poema 80*).

No *Poema 25*, Talo é a vítima, acusado de roubar um lenço:

Talo, bicha, mais mole que pêlo de coelho, / que miolo de ave ou o lóbulo de uma orelhinha, / que o pênis lânguido de um velho, e aranhas, teias; / Talo, rapina, mais que túrbida procela, / se a lua mostra mulherengos bocejantes, / devolve o manto que de mim roubaste e o lenço / de Sétabis e meus bordados Tínicos, tolo, / que usas por aí, quais se fossem teus, herdados. / Agora tira as unhas deles e devolve, / que a lanugem, que é teu ladinho, e as mãos molinhas / vão ter riscos, rabiscos de tosca vergasta, / vais te agitar demais, qual diminuta nau, / que insano a vir o vento em alto-mar surpreende (CATULO, *Poema 25*).

Ele é qualificado como “mais mole que o pênis lânguido de um velho”. Aparenta ter unhas protuberantes e trejeitos delicados com as mãos, que usa com maestria para roubar. No *Poema 28*, Catulo se queixa a Talo de seus ganhos com Pisão na corte de Mêmio, que é frouxo e não consegue negócios rentáveis, deixando a bagagem da corte “bem levinha”.

Amigos de Pisão, coorte mísera, / de bagagem levinha e bem ligeira, / caro Verânio e tu, ó meu Fabulo: / ei!, como vão as coisas? Já bastante / frio e fome passastes com um frouxo / destes? Não há no

livro algum lucrinho / no “DEVE”, como eu tenho, pois seguindo / o meu pretor, no lucro lanço os gastos? / (Mêmio, tu, lento e sempre, este teu pau / meteste-me na boca, e eu deitado.) / Mas pelo visto vós tivestes sorte / igual, pois estais fartos de um pau nada / menor. (Arranja amigos da nobreza!) / Que os deuses, deusas muitos males mandem-vos, / ó vergonha de Rômulo e de Remo (CATULO, *Poema 28*).

O poeta finaliza se colocando pela primeira vez numa posição sexualmente desfavorável, situação em que Mêmio “mete o pau” em sua boca. Essa certamente é uma metáfora referente à sua subordinação a um pretor que considerava frouxo e incapaz de prover mais rendimentos à corte. No *Poema 33*, Vibênio é um ladrão com “a direita corrompida” e o seu filho tem “o cu devorador”.

O tu, melhor ladrão dos balneários, / Vibênio, pai, e o filho bem veado, / (o pai tem a direita corrompida, / o filho tem o cu devorador) / por que não ides ao exílio em torpes / terras, se das rapinas do pai todo / o povo sabe e tão peludas nádegas, / filho, não poderás vender por nada? (CATULO, *Poema 33*).

Não bastassem essas ofensas, o rapaz ainda tem “peludas nádegas”, algo impróprio a um bom passivo que deveria se adequar aos ideais de um *puer*. É possível encontrarmos uma associação negativa entre comportamentos sexuais infames e a prática de certos delitos, como o roubo. Ademais, os pêlos eram importantes marcadores de maturidade viril. O primeiro barbear constituía um ato religioso em que o jovem conservava a barba no cofre familiar e a consagrava aos deuses do lar. Na Grécia, depois do primeiro barbear, considerava-se impróprio o papel de efebo/*puer*. Portanto, a presença de pêlos era incompatível com o universo feminino. Mas, apesar do passado deveras rústico e peludo dos romanos, nos tempos da República era apropriado que os homens mantivessem a sua barba, os seus cabelos e as suas unhas aparadas, os seus dentes brancos, as suas vestes limpas e as suas axilas e narinas poderiam ter os seus pêlos cortados. No entanto, ressaltamos que o cuidado excessivo era malvisto e tido como afeminado. O espelho não era um objeto partícipe do universo masculino. Por fim, a higiene era outra marca de um *vir* notável (THUILLIER, 2013, p. 105-111).

Catulo comenta em alguns poemas escatológicos os infortúnios que o mal cheiro poderia trazer a um homem. No *Poema 69*, ele relata que o pobre Rufo não consegue uma parceira pois há “um bode horrível” em suas axilas que, de tão fétido, nenhuma garota estaria disposta a se deitar com ele:

Não te admires por que mulher alguma, Rufo, / queira trançar contigo as coxas tenras / nem que a abale o regalo de um vestido raro / ou mesmo a luz, delícias de um diamante. / Tua ruína é a história ruim dum bode horrível / que habita o vale de tuas axilas. / Temem-no todos, não espanta: a fera é má, / com quem meninas belas não se deitam. / Por isso, ou mata a peste fatal aos narizes / ou deixa de admirar-te por que fogem (CATULO, *Poema 69*).

No *Poema 71*, Rufo supostamente tem sucesso em alguma empreitada romântica, mas a pobre moça acaba por contrair o mesmo mal que o do rapaz.

Se a alguém com jus o bode infame das axilas / lesa, ou se alguém merece a gota lerdá, / é o teu rival, que faz amor com teus amores, / que um e outro mal de ti pegou -incrível - / pois quanto ele a fodeu, foi quanto aos dois puniu: / nela pôs mau cheiro e ele tem a gota (CATULO, *Poema 71*).

Já no *Poema 97*, o poeta se mostra confuso quanto à situação de Emílio. Ele não sabe se é “a boca ou o cu de Emílio estou cheirando” e, em seguida, faz referência à possibilidade de ele beber urina e chupar ânus:

Não creio (deuses me socorram) perceber / se a boca ou o cu de Emílio estou cheirando. / Uma não é mais limpa nem mais sujo é o outro. / Mesmo assim é mais limpo o cu, melhor, / pois não tem dentes: dentes a boca tem sesquipedais, / gengivas quais de um velho assento, / além de um ricto igual sói ter a vulva, aberta / pelo calor, da mula quando mija. / E muitas ele fode, faz-se de elegante, / e no moinho ou burro não o punem? / Se alguma o toca, não diremos que é capaz / de o cu lambar de um mórbido carrasco? (CATULO, *Poema 97*).

Visto que a virilidade se caracterizava por essa postura dominante, Catulo faz piada com o membro avantajado de Mentula, nome que é sinônimo de pênis em latim. No *Poema 94*, o autor antigo atribui a fama de Mentula com várias amantes ao seu nome, que faz jus ao seu dote: “Sim. Pinto tem amantes. Tem amantes Pinto? / O nome, como dizem, faz o homem” (CATULO, *Poema 94*). Em seguida, no *Poema 115*, ele compara a prosperidade material dele ao tamanho do seu membro:

Pinto tem bens: tem trinta jeiras de pastagem, / quarenta de lavoura e o resto é mangue. / Não venceria Crespo em riqueza quem tem / num só barranco tanta propriedade - / campos e pastos, muitos bosques, mato, pântano / até ao Oceano e aos Hiperbóreos? / Tudo tem grande, e ele, entretanto é o maior, / não homem, porém pinto, o perigoso. (CATULO, *Poema 115*).

Num primeiro olhar, pensamos que esses versos são elogiosos e promovem a *virilitas* desse homem. Todavia, somos capazes de salientar que o excesso de amantes e de bens luxuosos poderia compor um demérito à *dignitas* de um romano (THUILLIER, 2013, p. 116-118). Outro ponto a ser abordado seria a fidelidade, qualidade essencial. Ela não estava vinculada unicamente à ideia de cônjuge e poderia ser estendida ao campo do ideal masculino em si. Isso posto, relações adúlteras eram reprovadas, bem como o ato de frequentar casas de prostituição indicava um comportamento excessivo. Porém, todas as infâmias comentadas aqui não passavam disso. Eram motivos de riso na cidade e de fofocas recorrentes e, ao fim e ao cabo, não levavam à abertura de um processo judicial. Somente o adultério e o estupro eram punidos, desde que praticados contra cidadãos romanos ou mulheres livres das aristocracias. As tentativas de Augusto de legislar sobre o adultério e promover leis de bom pudor sexual foram exceções. Não houve uma investida efetiva de se atuar dentro da população romana por esses parâmetros (THUILLIER, 2013 p. 86).

Doravante tais informações, no *Poema 6*, Flávio é o primeiro endereçado de Catulo que frequenta os prostíbulos:

Flávio, tuas delícias a Catulo, / se não forem sem graça e elegância, quererias contar e calar não / poderias. Não sei que tipo, a puta / febril que agora adulas. Confessá-lo / te envergonha. Que tu solteiras noites / já não deitas proclama um leito, em vão / sem voz, fragrante a flores e perfumes / Sírios, e os travesseiros de um e de outro / roçados por igual, os mexericos / e o remexer da cama toda trêmula. / Nada vale calar teus coitos sórdidos. / Por quê? Uns tão fodidos flancos não / mostrarias se inépcias evitasses. / O que de bom ou mau então tu fazes / conta-me. Quero a ti e a teus amores / ao céu erguer com meu ligeiro verso (CATULO, *Poema 6*).

Nesse texto, o autor antigo se propõe a cantar as delícias do rapaz. A começar pela “puta febril que agora adulas”, observamos que uma das amantes de Flávio não é do agrado do poeta. Ele também comenta certos prazeres da cama, como os luxuosos perfumes sírios. Novamente, a associação com o oriente remete à hostilidade romana para com os estrangeiros, que tendiam a ser considerados efeminados em seus gostos. A sofisticação no luxo e no prazer era reputada como feminina e estrangeira ao homem romano.

Bruno Dumézil trouxe análises interessantes concernentes à visão romana do homem estrangeiro. O autor definiu que, usualmente, os romanos tinham duas

atitudes frente aos homens bárbaros. A primeira delas era presumir uma virilidade natural, estimulada pelo ambiente da guerra. Em contraposição à virilidade romana, forjada pela educação do *vir*, a dos bárbaros – e aqui o acadêmico se volta para os germânicos – se dava pelo próprio cenário da guerra. Com o fim das lutas, os bárbaros não resistiriam aos prazeres da civilização e se tornariam viciados nas mesmas. O germânico só era fiel à sua esposa e aos seus princípios de guerra enquanto essa última perdurasse. Dessa forma, ele não teria contato com as prostitutas e *pueri* da sociedade. Era sob esse prisma que os romanos afirmavam a sua virilidade como mais nobre em comparação a dos guerreiros germânicos (DUMÉZIL, 2013, p. 127-133).

No *Poema 37*, temos ofensas a Egnácio, um ibérico e possível amante de Lésbia. Catulo faz alusão à brancura dos dentes daquele devido à prática de escová-los com urina, algo que os romanos atribuíam aos Ibéricos.

Lúbrica taberna, ó contubernais, / nona coluna após os Dioscuros, / só vós (achais) que tendes pau, podeis / só vós comer qualquer menina e achar / que os outros são uns bodes? Ou será, / porque estais bem sentados, comportados, / cem, duzentos boçais, achais não ouse / eu só meter na boca de duzentos / comensais? É crer: contra vós, cacetes!, / nessa taberna vou grafar grafitos / pois a menina, que a meu peito fuge, / amada quanto ninguém mais será / por quem tão grandes guerras já pugnei, / senta-se aí. E ela, ledos, lestos, / todos amais, é certo, e o que é indigno, / todos ralé, putanheiros dos becos: / e mais que todos tu, belos cabelos, / filho da Celtibéria, rica em coelhos, / Egnácio!, a quem faz lindo espessa barba / e dentes limpos com urina Ibérica (CATULO, *Poema 37*).

O poema começa com o nosso personagem no espaço de uma taberna na qual ele descreve que agora disputa o amor de uma *puella* – provavelmente alguma prostituta, ou a própria Lésbia – com o dito Egnácio. A hostilidade aos estrangeiros, pelo menos aos não assimilados, posto que o próprio Catulo era oriundo de Verona, surge no formato de fábulas acerca das populações provenientes dessas regiões. Inferimos que Catulo articula muitos dos seus posicionamentos políticos dentro da sua narrativa poética. Nesse caso em específico, a antipatia frente aos Ibéricos. Por outro lado, estaria ele se valendo de um conhecido preconceito relativo àquela região para atacar um rival em potencial? Certamente, a sua intenção foi trabalhar com essas duas estratégias (LATEINER, 2007, p. 273).

Lateiner abordou uma série de poemas dedicados a Gélio, marcados por acusações de incesto, textos que se encontram no catálogo desta Dissertação. A

começar pelo *Poema 74*, Gélio é acusado de ter relações sexuais com a sua tia sob o conhecimento e a conivência do seu tio:

Gélio ouvira que o tio soía censurar / quem delícias contasse ou quem fizesse. / Não quis passar por isto, então comeu a esposa / do tio e desse tio fez um Harpócrates. / Fez o que quis porque, por mais que foda a boca / do tio, o tio não falará palavra (CATULO, *Poema 74*).

O *Poema 88* o acusa de se deitar com a sua mãe e a sua irmã:

O que faz, Gélio, quem com mãe e com irmã / se excita e nu as noites passa em claro? / O que faz quem ao tio não deixa ser marido? / Não sabes que comete crime enorme? / Comete, Gélio, o que nem Tétys, cerca-mundo, / nem, pai das ninfas, o Oceano lava. / Pois crime algum não há maior que o seu, nem que ele / baixe a cabeça e engula-se a si mesmo (CATULO, *Poema 88*).

Na sequência, Catulo questiona a magreza de Gélio, supostamente fruto do excesso de sexo com as suas belas irmã e mãe no *Poema 89*:

Gélio é magrinho, não? Quem tem tão boa mãe, / tão dadivosa, e tem irmã tão linda, / e tio tão bom, de todo lado tendo moças / por parentes, não ia ser tão magro? / Se bem não toque em nada em que tocar é nefas / verás razões demais por que ele é magro (CATULO, *Poema 89*).

Mas, é no *Poema 90* que as culpabilizações se tornam quase explícitas. Gélio é acusado de tentar engravidar a própria mãe durante um ritual baseado numa vertente religiosa persa com o pretexto de gerar um mago:

Do nefando conúbio de Gélio e a mãe surja / um mago e aprenda o aruspício Persa. / De mãe com filho é que convém que venha um mago / - se é vera a ímpia religião dos Persas - / por que, propícios por seu canto, os deuses louve / e queime vísceras em píngüe chama (CATULO, *Poema 90*).

O último texto a mencioná-lo, o *Poema 91*, sugere que Gélio é adepto de comportamentos sujos que ultrapassam o mote sexual:

Se eu esperava, Gélio, que ias ser fiel / neste meu triste, neste amor perdido, / não foi por conhecer-te bem, te achar constante, / em quem a mente afasta a infâmia torpe, / mas por não ser nem tua mãe nem tua irmã / esta por quem um grande amor tragava-me. / E embora eu tendo estreitas relações contigo, / não quis crer que esta causa te bastasse. / Bastou-te. E para ti prazer está em toda / falta em que há qualquer coisa criminosa (CATULO, *Poema 91*).

Até aqui, buscamos construir uma breve imagem dos diálogos tangentes à masculinidade na obra catuliana. Concluímos que o poeta pretende edificar um novo conceito de masculinidade, desvinculado das alas centrais do senado, ainda marcado pela preocupação com o destino da República. Diferentemente de Cícero, Catulo parece projetar ambições mais individuais e familiares, que ilustram o ambiente de competitividade característico da aristocracia romana. Para além dessa pretensão de dominação masculina e viril, localizamos uma série de discursos em conflito na época em que esta pesquisa se insere. Os comportamentos sexuais infames eram uma grande oportunidade para se atacar a *dignitas* de um romano. Contudo, a falta de rigor efetivo com que esses assuntos eram tratados reforça que tais práticas foram muito distintas daquelas reveladas pelo ideal tradicionalista. Isso posto, resta-nos investigar a situação das mulheres na narrativa catuliana.

4. 3. O *vir* e as mulheres: imagens femininas nas invectivas catulianas

Vimos no Capítulo II desta Dissertação que os homens romanos dominavam os setores mais importantes da sociedade. Outrossim, eles eram responsáveis pelas mulheres que compunham as suas famílias. Embora o discurso tradicional as tenha relegado a um papel de passividade e obediência, apontamos em nossas próprias documentações que essa situação não se respaldava na realidade. A começar pelo casamento, que não presumia uma ligação de amor entre os cônjuges e retratava um compromisso cívico voltado para fins políticos e econômicos. Muitas mulheres podiam conquistar certa liberdade financeira ao se livrarem dos seus pais e maridos. Geralmente, elas permaneciam sob a guarda masculina e a sua conduta se refletia nesses homens. Em compensação, as mulheres tinham acesso aos bastidores das relações aristocráticas e serviam de alicerce para as diversas colaborações entre as famílias. Através dos casamentos, os romanos elevavam o seu prestígio e patrimônio. O divórcio também era corrente. Em suma, o domínio masculino pretendia utilizá-las como recursos materiais. A literatura latina está cheia de imagens femininas negativas. Muitas delas sofreram com o excessivo olhar repressor masculino. Outras foram atacadas com o intuito de atingir a imagem de um homem próximo a elas.

De mais a mais, as mulheres sempre estiveram presentes nas celebrações cívicas, inclusive desde o *sympósion* grego ao lado de flautistas, prostitutas (os), efebos e toda sorte de prazeres. Ainda que sejam poucas, temos evidências da

existência de poetisas como Safo. Seria plausível atestarmos que as mulheres participavam ativamente de tais momentos coletivos e até mesmo tomavam a frente nos romances. O espaço de sociabilidade masculino do mundo greco-romano não existia sem a presença delas, dos efebos e dos afeminados, pois era sobre essas pessoas que se deveria exercer a virilidade. Isso explicaria a necessidade de Catulo nomear aquelas mulheres que deseja ofender. Tanto quanto os homens, elas tinham uma reputação a zelar na comunidade e o seu comportamento era constantemente vigiado. Infelizmente, é comum que muitas mulheres sequer sejam nomeadas pelas documentações antigas, nas quais são comumente apresentadas nos papéis de esposas, mães ou filhas (SARTRE, 2013, p. 61-70).

Virgine Girod trouxe importantes reflexões quanto à moral sexual das mulheres romanas. Havia aquela atribuída às mulheres e que se baseava em diversos valores tradicionais. O culto às vestais foi a principal instituição religiosa feminina de Roma e centralizava os valores básicos esperados das mulheres romanas, por exemplo, a castidade, a dedicação e a obediência. Enquanto mães e mantenedoras do lar, elas eram apontadas como uma benção. Mas, estariam suscetíveis a corrupções e traições. Daí a necessidade de serem controladas pelos homens. A obra de Girod também contemplou outros aspectos da sexualidade feminina e procurou se distanciar das abordagens excessivamente masculinas. A autora demonstrou como as mulheres encenaram práticas sexuais plurais em um contínuo diálogo com o universo masculino. Constatamos nas documentações por ela utilizadas uma variedade de atividades, até mesmo aquelas cujas prostitutas foram celebradas (GIROD, 2013). Averiguamos definições como a de *virago*, vocábulo que designava uma mulher com características masculinas. Estas não configuravam formas pejorativas, pois eram usadas para referenciar deusas tais quais Diana e Minerva (THUILLIER, 2013 p. 78).

Em diversos dos seus poemas, Catulo se apresenta hostil às mulheres e manifesta todo um arcabouço de práticas impróprias, específicas ou não, para elas. O *Poema 111* é de uma série contra Aufilena: “Aufilena!, viver feliz com um só homem / é o louvor dos louvores das esposas. / Mas é melhor deitar quando e com quem quiser / do que, mãe, com o tio gerar irmãos” (CATULO, *Poema 111*). O autor antigo a acusa de incesto e nos dá um breve panorama da gravidade das infâmias sexuais dela. Seria preferível a moça “deitar quando e com quem quiser do que, mãe, com o tio gerar irmãos” (CATULO, *Poema 111*). Logo, o incesto parece um crime maior que o adultério ou a prostituição. Temos poemas nos quais o poeta se vinga de prostitutas

caras ou ex-amantes ingratas. No *Poema 11*, ele pede para os seus conhecidos, Fúrio e Aurélio, que levem durante a sua viagem um recado destinado a uma das garotas com as quais ele se envolveu.

Fúrio e Aurélio, amigos de Catulo / - se for até os extremos Indos, onde / praias contunde a onda do oriente / que soa ao longe / ou se entre Hircanos ou morosos Árabes / ou Sagas ou os Persas porta-setas / ou os mares que o Nilo (sete gêmeas fauces) colora / ou se através dos Alpes for tão altos, / do grande César vendo os monumentos, / o Reno Gálico e os Bretões horrendos, último povo - / dispostos a enfrentar todo perigo / vindo por via do querer divino, / dissei palavras à minha garota, / poucas e boas! / Vá viver e gozar com seus amantes, / que, juntos, uns trezentos ela agarra / nenhum de fato amando mas os membros / rompendo em todos / e não se volte mais ao meu amor / que caiu por sua culpa como a flor / do último prado, em que, passando, o arado / então tocou (CATULO, *Poema 11*).

A mensagem constitui um término grosseiro e o nosso personagem sugere que ela procure seus outros amantes. Nesse caso, não temos o nome da amante em questão. Todavia, há a sugestão de que Fúrio e Aurélio se relacionavam com ela assim como Catulo.

No *Poema 41*, há uma queixa contra Ameana, uma prostituta aparentemente recomendada e frequentada por outro rapaz, Formiano. A moça teria cobrado muito além do que os seus encantos valeriam e levou o poeta a comentar quanto à sua protuberância nasal como evidência da sua falta de beleza:

Ameana, menina tão fodida, / dez mil cobrou-me e muito bem contados, / essa tal de nariz todo disforme, / amante do falido Formiano. / Ó parentes, que tendes seu cuidado, / amigos, médicos, mandai vir todos! / Não é sã a menina nem costuma / no espelho se enxergar como ela é (CATULO, *Poema 41*).

O poeta pretende com isso desmerecer os dotes sexuais de Ameana, com o fim de obter um desconto por seus serviços. Além disso, percebemos a intenção do poeta de atingir a reputação da mulher. O *Poema 43* descreve uma garota, cujo nome não é explicitado, com um nariz protuberante, feia e amante de Formiano. Imaginamos que Catulo ainda esteja se referindo a Ameana. Porém, nesse texto, o motivo de sua ira é a comparação dessa mulher com a sua amada Lésbia. Para ele, tal paralelo é ridículo.

Salve, menina de nariz não mínimo, / de pés não belos, não escuros olhos, / dedos não longos, boca nada límpida, / e fala nem um pouco refinada, / amante do falido Formiano. / Por acaso a província te acha

bela? / És tu que és comparada à minha Lésbia? / Que estúpido, que século sem graça! (CATULO, *Poema 43*).

A seguir, no *Poema 42*, o nosso personagem opta por processar uma mulher que lhe roubou alguns cadernos. Cansado da demora dos litígios, ele decide persegui-la pelas ruas e a chama por “Puta fétida! Devolve os cadernos”. Ele ainda se preocupa em relatar os seus trejeitos:

Decassílabos!, vinde, quantos sois, / todos, de toda parte, todos vós: / uma puta indecente me reputa um / brinquete e diz que não devolve as vossas / tabuinhas para ver se suportais. / Vamos processar, vamos reclamar! / Perguntais quem é? É aquela que vedes / de indecente andar, rindo com seus gestos / debochados, de boca arreganhada. / Fazei o cerco a ela e reclamai: / “Puta fétida, devolve os cadernos, / devolve, fétida puta, os cadernos.” / Tu nem ligas? Ó lama, lupanar, / ou o que podes ser de mais perdido. / Mas não se creia ser isto o bastante. / Se nada mais se pode, o rubor vamos / pôr na cara de pau desta cadela. / Outra vez conclamai com voz mais alta: / “Puta fétida, devolve os cadernos, / devolve, fétida puta, os cadernos.” / Mas nada conseguimos, nada ocorre. / Mudemos de estratégia e de maneira / para ver se podeis conseguir mais: / “Pudica e proba, devolva os cadernos” (CATULO, *Poema 42*).

Acerca de Lésbia, Catulo apresenta os seus impropérios. No *Poema 58*, dirigido para Célio, Lésbia – a qual ele apresenta como “nossa Lésbia” e dá a entender que Célio também mantinha relações com ela – é apresentada da seguinte maneira: “Célio: nossa Lésbia, aquela tal Lésbia, / Lésbia, aquela, única que Catulo / amou mais que a si e todos os seus, / agora nos becos e encruzilhadas / descasca os filhos de Remo magnânimo” (CATULO, *Poema 58*). Essa é uma clara alusão a prostituição nas ruas. Já no *Poema 83*, Catulo se gaba de que Lésbia dissimula o seu amor por ele ao falar muito mal dele para o marido.

Lésbia, na frente do marido, fala mal / de mim, prazer enorme ao imbecil. / Sua besta, nada vês! Se, esquecida de mim, / calasse, ela estaria sã, mas berra, / xinga, pois não só lembra, mas - o que mais forte / tem ódio, isto é, já arde; logo, fala (CATULO, *Poema 83*).

O *Poema 92* revela que não é somente Lésbia que o maldiz, sendo as constantes brigas e insultos um sintoma de seu amor recíproco: “Lésbia só fala mal de mim, sempre, e não cala nunca; que eu morra se ela não me ama. Como sei? Também tenho tal sintoma; ataco-a muito: que eu morra, sim, se não a amo” (CATULO, *Poema 92*). O *Poema 86* apresenta outra cena de competitividade feminina. Catulo compara a beleza de Quíntia àquela de sua Lésbia. Afirma que

muitos a descrevem como bela, porém, ele considera Quíntia alta e magra demais. Bela mesmo é a sua amada e comparações desse tipo não tem sentido para ele.

Para muitos Quíntia é bela, para mim é / clara, esguia, bem feita; isto eu aceito, / de todo nego aquele “bela”. Pois beleza / alguma, nenhum gosto há em tão grande / corpo. Lésbia sim é linda: toda belíssima, / só ela a todas roubou toda a graça (CATULO, *Poema* 86).

É difícil precisar as intenções do nosso personagem ao redigir esses poemas. Provocar Lésbia e alimentar certas disputas entre amantes pode ser a resposta mais prática. Não obstante, é exequível que não tenhamos à nossa disposição certas formas de decodificação de tais textos que nos permitiriam inferir intenções políticas mais profundas.

A nossa intenção com esta exposição foi defendermos a grande variedade de discursos sexuais e de gênero presentes em Catulo e as possibilidades de reprodução deles na sociedade do seu tempo. Como manifestamos, as nossas documentações apresentam muitas lacunas, principalmente relativas à falta de detalhes dos personagens que as compõem. Dedicamo-nos a elucidar esses pontos críticos em que não somos capazes de determinar a intensidade das práticas fomentadas pelos discursos. Os textos antigos nos apresentam uma diversidade de retratos da realidade, porém, não constroem um plano de fundo coerente que nos permita situá-las de acordo com a sua ocorrência. Longe de estabelecermos uma relatividade geral para as relações de gênero da Antiguidade, intencionamos aprimorar os mecanismos de análise das práticas e culturas encenadas em torno dos dispositivos do sexo e do gênero.

Em suma, esperamos ter elucidado que, apesar da pretensa dominação pronunciada pelos discursos acerca da virilidade, ela se transformava com o tempo. Consequentemente, as suas relações com o gênero feminino se alteravam. As mulheres, os afeminados, as prostitutas e os escravos eram frequentemente deslocados dos seus papéis ideais, ainda que sob os temores dos mais tradicionalistas. Esses personagens também interagiam e ajudavam a compor a comunidade política e estavam no cerne de inúmeras atividades cívicas, como o casamento e as celebrações públicas. Como resultado, a imagem de uma inversão sexual e de gênero se estabeleceu como um tabu na cultura romana. Tabu este trabalhado de pontos de vista heterogêneos de acordo com o espaço ao qual nos referimos. Enfim, procuramos analisar os espaços literários e os possíveis impactos

das representações que compunham tais produções na sociedade da República Romana do século I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos demonstrar ao longo desta pesquisa como Catulo usa o sexo enquanto artifício poético para efetuar as suas críticas políticas. Compreendemos que a sua obra constitui um importante vestígio acerca dos comportamentos sociais estabelecidos na República Romana do século I mediante os discursos de poder estruturados no que tange ao gênero e ao sexo. Com isso, tivemos por intuito elencar diferentes modelos de experiência sexual e de gênero vividos pelos romanos do período em questão. Identificamos a prevalência de um discurso idealizado nas documentações antigas e, ao mesmo tempo, encontramos nos poemas catulianos inúmeras evidências de comportamentos e atitudes distantes de tais definições teóricas. Reavemos nos textos expostos mulheres ocupando um espaço específico nas dinâmicas ofensivas catulianas e, por conseguinte, constatamos uma forte influência por parte delas nas articulações sociais republicanas.

Por outro lado, a presença recorrente de homens caracterizados como “afeminados” e sexualmente “passivos” entre as camadas dirigentes da República, tal qual Júlio César, oferece-nos uma visão menos verticalizada das tradições romanas. Era possível a um afeminado, considerando todas as implicações e práticas que esse termo poderia designar, atingir altos escalões. A infâmia dos comportamentos sexuais parece ter tido um peso atenuado se comparado aos tempos atuais. A prática de evidenciar a insatisfação política por meio do sexo também não desapareceu. Dessa forma, a leitura das poesias por nós selecionadas permitiu que mirássemos múltiplos posicionamentos catulianos de acordo com o estatuto social e a atividade sexual mencionados. Concluímos que o estigma sexual se estabelecia através de uma associação da passividade sexual com a incompetência econômica ou política.

A postura do poeta entrega as suas intenções moralizantes. Concomitantemente às ofensas dirigidas contra os seus adversários, ele garante que será o agente ativo da infâmia descrita, quando se faz envolvido, juntamente à sua cautela para não mencionar as suas práticas sexuais em detalhes. Do nosso ponto de vista, essa conveniência é o principal pilar das suas invectivas. O seu objetivo primordial não seria uma representação fiel das práticas sexuais infames dos

romanos, mas algo mais próximo do cotidiano sexual republicano no formato de uma paródia. Em outras palavras, acreditamos que a leitura de Catulo, principalmente se efetuada em paralelo às obras de outros poetas neotéricos, proporciona-nos um amplo panorama de representações sexuais e de gênero que ultrapassavam os valores tradicionalistas. Na poesia neotérica, homens e mulheres encenam igualmente situações sexuais infames. As acusações são as mesmas para ambos os sexos, cria-se fofocas sexuais acerca dos adversários do autor, ri-se das infâmias cometidas por seus amigos e são apontadas outras ainda maiores contra os seus inimigos.

Para nós, o uso instrumental dos vínculos sexuais para a crítica política retrata um interessante marco na cultura ocidental. Daí em diante, em vários momentos históricos, poesia e sexo se reencontraram para construir críticas e reflexões. Atinamos que, sob a ótica de Catulo e dos romanos do século I, o sexo assumia uma ferramenta de sociabilidade dinâmica, capaz de reforçar laços e criar disputas. Ponderamos também que, embora nos deparemos com a presença de um discurso de poder que pretende “moderar” o sexo, não havia na Roma republicana mecanismos políticos ou sociais capazes de coagir os praticantes de qualquer um dos ultrajes descritos.

Assim sendo, entendemos que a presença de um discurso de poder sobre o sexo e o gênero não implicava necessariamente no seu cumprimento compulsório dentro da sociedade. A simples existência de ideias e atos tidos como impróprios ou desviantes mascara uma heterogeneidade de ligações que o poder, por numerosas motivações, pretendia suprimir. Entretanto, ao contemplarmos os profusos vestígios históricos que documentam as práticas sexuais antigas, chegamos à conclusão de que não existia um consenso entre os discursos proferidos. Logo, optamos por nos afastar de uma perspectiva binária concernente ao gênero na Antiguidade.

Por mais que as documentações antigas insistam numa categorização binária de gênero, é viável que apontemos muito mais transformações nas construções do masculino e feminino do que conceitos estáveis. As diferentes regiões em contato com Roma experienciavam os seus próprios discursos, as suas idealizações e os seus conflitos. Nesse sentido, os estudos históricos ainda estão no início dos seus esforços para identificar e procurar apreender as possibilidades discursivas e as práticas tangentes ao sexo e ao gênero. Gostaríamos de defender com esta Dissertação a íntima relação, estabelecida quase que compulsoriamente, entre o sexo e o gênero.

O principal argumento estruturador e organizador dos discursos relativos às práticas sexuais pretende estabelecer as posições ideais para o masculino e o feminino. Isso cria uma falsa naturalidade para determinados papéis e certos comportamentos que não integravam o cotidiano antigo de acordo com os documentos disponíveis atualmente para o pesquisador.

A tradição desenvolvida em Roma pelos neotéricos, que colocava o sexo e o amor como atos principais do teatro político, ainda se faz presente. Em contextos díspares, artistas contemporâneos a nós vêm utilizando o sexo como ferramenta de reflexão política. Porém, com objetivos distintos daqueles constatados nas documentações antigas. A politização do sexo no século XXI tem um forte caráter identitário e de reafirmação. Os domínios do prazer e da representação e performance de gênero ganharam uma conotação política nova. Hoje, os discursos de poder desejam emancipar categorias marcadas historicamente pelo sexo, como as mulheres, os homossexuais, os transsexuais e os intersexos. Dentre outros tantos pleitos, o principal é o fim do estigma da subordinação social por meio da submissão sexual, isto é, a dissociação entre o prazer, a penetração e o poder. Algo que seria muito estranho aos romanos, visto que para eles as práticas sexuais não encarnavam um arcabouço identitário capaz de mobilização cívica e política.

Enfim, esperamos que esta Dissertação possibilite reflexões quanto ao uso do sexo como ferramenta de sociabilidade e de estruturação das diferenças de gênero na Roma republicana do século I. Por meio de tal instrumentalização, será possível ao acadêmico investigar intercorrências nos discursos de poder, bem como sondar as aplicações e a frequência destes na sociedade da República Romana.

BIBLIOGRAFIA

Documentações textuais

CATULO. **O Livro de Catulo**. Introdução, tradução e notas por João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CATULO. **O Cancioneiro de Lésbia**. Introdução, tradução e notas por Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991.

CATULLUS. **The Book of Catullus**. Introduction, translation and comments by Simon Smith. Carcanet Press Ltd: Manchester, 2018.

CATULLUS. **The Poems of Catullus: A Bilingual Edition**. Introduction, translation and comments by Peter Green. Los Angeles: University of California Press, 2005.

CICERO. **Letters to Atticus**. Edited and translated by David Roy Shackleton Bailey. Oxford: University Press, 1999.

CICERO. **The Republic and The Laws**. Translation by Niall Rudd. Introduction and notes by Jonathan Powell e Niall Rudd. Oxford: University Press, v. 1, 1998.

Obras de referência

GLARE, P. G. W. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: University Press, 2012.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do Latim Essencial**. São Paulo: Autêntica, 2010.

Obras gerais

ANICETO, Bárbara Alexandre. **Pela abstinência do falo**: um estudo das esposas atenienses na comédia antiga. Curitiba: CRV, 2020.

ARAÚJO, Sonia Regina Rebel de; ROSA, Cláudia Beltrão da; JOLY, Fábio Duarte. Apresentação. In: ARAÚJO, Sonia Regina Rebel de; ROSA, Cláudia Beltrão da; JOLY, Fábio Duarte (orgs.) **Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga**. Rio de Janeiro: Nau, 2010a, p. 13-20.

ARAÚJO, Sonia Regina Rebel de; ROSA, Cláudia Beltrão da; JOLY, Fábio Duarte (orgs.) **Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga**. Rio de Janeiro: Nau, 2010b.

ATKINS, Jed W. **Roman Political Thought**. Cambridge: University Press, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANT, Leonardo. **O Poder da Cultura**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANALI, Luca; PERILLI, Lorenzo. **I Tre Volti di Catullo**. Milano: RCS Libri S.p.A., 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2001.

CARDOSO, Zelia de Almeida. A Representação da Mulher na Poesia Latina. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da

(orgs.). **Amor, Desejo e Poder na Antiguidade**: Relações de Gênero e representações do feminino. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 243-264.

CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; GOUVÊA, Márcio Meirelles; OLIVA NETO, João Angelo (orgs.). **Por que calar nossos amores?** Poesia Homoerótica latina. São Paulo: Autêntica, 2017.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. A posição da mulher na Roma Antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. *In*: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Gláydson José da Silva (orgs.). **Amor, desejo e poder na antiguidade**. Relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: Editora Unifesp, 2014, p. 265-278.

CLAUSEN, Wendell. Catulli Veronensis Liber. *In*: GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies**: Catullus. Oxford: University Press, 2007, p. 56-65.

COLLINS, John H. Cicero and Catullus. **The Classical Journal**, Northfield, v. 48, n. 1, p. 11-17 e 36-41, 1952.

COPLEY, Frank. Catullus 1. *In*: GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies**: Catullus. Oxford: University Press, 2007, p. 37-34.

COZER, Alexandre. **Os falos de Príapo e as masculinidades romanas**: sexo, humor e religião na Priapeia (Círculo séc. I d.C.). 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008.

DAMER, Erika Zimmermann. **In the flesh**: embodied identities in Roman Elegy. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2019.

DUMÉZIL, Bruno. O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. *In*: VIGARELLO, Georges (dir.). **História da virilidade**. A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, p. 127-151.

DUNN, Daisy. **Catullus Bedspread**: The Life of the Rome's most Erotic Poet. London: Harpercollins, 2016.

ELLIS, Havelock. **Psicologia do Sexo**. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera, 1971.

ELLIS, Robinson. **A Commentary on Catullus**. Oxford: University Press, 2010.

FEITOSA, Lourdes M. G. Conde. **Amor e Sexualidade no popular pompeiano**: Uma análise de gênero em inscrições parietais. 2002. 195 f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

FINLEY, Moses. **História Antiga**: Testemunhos e modelos. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

FINLEY, Moses. **Uso e Abuso da História**. Martins Fontes: São Paulo, 1989.

FLOWER, Harriet I. (ed.). **The Cambridge Companion to The Roman Republic**. Cambridge: University Press, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Paulo: Graal; Paz e Terra, v. 1, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. São Paulo: Graal; Paz e Terra, v. 2, 1998.

FREISENBRUCH, Annelise. **As primeiras damas de Roma**: as mulheres por trás dos Césares. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Gláydson José da; orgs. **Amor, desejo e poder na antiguidade**. Relações de gênero e representações do feminino. São Paulo: Editora Unifesp, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

GABBA, Emilio. Rome and Italy: the Social War. *In*: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008, p. 104-128.

GAISSER, Julia. Introduction. *In*: GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies**: Catullus. Oxford: University Press, 2007a, p. 1-26.

GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies**: Catullus. Oxford: University Press, 2007b.

GARTON, Stephen. **Histories of Sexuality**. London: Equinox, 2004.

GIBSON, Roy K. Gallus: The First Roman Love Elegist. *In*: GOLD, Barbara K. (ed.). **A Companion to Roman Love Elegy**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2012, p. 172-186.

GIROD, Virginie. **Les Femmes et le Sexe dans la Rome Antique**. Paris: Éditions Tallandier, 2013.

GOLDSWORTHY, Adrian. **Antônio e Cleópatra**: a história dos amantes mais famosos da Antiguidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GOLDSWORTHY, Adrian. **Em nome de Roma**. Tradução de Claudio Blanc. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

HARRISON, Stephen. **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005a.

HARRISON, Stephen. Lyric and Iambic. *In*: HARRISON, Stephen (ed.). **A Companion to Latin Literature**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2005b, p. 189-200.

HAVELOCK, Eric A. **The Lyric Genius of Catullus**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 1939.

HEXTER, Ralph J. The kisses of Juventius, and policing the boundaries of Masculinity. *In*: INGLEHEART, Jennifer (ed.). **Ancient Rome and the constructions of modern homosexual identities**. Oxford: University Press, 2015, p. 273-287.

HUBBARD, Thomas K. **Homosexuality in Greece and Rome: A Sourcebook of basic document**. California: University Press, 2003.

HUNTER, Richard. Callimachus and Roman Elegy. *In*: GOLD, Barbara K. (ed.). **A Companion to Roman Love Elegy**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2012, p. 155-171.

JAMES, Sharon L. **Learned girls and male persuasion: gender and reading in Roman Love Elegy**. Los Angeles: University of California Press, 2003.

LANGLANDS, Rebecca. **Sexual morality in Ancient Rome**. Cambridge: University Press, 2006.

LATEINER, Donald. Obscenity in Catullus. *In*: GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies: Catullus**. Oxford: University Press, 2007, p. 261-281.

LINTOTT, Andrew. Political history, 146-95 B.C. *In*: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008a, p. 40-103.

LINTOTT, Andrew. **The crisis of the Republic: sources and source-problems**. *In*: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008b, p. 1-15.

LINTOTT, Andrew. The Roman empire and its problems in the late second century. *In*: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008c, p. 16-39.

LYNE, Richard Oliver Allen Marcus. The Neoteric Poets. *In*: GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies: Catullus**. Oxford: University Press, 2007, p. 109-140.

MCCARTHY, Kathleen. **I, The Poet: First Person form in Horace, Catullus and Propertius**. London: Cornell University Press, 2019.

MEDEIROS, Mariana Carrijo. Entre a crise política e a crise moral de finais da República Romana (I a.C.): fronteiras entre o discurso e o real. **Gaia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 172-188, 2019.

MENEZES, Victor Henrique da Silva. **As masculinidades de Júlio César: recepções antigas e midiáticas**. 2018. 242 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2018.

MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NOVAK, Maria da Glória. O Lirismo de Caio Valério Catulo. Uma Leitura de seu poema sobre um barco (Carm. IV). **Língua e Literatura**, São Paulo, n. 22, p. 137-153, 1996.

O'HARA, James J. **Inconsistency in Roman Epic**: Studies in Catullus, Lucretius, Vergil, Ovid and Lucan. Cambridge: University Press, 2007.

OLIVA NETO, João Angelo. Introdução. *In*: CATULO. **O Livro de Catulo**. Introdução, tradução e notas por João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996a, p. 14-36.

OLIVA NETO, João Angelo. A Warren Cup e os poemas pederásticos de Catulo: considerações sobre erotismo nas artes da Roma antiga. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, n.2, p. 45-59, 1996b.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos Monteiro. **Sobre a natureza das coisas de Lucrécio e Astronômicas de Manílio**: a construção discursiva da crise republicana a partir das abordagens epicurista e estoica. 2021. 301 f. Tese (Doutorado em História, Memória e Imaginários Sociais) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2021.

PAUSE, Henrique Hamester. **Alexandre Magno como homem-fronteira**: virilidade e identidade greco-romana na construção do monarca Macedônico de Plutarco e Arriano. 2021. 179 f. Dissertação (Mestrado em História, Poder e Cultura) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2021.

PIANTANIDA, Cecília. **Sappho and Catullus in Twentieth-Century Italian and North American Poetry**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2021.

PINTO, Renato. **Duas rainhas, um príncipe e um eunuco**: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana. 2011. 254 f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

PINTO, Renato. O 'crime' da homossexualidade no exército e as representações da masculinidade no mundo romano. *In*: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CARVALHO, Margarida Maria de; CARLAN, Cláudio Umpierre; SILVA, Érica Cristhyane Moraes da. **História militar do mundo antigo**. São Paulo: Annablume, v. 3, 2010, p. 75-95.

POWELL, Jonathan; PATERSON, Jeremy (eds.) **Cicero The Advocate**. Oxford: University Press, 2004.

POWELL, Jonathan; RUDD, Niall. Introduction. *In*: CICERO. **The Republic and The Laws**. Translation by Niall Rudd. Introduction and notes by Jonathan Powell e Niall Rudd. Oxford: University Press, 1998, p. 18-60.

RIBEIRO, Daniel Valle. Cícero, o Senado e o Fim da República Romana. **Revista de História**, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 313-324, 1969.

RIBEIRO JÚNIOR, Benedito Inácio. **Para além da heteronormatividade**: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d.C.). 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis, 2016.

RICHLIN, Amy. **The Garden of Priapus**: Sexuality and Aggression in Roman humor. Oxford: University Press, 1992.

ROSA, Claudia Beltrão da. O *Vir Bonus* e a *Prudentia civilis* em Marco Tulio Cícero. *In*: ARAÚJO, Sonia Regina Rebel de; ROSA, Cláudia Beltrão da; JOLY, Fábio Duarte (orgs.) **Intelectuais, Poder e Política na Roma Antiga**. Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 21-57.

SANTOS, Igor Moraes. **A HUMANITAS DE CÍCERO**: ENSAIO SOBRE CULTURA, FORMAÇÃO HUMANA E TOLERÂNCIA NA REPÚBLICA ROMANA. *In*: DIGNIDADE E TOLERÂNCIA: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DA DIGNIDADE HUMANA. Belo Horizonte: Initia Via Editora, 2019, p. 57-94.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. *In*: VIGARELLO, Georges (dir.). **História da virilidade**. A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, p. 19-70.

SBERNA, Daniele. **Callimachus and Catullus in a Quest for Liberty**. 2017. 258 f. Masters thesis (Master of Letters) – Durham University. Durham, 2017.

SCOTT, Joan Wallach (ed.). **Feminism and History**. Oxford: University Press, 1997.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, Oxford, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SEAGER, Robin. The rise of Pompey. *In*: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008, p. 208-228.

SERIGNOLLI, Lya Valeria Grizzo. **Imagines Amoris**: as figurações de Amor em Roma do final da República ao Período Augustano. 2013. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

SILVA, Semíramis Corsi. “Não me chame de senhor, pois eu sou uma senhora”: a performatividade transgênero do imperador Heliogábalo (218-222). *In*: SILVA,

Semíramis Corsi; ANTIQUEIRA, Moisés (orgs.). **O Império Romano no século III. Crises, transformações e mutações.** Rio de Janeiro: Desalinho publicações, 2021a, p. 89-118.

SILVA, Semíramis Corsi. Os *Galli*, sacerdotes de Cibele: representações literárias femininas e possibilidades sobre as práticas de castração ritual. **Notandum**, Maringá, a. 24, n. 56, p. 1-22, 2021b.

SILVA, Semíramis Corsi. “Porque de Galo, então, chamamos quem se castra [...]?” Interseccionalidade em representações de sacerdotes castrados no Império Romano. **Mare Nostrum**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 287-315, 2020.

SKINNER, Marylin B (ed.). **A Companion To Catullus.** Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007a.

SKINNER, Marylin B. Introduction. *In*: SKINNER, Marylin B. (ed.). **A Companion To Catullus.** Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2007b, p. 1-10.

SKINNER, Marylin B. **Catullus In Verona: A Reading of The Elegiac Libellus 65-116.** Ohio: University Press, 2003.

SMITH, Simon. **The Books of Catullus.** 2013. 237 f. Tese (PhD in Creative Writing) – University of Glasgow. Glasgow, 2013.

STEEL, Catherine; BLOM, Henriette Van Der (eds.) **Community and Communication Oratory and Politics in Republican Rome.** Oxford: University Press, 2013.

STRAUSS, Barry. **A Morte de César.** São Paulo: Seoman, 2017.

STROUP, Sarah Culpepper. **CATULLUS, CICERO, AND A SOCIETY OF PATRONS: The Generation of the Text.** Cambridge: University Press, 2010.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: **vir, virilitas, virtus.** *In*: VIGARELLO, Georges (dir.). **História da virilidade.** A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013, p. 71-124.

UNGERN-STERNBERG, Jürgen von. The Crisis of the Republic. *In*: FLOWER, Harriet I. (ed.). **The Cambridge Companion to the Roman Republic.** 2 ed. New York: Cambridge University Press, 2014, p. 78-98.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. ENFIM TODO CATULO À DISPOSIÇÃO DO LEI BRASILEIRO. **Revista USP**, São Paulo, n. 35, p. 175-181, 1997.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Introdução. *In*: CATULO. **O Cancioneiro de Lésbia.** Introdução, tradução e notas por Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Hucitec, 1991, p 11-34.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Persona Poética e Autor Empírico na Poesia Amorosa Romana.** São Paulo: Unifesp, 2016.

VEYNE, Paul. **Elegia Erótica Romana**. São Paulo: Unesp, 2013.

VEYNE, Paul. **El Imperio Grecorromano**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

VEYNE, Paul. **Sexo & Poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality**: Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity. Oxford: University Press, 1999.

WISEMAN, Timothy Peter. The Collection. *In*: GAISSER, Julia Haig (ed.). **Oxford Readings in Classical Studies**: Catullus. Oxford: University Press, 2007, 66-75.

WISEMAN, Timothy Petere. The Senate and the *populares*, 69–60 B.C. *In*: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: University Press, v. 9, 2008, p. 327-367.

WRAY, David. **Catullus and the Poetics of Roman Manhood**. Cambridge: University Press, 2011.

YAKOBSON, Alexander. TRADITIONAL POLITICAL CULTURE AND THE PEOPLE'S ROLE IN THE ROMAN REPUBLIC. **Historia**: Zeitschrift Für Alte Geschichte, Stuttgart, v. 59, n. 3, p. 282-302, 2010.

ZAINA, Emilio. **La Materialidad de la Escritura em Los Poemas de Catulo**. Amsterdam: Adolf M. Hakkert Publisher, 2009.